

O ESPORTE ENQUANTO CONTEÚDO CONCEITUAL, PROCEDIMENTAL E  
ATITUDINAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

VALÉRIA MACIEL BATTISTUZZI

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade (Área de Pedagogia da Motricidade Humana).

RIO CLARO  
Estado de São Paulo-Brasil  
Dezembro/2005

O ESPORTE ENQUANTO CONTEÚDO CONCEITUAL, PROCEDIMENTAL E  
ATITUDINAL NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

VALÉRIA MACIEL BATTISTUZZI

Orientadora: IRENE CONCEIÇÃO ANDRADE RANGEL

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Motricidade (Área de Pedagogia da Motricidade Humana).

RIO CLARO  
Estado de São Paulo-Brasil  
Dezembro/2005

796.07 Battistuzzi, Valéria Maciel  
B336e O esporte enquanto conteúdo conceitual, procedimental e  
atitudinal nas aulas de educação física escolar / Valéria Maciel  
Battistuzzi. – Rio Claro : [s.n.], 2005  
147 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista,  
Instituto de Biociências de Rio Claro  
Orientador: Irene Conceição Andrade Rangel

1. Educação física – Estudo e ensino. 2. Esporte. 3.  
Dimensões de conteúdo. I. Título.

Ofereço este trabalho ao meu pai (In Memoriam), à minha querida mãe e ao Nestor, pessoas especiais da minha vida. Não sei o que faria sem vocês!

## AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus, que me deu a vida, e essa vontade imensa de lutar pelos meus ideais.

À minha mãe, Maria de Lourdes, por todo amor, preocupação e dedicação. Você é a melhor mãe do mundo!

Ao Nestor, meu amor, meu amigo, por todo apoio e torcida. Amo Você!

À toda a minha família, que eu adoro de paixão, e em especial às primas, irmãs e amigas, Daniela, Lívia e Samira.

À minha querida orientadora Tati, que confiou em meu trabalho e sempre me atendeu carinhosamente. Agradeço pela amizade, aprendizado e contribuições. Você é muito especial!

Aos professores de Educação Física da rede de ensino municipal de Americana, principalmente às meninas que fizeram parte deste momento tão especial: Silvana, Marjorie, Andréa, Eliana e Morgana. Adoro vocês!

Às amigas e colegas de trabalho, Estela e Sandra, será sempre um prazer trabalhar com vocês.

Aos membros desta banca, que aceitaram prontamente meu pedido.

Ao João, amigo e profissional competente, que se dispôs em vir de Santa Maria trazendo contribuições para a minha dissertação.

À Suraya, que admiro muito como pessoa e profissional. Agradeço por fazer parte do LETPEF.

Aos membros do LETPEF, e à todos que fazem parte da minha vida, que de alguma forma me colaboraram para a realização desta dissertação.

## RESUMO

Os Parâmetros Curriculares Nacionais elegem a cidadania como eixo norteador e propõem que sejam trabalhados nas aulas de Educação Física o esporte, os jogos, as lutas, as ginásticas, as atividades rítmicas e expressivas, além dos conhecimentos sobre o corpo. Os principais avanços que o documento apresenta são: o princípio da inclusão (sugerindo a participação de todos os alunos nas atividades); os temas transversais (relacionando a disciplina com os grandes problemas da sociedade brasileira), e as dimensões dos conteúdos (conceituais, procedimentais e atitudinais). O presente trabalho teve como objetivo subsidiar os professores de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental como o esporte pode ser tratado dentro de uma proposta pedagógica que leva em conta as três dimensões dos conteúdos: conceituais, procedimentais e atitudinais. A metodologia utilizada foi a pesquisa-ação, de cunho qualitativo, constituída por três etapas. Os sujeitos participantes foram cinco professoras da rede municipal de ensino da cidade de Americana - SP. Inicialmente cada professora participante respondeu a um questionário com o objetivo de detectar o conhecimento prévio sobre o tema, assim como suas dúvidas, opiniões, dificuldades, necessidades e sugestões. Estas respostas serviram de base para a elaboração da próxima etapa, que foram os nove encontros. Estes encontros aconteceram na forma de vivências, debates, exposições e leitura de textos, visando debater e ampliar os olhares sobre esta temática. Na última etapa, as participantes responderam outro questionário apresentando as sugestões e contribuições para uma avaliação final. Os resultados nos mostraram que as professoras, embora tivessem dificuldades em compreender

e considerar as dimensões dos conteúdos, as superaram e realizaram propostas que abrangeram tais dimensões em sua totalidade. Além disso, abordaram outros aspectos relevantes, tais como: respeitar o princípio da diversidade de conteúdos e aprendizagem, e dar atenção especial à mídia e sua relação com o fenômeno esportivo. Tais considerações nos levam a confirmar que as professoras estão abertas a mudanças e novas possibilidades em suas aulas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Esporte; Educação Física escolar; Dimensões dos conteúdos.

## ABSTRACT

The National Curricula Parameters elect the citizenship as a north axle and propose to be worked in the Physical Education classes the sport, the games, the fights, the gymnastics, the rhythm and expressive activities, besides knowledge about the body itself. The main advances that the document presents are: the inclusion principle (that guarantees the participation of all students in the activities); the transversal themes (relating discipline to the biggest problems of the Brazilian society); and the contents' dimensions (conceptual, procedure and attitudinal). The present work had as object to verify with Juniors' Schools teachers how the sport can be treated inside a pedagogical proposal, that takes into account three dimensions of the contents: conceptual, procedural and attitudinal. The methodology used was the research-action, with qualitative basis, composed by three steps. The participants were five teachers (women) from public schools from Americana - SP - Brazil. Initially, each teacher/participant answered a questionnaire with the objective to detect the previous knowledge about the theme, as well as their doubts, opinions, difficulties, needs and suggestions. These answers were used as a basis for the elaboration of the next step that was composed of nine meetings. These meetings happened as experience exchanges, debates, expositions and text readings, aiming to discuss and increase the views over the current theme. In the last step, the participants responded another questionnaire presenting suggestions and contributions for a final evaluation. The results showed that the teachers, even though they had difficulties to comprehend and consider the dimensions of the contents, overcame them and made proposals that range the contents' dimensions in

its totality. Besides it, they mentioned other relevant aspects, such as: respect the principle of contents' diversity and learning, and beyond giving special attention to the media and its relation with the sport phenomenon. Such considerations lead to confirm that the teachers are open to changes and new possibilities in their classes.

**KEYWORDS:** sport; school physical education; contents' dimensions.

## SUMÁRIO

	Página
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	01
1.1 Objetivo.....	06
<b>2. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	07
2.1 O que é esporte? .....	07
2.2 Educação Física e Esporte.....	09
2.3 A crítica ao esporte de rendimento na escola.....	17
2.4 Possibilidades para o esporte na escola.....	21
2.5 As dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais.....	27
<b>3. METODOLOGIA</b> .....	33
3.1 Sujeitos e contexto.....	35
<b>4. RESULTADOS e DISCUSSÃO</b> .....	39
4.1 Conhecendo as propostas e o grupo: formação inicial, formação continuada e história de vida.....	39
4.2 PCN's de Educação Física: diminuindo dúvidas.....	51
4.3 O Esporte em aulas de Educação Física escolar: um desafio aos professores.....	59
4.4 Esporte-educação.....	68
4.5 Novas possibilidades para o ensino do Esporte na Educação Física escolar.....	83
4.6 Confirmando as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais.....	92
4.7 Elaboração das atividades.....	102
4.8 Avaliação dos resultados.....	114
4.9 Considerações finais do grupo.....	125

<b>5. CONCLUSÃO</b> .....	130
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	133
APÊNDICE A – Carta de apresentação às professoras.....	139
APÊNDICE B – Questionário aplicado às participantes do projeto.....	141
APÊNDICE C – Questionário final.....	142
ANEXO 1- Origem e História do Basquetebol.....	143
ANEXO 2- História da NBA.....	146

## **1. INTRODUÇÃO**

Escolher o tema esporte para estudar não foi tarefa difícil. Esse fenômeno esteve sempre presente em todos os momentos da minha vida. Quando criança comecei a apreciar o futebol devido às influências dos meus pais. Na escola, sempre adorei participar de todas as atividades das aulas de Educação Física, nas quais, desde a 1ª série do Ensino Fundamental, eram ministradas por especialistas, por sinal, ótimos professores. Na adolescência, participava de treinamentos de voleibol e representava a cidade em campeonatos. Conheci muitos amigos e colegas nas quadras, além de uma pessoa muito, muito especial. Também não foi difícil escolher o que cursar na graduação. Hoje, minhas melhores amigas são professoras de Educação Física. Eu não faria outra coisa.

Logo que terminei meu curso de graduação em Licenciatura Plena em Educação Física numa universidade particular, não sabia qual direção seguir em relação ao mercado profissional, mesmo tendo realizado o estágio no último ano. A primeira oportunidade que surgiu na época foi algumas aulas de substituição em escola pública. Apaixonei-me pelo magistério e, cada vez mais, busquei melhorar a minha prática pedagógica.

O esporte na escola é um tema que me toca. Esse interesse aumentou significativamente quando cursei disciplinas de mestrado na Unesp como

aluna especial e observei que tudo o que estudava estava inserido no contexto escolar, no dia-a-dia.

Há quase seis anos trabalho como professora da área no Ensino Fundamental em uma instituição pública da rede de ensino municipal de Americana-SP, denominada CIEP (Centro Integrado de Educação Pública) que funciona em período integral. Trabalhando com o esporte na escola, percebo que existem várias formas de se aproveitar este conteúdo, diferentemente de apenas vê-lo mecanicamente. Uma delas é trabalhá-lo em suas dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais. Desta forma, creio que, para além das críticas que se faz ao esporte, podemos verificar sua contribuição na formação de crianças e jovens.

A Educação Física escolar ainda pode ser confundida com o esporte, ou seja, o esporte é conteúdo de referência para muitos alunos e professores, apesar das inúmeras crises e mudanças pelas quais a mesma passou nos últimos anos.

Este fato pode ser comprovado por pesquisa realizada por Lovisolo (1995) na qual uma das questões tinha como objetivo, identificar se os alunos e seus responsáveis (pais, avós...), realizavam ou não algum tipo de distinção entre Educação Física e esporte. Do total dos responsáveis 54% dos entrevistados não encontraram diferença entre Educação Física e esporte e 47,5% dos alunos entrevistados responderam que Educação Física e esporte são a mesma coisa.

Pude observar o fato do esporte ser hegemônico enquanto conteúdo durante minha pequena experiência no magistério (seis anos), observando alguns colegas da área e pelos resultados obtidos através das pesquisas de (Lovisolo, 1995; Betti, 1992).

Essas pesquisas mostram que a Educação Física é a disciplina preferida dos alunos. Em Lovisolo (1995), os alunos apontaram a Educação Física como disciplina que mais gostam (382 alunos dos 2056 entrevistados), só que a mesma não aparecia entre as primeiras mais importantes, pois, dos mesmos 382, somente 129 alunos entrevistados a consideraram como disciplina mais importante, ficando este item em sétimo lugar entre as demais. Nesse caso, segundo o autor, os alunos não viam relação entre atividades importantes e atividades prazerosas.

Betti (1992), verificou que dos 58 alunos entrevistados, 64% consideram a Educação Física a disciplina que mais gostam. Entretanto, verificou também que as crianças, muitas vezes, não acreditam que a Educação Física seja uma disciplina ou matéria escolar. Já em pesquisa mais atual de Darido (2004a), verificou que a Educação Física passou para quinta disciplina mais importante na 5ª série do Ensino Fundamental, para quarta na 7ª série e terceira no 1º ano do Ensino Médio. A autora afirma que através dos resultados dos alunos, conforme eles envelhecem, a disciplina de Educação Física passa a ter maior importância.

A igualdade se estabelece a partir da constatação daquilo que se faz na Educação Física e, em especial, de suas práticas na escola (LOVISOLO, 1995). O professor é o principal responsável pela prática pedagógica do esporte, e dos outros conteúdos inseridos na esfera da Educação Física escolar, como os jogos, danças, lutas, ginásticas, atividades rítmicas e expressivas, e conhecimentos sobre o corpo.

Este fato ocorre, principalmente, devido às influências historicamente construídas, sofridas pela Educação Física ao longo dos anos.

Até a década de 50, a Educação Física no Brasil foi influenciada pela área médica, por interesses militares, pensamentos pedagógicos, além da importação dos modelos ginásticos europeus. Já no início de 1950, com o Método Desportivo

Generalizado, surgiu a esportivização, que teve seu auge na década de 70. A Educação Física passou a ser sinônimo de esporte. Só na década de 80 começaram a surgir novas abordagens pedagógicas em oposição às concepções biologistas, tecnicista e esportivista, começando as críticas ao esporte de rendimento na escola.

Cresce o número de publicações na área e entre os autores, surgem polêmicas, equívocos e questões mal resolvidas sobre o assunto, aparecendo duas formas de visão sobre a aplicação do esporte na escola totalmente diferentes. Uns passaram a negar o esporte como conteúdo escolar, e outros, a refletir a relação entre esporte e Educação Física.

Após este período de mudanças e surgimento de novas propostas pedagógicas, como fica, então, a visão do professor de Educação Física escolar em relação ao esporte?

Os profissionais ou futuros profissionais devem se posicionar criticamente a favor ou contra em relação a muitos assuntos que lhes deviam preocupar, como propostas de abordagens alternativas do corpo e seus movimentos que têm surgido muito mais fora do círculo da Educação Física, do que dentro dele.

Surgem cada vez mais esportes diferentes, danças, ginásticas, práticas corporais alternativas, e o profissional deve estar atualizado, para julgar os benefícios e prejuízos destes, podendo adaptar alguma nova atividade na escola, ou simplesmente para informar seus alunos.

Mas como fazê-lo, se a universidade, ou seja, o que se produz de mais atual na universidade, está tão distante da prática cotidiana da realidade escolar?

Mesmo com o surgimento das novas propostas, alguns professores de Educação Física ainda resistem às mudanças, por vários motivos: sejam eles de formação profissional, falta de acesso ao que se produz nas universidades (livros,

revistas especializadas e cursos de formação continuada), ou mesmo, falta de infraestrutura escolar (materiais e quadras precárias), além de baixos salários, baixo status da disciplina e classes super lotadas.

Por esses motivos, dentre outros, alguns profissionais ainda têm uma visão que Educação Física é sinônimo de esporte, principalmente de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental. Além disso, esses professores tratam do esporte de uma maneira mecanicista/ tecnicista, e não na sua totalidade, como deveria.

Essa visão reducionista do esporte faz com que diminua a participação dos alunos nas aulas, pois os “baixinhos”, “gordinhos” e “menos habilidosos” são deixados em segundo plano em algumas situações de aulas, principalmente nas aulas que antecedem o “campeonato escolar”.

Assim, a preocupação principal deste trabalho foi a de levantar possibilidades de se continuar ensinando o esporte na escola, tendo em vista ser este um conteúdo da cultura corporal de movimento, mas com um outro olhar, o da ótica de Zabala (1998). Este autor vislumbra a aplicação dos conteúdos escolares das disciplinas subdivididos em conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais. A categoria conceitual refere-se à abordagem de conceitos, fatos e princípios, ou seja, adquirir informações; vivenciar situações, atingir conceitualizações mais abrangentes e compreender princípios. A categoria procedimental expressa um “saber fazer”; tomar decisões; realizar uma série de ações de forma ordenada, atingir uma meta e construir instrumentos para analisar processos e resultados obtidos. Já a categoria atitudinal, inclui valores, normas e regras. As atitudes envolvem: cognição, afetos e condutas. As normas e regras orientam padrões de conduta e os valores orientam ações e possibilitam fazer juízo crítico. A seguir apresento o objetivo desta pesquisa.

## **1.1 OBJETIVO**

O presente trabalho teve como objetivo subsidiar professores de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, como o esporte pode ser trabalhado dentro de uma proposta pedagógica que leva em conta as três dimensões dos conteúdos: conceituais, procedimentais e atitudinais, sugeridas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, com base em (Coll et al., 2000; Zabala, 1998), na busca de um maior equilíbrio entre as mesmas.

## **2. REVISÃO DE LITERATURA**

### **2.1 O que é o esporte?**

Não há dúvida de que o esporte se tornou um dos maiores fenômenos sócio-culturais do século XX, pois está diante da gente o tempo todo, mesmo se não o praticamos.

O esporte ganha cada vez mais espaço na sociedade, seu número de praticantes aumenta a cada dia, sejam eles preocupados em preencher horas de lazer de uma maneira prazerosa, pensar na manutenção da saúde e qualidade de vida ou, ainda, por imposição da sociedade que cultua o corpo perfeito.

Possui também uma considerável importância econômica, pois movimenta muito dinheiro nas competições esportivas, nas áreas de turismo e lazer, além da chamada “indústria da forma física perfeita” que vende produtos como roupas, tênis e equipamentos esportivos.

Mas o esporte não nasceu pronto. Jogos e práticas corporais já existiam na cultura ocidental desde a época dos antigos gregos. O Esporte Moderno nasceu na Inglaterra no século XIX. Naquela época, a Inglaterra tinha uma forte sociedade civil

que favorecia a organização dos esportes, pois os clubes eram locais de encontro das pessoas, onde discutiam política, cultura e organizavam festas (TUBINO et al, 2000).

Havia uma tradição de competições como a caça, a corrida, o boxe e as lutas que ocorriam nas festas rurais, dando origem ao conceito de esporte com fins educativos, recreativos e sociais.

O autor afirma também, que no final do século XVIII, as escolas secundárias inglesas aderiram aos esportes como meio de formação educativa, e esse costume foi adotado também pelas universidades. Já no final do século XIX, o poder econômico e político da Inglaterra, facilitou a divulgação dos esportes para o resto do mundo.

Mas a idéia de esporte amador que se formou no século XIX, sofreu transformações e com o desenvolvimento das sociedades industriais, o esporte se tornou um negócio rentável, e os políticos viram nele um excelente meio de propaganda para a formação do sentimento de nacionalidade.

O processo de profissionalização e desenvolvimento econômico do esporte trouxe prejuízos em relação a alguns ideais esportivos originais, como a vitória a qualquer custo, o uso do doping e a corrupção, mas possibilitou a democratização da prática esportiva entre as camadas populares, pois, até então, o esporte era quase sempre praticado pela elite econômica.

A partir daí ocorreram algumas reações e resistências na sociedade para que o seu conceito original não fosse destruído, e que o esporte fosse tratado numa dimensão total ao invés de uma visão que só buscava o rendimento. A seguir serão apresentados alguns conceitos de esporte de diferentes autores, como Brasil (1998, p. 70), que considera esporte como sendo “as práticas em que são adotadas regras

de caráter oficial e competitivo, organizadas em federações regionais, nacionais e internacionais que regulamentam a atuação amadora e profissional”.

Já Betti (1991, p. 25), afirma que o esporte é:

[...] uma ação social institucionalizada, convencionalmente regrada, que se desenvolve com base lúdica, em forma de competição entre duas ou mais partes oponentes ou contra a natureza, cujo objetivo é, através de uma comparação de desempenhos, designar o vencedor ou registrar o recorde; seu resultado é determinado pela habilidade e estratégia do participante, e é para este gratificante tanto intrínseca como extrinsecamente.

Para Bracht (1989, p. 69), o esporte é uma “atividade corporal com caráter competitivo surgida no âmbito da cultura europeia e que com esta expandiu-se para todos os cantos do planeta”.

Todos os conceitos acima possuem uma estreita ligação entre esporte e jogo, portanto, prefiro adotar a concepção de Tubino et al. (2000, p.8), que conceituam o esporte como uma “atividade social que se originou do jogo e se institucionalizou, e sua prática é um direito de todos. Tem como elemento essencial a competição e pode ser apresentado nas perspectivas da educação, do lazer e do rendimento”.

Vale lembrar que o objeto de estudo deste trabalho não é propriamente o esporte de rendimento, nem o de lazer, e sim, sua relação com a Educação Física escolar e a Educação.

## **2.2 Educação Física e Esporte.**

Até os dias atuais, a Educação Física escolar pode ser confundida com o esporte, ou seja, nas aulas de Educação Física, o esporte é conteúdo de referência para a maioria dos alunos e para alguns profissionais da área como mostram os

estudos de (Betti, 1991; Kunz, 1989; Betti, 1992). Este fato ocorre principalmente, devido às influências historicamente construídas pela Educação Física ao longo dos anos, apresentadas a seguir.

Até a década de 50, a Educação Física no Brasil sofreu influências provenientes da área médica, com o higienismo, de interesses militares, do eugenismo, e do próprio pensamento pedagógico como a escola nova, que tinha uma proposta revolucionária em oposição à escola tradicional e buscava uma educação integral (teve seu auge na década de 60 e passa a ser reprimido a partir da instalação da ditadura militar no país). Ocorreu também, a importação dos modelos ginásticos europeus - alemão, sueco, francês e inglês (DARIDO, 1999).

De acordo com Betti (1991), a Educação Física escolar brasileira teve seu início oficial no ano de 1851, com a Reforma Couto Ferraz, que apresentava bases para a reforma do ensino primário e secundário no município da corte.

Em 1854, após três anos, a ginástica estava entre as matérias a serem ministradas no ensino primário e a dança no secundário. Mas até os primeiros anos da década de 30 do século XX, a Educação Física ficou restrita às escolas do Rio de Janeiro, pois era município da corte e capital da República, e às escolas militares. Nessa mesma década, vários estados brasileiros.

realizaram reformas de seus sistemas de ensino e, na maioria delas, a educação física foi incluída nos currículos escolares sob a denominação de ginástica. A “ginástica” compreendia marchas, corridas, lançamentos, esgrima, natação, equitação, jogos e danças (SOARES, 1996). Várias dessas reformas culminaram nas grandes reformas nacionais que se realizaram a partir de 1930.

Em 1940, o Decreto-Lei 8.072 dispunha sobre a obrigatoriedade da educação cívica, moral e física da infância e da juventude, e para ministrá-las foi organizada uma instituição denominada “Juventude Brasileira” (BETTI, 1991).

A Educação Física também sofreu fortes influências do militarismo, pois a legislação previa a instrução pré-militar e militar nos estabelecimentos de ensino secundário e a ginástica era conteúdo disciplinador com o objetivo de “adestramento físico”.

Até próximo dos anos 60, o método de Educação Física oficialmente adotado nas escolas brasileiras era de origem militar. Depois, foram adotados os métodos ginásticos europeus, principalmente o Método Francês, proveniente da Escola militar normal de Ginástica de Joinville-le-Pont, na França, divulgado no Brasil por uma missão militar daquele país.

No Método Francês, a Educação Física era compreendida como:

um conjunto de exercícios, com o objetivo de fazer o homem atingir o mais alto grau de aperfeiçoamento físico, através das propostas: jogos, flexionamentos, exercícios educativos, aplicações, esportes individuais e esportes coletivos (BETTI, 1991, p. 75).

Outra preocupação da época estava relacionada à idéia da melhoria e aperfeiçoamento da “raça” brasileira. Acreditavam que a “eugenia” poderia ser alcançada através da prática sistemática e orientada da atividade física.

Além das influências dos militares, da eugenia, e dos métodos ginásticos europeus, a Educação Física também sofreu influências do próprio pensamento pedagógico.

Em 1924, um grupo de educadores brasileiros, com idéias renovadoras, fundou a Associação Brasileira de Educação (ABE), para liderar um movimento de

renovação da educação nacional, fruto da influência das idéias vigentes nos Estados Unidos e Europa. A Escola Nova foi pioneira no país ao incluir o nível sociológico na discussão dos assuntos educacionais (BETTI, 1991).

Um dos elementos essenciais da Escola Nova, era a preocupação com a saúde e higiene dos escolares, estreitando ainda mais o vínculo da Educação Física com a área biológica. Embora a proposta educativa da Escola Nova incluísse a participação expressiva da Educação Física, foi com o Estado Novo que a Educação Física teve um impulso decisivo.

Em vários países a esportivização surge após a 2ª Guerra Mundial. No Brasil teve início na década de 50 com o Método Desportivo Generalizado, difundido pelo professor Augusto Listello. Este método procurava incorporar o conteúdo esportivo aos métodos da Educação Física, com ênfase no aspecto lúdico, englobando o indivíduo como um todo.

O binômio Educação Física/esporte atingiu seu auge a partir da década de 70, sofrendo importantes influências no aspecto político, com a ascensão do Regime Militar. A frase mais conhecida desta época foi “esporte é saúde”, pois o objetivo do governo militar era investir na disciplina, para formar um exército composto por uma juventude forte e saudável. “Estreitaram-se os vínculos entre esporte e nacionalismo e um bom exemplo, foi a campanha da seleção brasileira de futebol, na Copa do Mundo de 1970, para promover o país” (BRASIL, 1998, p.21).

Através do Decreto n. 69.450 de 1971 foi dada ênfase à aptidão física e a iniciação esportiva na Educação Física escolar, buscando a descoberta de novos talentos, pois além da preocupação com a segurança nacional, também havia interesse que a nação trouxesse mais medalhas e grandes resultados em eventos esportivos internacionais.

Para isso, era preciso investir na formação esportiva da criança, e a base dessa formação foi a escola e as aulas de Educação Física, que passaram a ser “treinos esportivos” e os professores e alunos passaram a ser “treinadores” e “atletas”, respectivamente (SOARES et. al, 1992).

Era um modelo único, aceito pelos professores, que predominava na maioria das escolas, no qual o esporte se tornava meio e fim da Educação Física, até que começaram a surgir estudos e discussões sobre a especificidade da Educação Física na escola e o seu papel de formar atletas.

A Educação Física esteve contemplada na primeira LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), nº 4.024 de 20 de dezembro de 1961, em seu artigo 22, tornando-se obrigatória para os cursos primário e médio, até a idade de 18 anos. Os motivos apoiavam-se na necessidade da capacitação física do trabalhador, de um corpo produtivo, portanto forte e saudável, que fosse “ao mesmo tempo dócil o bastante para submeter-se à lógica do trabalho fabril sem questioná-la, portanto obediente e disciplinado nos padrões hierárquicos da instituição militar” (CASTELLANI FILHO, 2002, p.06).

Já a Portaria nº 148, do MEC, de 27 de abril de 1967, conceituou a Educação Física como um conjunto de ginástica, jogos, desportos, danças e recreação e nessa mesma Portaria, as competições esportivas foram admitidas como atividades regulares da Educação Física.

Aproximando mais uma vez o conceito de Educação Física com o esporte, as Portarias do MEC 168 (1956) e 148 (1967), admitiam as competições esportivas como substitutivas das aulas de Educação Física. Daí o início da esportivização que será apresentada com mais detalhes ao longo deste estudo.

A Lei nº 5692 de 11 de agosto de 1971, em seu artigo 7º, deixa de fazer referência ao limite de idade para a prática da Educação Física, e em seu artigo 6º regulamenta os três níveis de ensino que torna a prática da Educação Física facultativa “aos alunos que trabalham mais de seis horas por dia” (caberia agora ao mercado de trabalho a capacitação, manutenção e reprodução de sua força de trabalho e não mais à escola); “aos alunos maiores de 30 anos de idade; aos alunos que estivessem prestando o serviço militar”, e por fim era facultada “aos alunos incapacitados”, amparados por legislação específica e apresentação de atestado médico. Seis anos mais tarde (Lei nº 6503 de 13 de dezembro de 1977) a prática da Educação Física foi facultada também “às mulheres grávidas” (caberia somente à mulher cuidar dos filhos), e “aos alunos de pós-graduação” (íntima relação com trabalho intelectual, afastando a necessidade da capacitação física para o trabalho profissional).

No final da década de 70, surgem novas propostas pedagógicas na Educação Física escolar, em oposição aos movimentos tecnicista, biologista e esportivista, pois o esporte na escola precisava ser tratado de uma maneira diferente do esporte competitivo.

Darido e Sanchez Neto (2005), classificaram as principais abordagens pedagógicas, que serão apresentadas a seguir.

A *psicomotricidade*, proposta por Jean Le Bouch, atendia a formação das habilidades básicas nas crianças sem envolvê-las demasiadamente no processo de treinamento de uma habilidade esportiva, e a formação integral desse aluno através do ensino pelo movimento.

A *abordagem desenvolvimentista* é proposta no Brasil principalmente pelos trabalhos de Go Tani. Apresenta a “habilidade motora” como um dos conceitos mais

importantes, o movimento como meio e fim da Educação Física, e tem uma grande preocupação em adequar os conteúdos à faixa etária dos alunos. Os conteúdos propostos são as habilidades básicas e específicas, além de jogos, esportes e danças.

A *abordagem construtivista-interacionista* é baseada no trabalho de Jean Piaget, no Brasil tem como principal colaborador, o professor João Batista Freire. Valoriza a experiência que o aluno já possui e sua intenção é a construção do conhecimento a partir da interação do sujeito com o mundo. Nesta abordagem, o jogo tem papel privilegiado, e os principais conteúdos são as brincadeiras populares, o jogo simbólico e o jogo de regras.

A *abordagem crítico-superadora* utiliza o discurso da justiça social como ponto de apoio, é baseada no marxismo e neo-marxismo. No Brasil, como principais colaboradores podemos citar, Valter Bracht, Lino Castellani Filho e Carmem Lucia Soares. Essa abordagem valoriza a questão da contextualização dos fatos e é compreendida como sendo um projeto político-pedagógico. Sugerem que os mesmos conteúdos devam ser trabalhados de maneira mais aprofundada ao longo dos anos, sendo eles, conhecimento sobre o jogo, esporte, dança e ginástica.

A *abordagem crítico-emancipatória* valoriza a compreensão crítica do mundo, da sociedade e de suas relações, sem a pretensão de transformar esses elementos por meio escolar. Os elementos culturais que constituem os conteúdos dessa abordagem são: o jogo, o esporte, a ginástica, a dança e a capoeira. Propõe que esses conteúdos sejam ensinados por meio de uma seqüência de estratégias denominada “transcendência de limites” (encenação, problematização, ampliação e reconstrução coletiva do conhecimento).

A *abordagem da saúde renovada* sugere que o objetivo da Educação Física escolar é o de ensinar os conceitos básicos da relação entre atividade física, aptidão física e saúde. Considera também a inclusão dos alunos, ou seja, favorecer a autonomia no gerenciamento da aptidão física para todos os alunos, e não somente aos mais aptos.

A *abordagem cidadã* é proposta principalmente pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, um documento inspirado no modelo educacional espanhol, que foi elaborado por um grupo de pesquisadores e professores mobilizados pelo Ministério da Educação e do Desporto. Os PCNs elegem a cidadania como eixo norteador e entende que a Educação Física na escola é responsável pela formação de alunos que sejam capazes de participar de práticas corporais adotando atitudes de respeito, dignidade e solidariedade; conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade da cultura corporal; reconhecer-se como elemento integrante do ambiente; conhecer a diversidade de padrões de saúde, beleza e desempenho que existem nos diferentes grupos sociais; analisar criticamente os padrões divulgados pela mídia; reivindicar, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, além de reivindicar locais adequados para promover práticas corporais de lazer (BRASIL, 1998). Essa abordagem propõe os seguintes conteúdos para serem trabalhados nas aulas: esporte, jogos, lutas, ginásticas, atividades rítmicas e expressivas, e conhecimentos sobre o corpo.

Para Ribas (2002, p.22), os PCNs têm por objetivo apontar metas de qualidade para que o professor possa orientar os seus objetivos educacionais. O autor acredita que são documentos básicos para qualquer ação pedagógica no território nacional, e “visam estabelecer metas e mostrar as ações dos educadores”.

Em 20 de dezembro de 1996 com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional através de seu artigo 26, §3º, a “Educação Física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se às faixas etárias e às condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (CASTELLANI FILHO, 2002, p. 22).

De acordo com Silva e Venâncio (2005), essa alteração não trouxe as mudanças esperadas, pois não ficou garantida a presença das aulas de Educação Física em todas as etapas da Educação Básica, assim como a alteração aprovada em 2001 no §3º do art. 26 da LDB, que inclui a expressão obrigatório após o termo componente curricular.

Só em 01/12/2003, através da Lei nº 10.793, as aulas de Educação Física passaram a ser facultativas não mais as pessoas que estudassem no período noturno, e sim as mulheres com prole, trabalhadores, militares e pessoas com mais de 30 anos.

### **2.3 A crítica ao esporte de rendimento na escola.**

Após o surgimento das novas abordagens pedagógicas e com o mesmo objetivo de superar o modelo mecanicista/tecnicista do esporte de rendimento na escola, de forma geral, apareceram duas formas de ver o esporte, com perspectivas totalmente diferentes. Uns passaram a negar o esporte como conteúdo escolar, e outros, a refletir a relação esporte e Educação Física.

Segundo Soares (1996, p.10), “a crítica de natureza mais política que se instaura na década de 80 vai exacerbar a negação do conteúdo da Educação Física, atribuindo ao esporte o caráter de elemento de alienação”. Assim como, críticos da

sociedade reprodutiva e de rendimento desta época, viam o esporte como objeto de manipulação da classe dominante. Muitos equívocos e divergências sobre o assunto surgiram, e aos poucos foram minimizados, mas o tema nunca se esgotou e permaneceram questões fundamentais a serem resolvidas.

Não devemos negar o esporte em si. É necessário ficar claro que criticar o esporte não significa negá-lo. Nossos alunos precisam saber que o esporte é um fenômeno sócio-cultural que ganha cada vez mais espaço na nossa sociedade, e além de vivenciarem diferentes modalidades esportivas, devem refletir de maneira crítica todo o contexto que envolve o esporte na nossa sociedade. Não se trata de substituir o movimento pela reflexão, mas fazer um acompanhar o outro (BRACHT, 2000/1).

Para Ribas (2002, p.19), “no que tange ao estudo do esporte na escola, as discussões vão sempre todas pelo mesmo caminho, ou seja, pela busca de formas e vias para aproximar o esporte da educação”.

Por isso, é preciso que, nós, professores de Educação Física, analisemos séria e profundamente quais são os benefícios educacionais da aprendizagem do esporte nas aulas de Educação Física. Pois, apesar do surgimento de diferentes propostas pedagógicas, ocorreram poucas mudanças na realidade escolar. O que observamos na maioria das vezes, é que a prática educativa do professor de Educação Física não tem atendido aos interesses e necessidades dos alunos.

Uma grande parte dos professores baseia sua prática em propostas pedagógicas que viraram senso comum transmitidas pelos colegas mais velhos ou incorporadas pela escola. A questão da formação profissional é de suma importância em relação à prática educativa do professor, principalmente o profissional iniciante

que foi “preparado” para o mercado de trabalho “generalista” e não vivenciou na graduação a realidade (e dificuldades) das práticas de trabalho nas escolas.

Outros profissionais se apegam à última abordagem pedagógica da moda, sem maiores cuidados em refletir se essa escolha trará, de fato, as respostas que procuram.

Outra observação importante é o fato da formação profissional de alguns, ter sido excessivamente concentrada no ensino de esportes no modelo de competição. Sendo assim, o professor não possui condições de ensinar outra coisa além do esporte neste modelo (BETTI e BETTI, 1996).

Além desse problema de formação profissional, alguns professores permanecem desinteressados dos avanços que se faz na Universidade, por isso, desatualizados.

Para minimizar este problema, atualmente, a formação continuada do professor é um tema bastante discutido no âmbito escolar. Apesar de não ocorrerem muitas mudanças efetivas na prática, o professor está sendo incentivado ainda de uma maneira “tímida” a participar de cursos de formação continuada e grupos de estudos. A maioria tem consciência da importância e necessidade de mudanças, mas muitos ainda resistem às mesmas por vários motivos.

Existem também alguns professores, principalmente ex-atletas, que possuem maior afinidade com determinada modalidade esportiva, e passam o ano todo ensinando a mesma coisa. Assumiram o ensino daquele esporte praticamente como única estratégia, e muitas vezes seguindo os moldes dos treinamentos que realizavam quando atletas, reduzindo o universo da cultura corporal. Outros ainda assumem apenas os quatro esportes coletivos principais (futebol, basquetebol, voleibol e handebol) como difusão da cultura corporal na escola. Geralmente dividem

esses esportes pelos quatro bimestres do ano letivo. Betti (1995b), afirma que isso acontece principalmente pela insegurança dos professores em trabalhar com conteúdos que não chegam a dominar, e também pela falta de espaço e material apropriado na escola, além de acharem que os alunos não gostariam de aprender outros conteúdos.

Podemos citar ainda um outro modelo chamado *recreacionista* citado por Darido (2004c), que em oposição ao *mecanicismo*, deixa a escolha do conteúdo da aula por conta do aluno. Se o aluno escolhe “futsal”, passa toda vida escolar praticando a mesma atividade e não é isso que o aluno espera aprender nas aulas de Educação Física. “Os alunos não estão contentes com as aulas em que não aprendem nada, com aulas em que o professor entrega uma bola e os deixa jogando” (BETTI, 1995b, p.163). Devemos superar esse modelo em que o professor dá a bola e observa o jogo.

De acordo com Ribas (2002), pouco a pouco temos avançado na direção de estarmos passando de aulas comandadas e ditadas pelo professor a aulas construídas pelo grupo; de professores de Educação Física descompromissados, submissos e limitados a professores críticos e participativos; de aulas fechadas e tristes a aulas prazerosas; de formadores de alguns atletas a formadores de seres humanos.

Por todos esses motivos dentre outros que poderão surgir no desenvolvimento do trabalho, Daólio (1995b, p.18), afirma que devemos também considerar a história de vida desses professores como agentes sociais. “Que tipo de crianças foram? Como brincavam? De que modo eram como alunos de Educação Física? Quando se decidiram pela carreira? Como se sentem como professores?”. Essas questões são determinantes na forma como esses profissionais concebem

sua prática docente, trabalhando com e através do corpo de seus alunos, colocando sobre ele a competência que lhes deu sua formação específica.

Para tanto, a negação do esporte no sentido de aboli-lo como conteúdo das aulas de Educação Física, tem que ser vista como um equívoco. Ao contrário, se pretendemos modificar o esporte, é preciso tratá-lo pedagogicamente.

#### **2.4 Possibilidades para o Esporte na Escola.**

Para o esporte ser trabalhado na escola de uma forma pedagógica, temos que repensar algumas questões na nossa prática, como considerar as três dimensões dos conteúdos; adaptar o plano de aulas às necessidades dos alunos; respeitar as contribuições e os conhecimentos prévios; estabelecer metas ao alcance dos mesmos e ajudas adequadas; promover a atividade mental, a auto-estima e a autonomia (ZABALA, 1998), além de respeitar o princípio da inclusão e diversidade de conteúdos e aprendizagem.

Para Brasil (1998), o aluno deve ser capaz de: questionar o esporte, suas normas e condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica; resgatar valores que privilegiam o coletivo sobre o individual; ter visão crítica sobre o esporte no contexto sócio-político-econômico-cultural; participar de práticas corporais adotando atitudes de respeito, dignidade e solidariedade; conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade da cultura corporal; reconhecer-se como elemento integrante do ambiente; conhecer a diversidade de padrões de saúde, beleza e desempenho que existem nos diferentes grupos sociais; analisar criticamente os padrões divulgados pela mídia; ter conhecimento sobre o direito à

prática do esporte e possa reivindicar possibilidades para praticá-lo em conjunto com a comunidade e no decorrer das aulas.

Portanto, devemos respeitar o princípio da inclusão, no qual, o aluno tem o direito à Educação Física como participação plena. Deve ter acesso pleno a todas as vivências que a escola oferece, diferente do chamado “modelo tradicional” que seleciona os alunos entre aptos e inaptos para as práticas corporais.

Como exemplo podemos citar o campeonato “interclasses” que é realizado e organizado na maioria das escolas. Sem dúvida, é um evento muito esperado pelos alunos, mas alguns são excluídos por vários motivos. Um deles é não ter claro o objetivo da realização deste tipo de evento por parte dos organizadores, professores de Educação Física. Outro motivo é a escolha das modalidades. Quase sempre são as mesmas: futsal para os meninos e voleibol para as meninas. As modalidades esportivas selecionadas são geralmente as mais conhecidas e que possuem maior prestígio social. Devemos ampliar as modalidades, incluindo outras atividades como atletismo (corridas, saltos e arremessos), dama, xadrez, tênis de mesa, dança e outros, para incentivar e aumentar a participação dos alunos. Se as instalações e a falta de materiais forem o problema, os mesmos poderão ser adaptados. Neste sentido deve ser respeitado o princípio da diversidade de conteúdos e de aprendizagem, pois nem tudo se aprende do mesmo modo, no mesmo tempo, e com o mesmo trabalho (ZABALA, 1998).

É importante destacar que não basta ser considerada a diversidade de conteúdos, os mesmos devem ser tratados de uma maneira aprofundada ao longo dos anos escolares, ou seja, não devemos tratar vários conteúdos de uma mesma maneira em todas as séries (DARIDO, 2004b).

Valorizar as diferenças dos alunos em relação às competências corporais, não exigindo que todos realizem a mesma tarefa, ou que esta resulte numa mesma aprendizagem, é uma maneira de contemplar essa diversidade (BRASIL, 1997).

Alguns professores organizam seus conteúdos de uma forma restrita e repetitiva, resistindo a mudanças das novas propostas de ensino, principalmente pela insegurança em relação a conteúdos que não chegam a dominar.

Precisamos considerar também, a história de aprendizagem esportiva prévia da criança, incorporada nas suas brincadeiras e jogos. Isto possibilitará que situemos uma barreira para cada um segundo suas possibilidades reais. Por exemplo, podemos imaginar como teríamos que trabalhar o “salto em distância” em aula. Não basta colocar os alunos numa fileira imensa, explicar que consiste numa das provas mais “naturais” do atletismo e que possui as fases de concentração, corrida, aproximação, impulsão, elevação, vôo e queda. Depois demonstrar e pedir para que os alunos realizem a atividade. O professor deve estar atento ao movimento de cada aluno na realização da atividade proposta, e aceitar um grau diferente de execução e oferecer um tipo diferente de ajuda. Em cada caso devemos utilizar uma forma de ensinar adequada às necessidades dos alunos, levando em consideração o conhecimento prévio que possuem e respeitando seus limites.

Para De Marco e Melo (2002, p.351-352):

[...] o esporte deve ser trabalhado pedagogicamente, respeitando seus praticantes no que diz respeito a sua faixa etária, suas motivações, seus interesses, na busca de uma formação esportiva que garanta a continuidade da sua prática, sem compactuar com os males provocados pelos excessos e abusos de algumas intervenções pedagógicas, como estresse, doping, ansiedade, frustrações e lesões.

É preciso ter consciência que o esporte com características do adulto não pode ser oferecido para a criança, pois esse fato exige um desempenho motor incompatível com sua idade, suas características motoras e seus anseios.

O aprendizado do esporte não pode ser restringido ao processo ensino-aprendizagem de técnicas e gestos automatizados, selecionando os melhores e excluindo os mais fracos, entretanto, tratar criticamente o esporte não é ser contra a técnica esportiva.

É óbvio que o ensino e a prática de qualquer esporte sempre está inserido numa certa dimensão técnica. Mas uma dimensão técnica não significa tecnicismo, nem performance. Bracht (2000/1, p.16), afirma que “não devemos julgar a técnica em si, mas a finalidade a qual está à serviço”. O autor utilizou como exemplo um jogo de tênis pela Taça Davis e um jogo de frescobol em uma praia qualquer, nos quais, em ambos, a técnica está presente. Só que no primeiro exemplo, do tênis, um jogador joga contra o outro, seus movimentos devem ser realizados de tal maneira, que o adversário não consiga, ou tenha dificuldade de rebater. Já no segundo exemplo, do frescobol, o jogo propriamente dito, só acontece se os jogadores rebaterem a bola de uma maneira que esteja ao alcance do colega.

No primeiro eu jogo “contra” um “adversário”, e no segundo exemplo, eu jogo “com” um “colega”, neste sentido podemos resgatar valores que privilegiam o coletivo sobre o individual. Mesmo assim, sem o adversário não tem jogo, e em algum momento esse colega que faz parte da equipe adversária pode entrar na sua equipe, e uma equipe necessita de todos os integrantes para jogar. Como exemplo podemos citar um jogo de futsal, no qual, cada um dos cinco jogadores possuem uma função diferente durante o jogo, como o goleiro, os laterais, o pivô e o fixo.

Além de considerar o “espírito de equipe”, cabe ainda discutirmos algumas questões sobre “cooperação” e “competição”. A competição no esporte não pode ser negada, mas pode ser discutida, além do mais, apesar da sociedade em que vivemos estimar mais o valor da competição, Betti (1997), acredita que a cooperação é predominante, o que falta é falar sobre ela na escola. É o caso de usarmos exemplos como os citados acima, que definem as funções dos jogadores numa partida de futsal e mostrar como cada integrante é importante para sua equipe.

Vale lembrar também que a competição deve ser incluída quando ensinamos o esporte na escola, porque “muitas pessoas praticam alguma atividade esportiva ao longo de suas vidas e devem ser ensinadas a praticá-la bem para dela tirarem satisfação e proveito”, como afirma Belbenoit (apud Betti, 1991, p.55).

Se aceitarmos o esporte como fenômeno social, precisamos questionar suas normas e condições de adaptação à realidade social e cultural da comunidade que o pratica.

Outra questão que destacamos, conforme afirmação de Kunz (1994, p.34-35), é que:

em lugar de ensinar os esportes na Educação Física escolar pelo simples desenvolvimento de habilidades e técnicas do esporte, deverá ser incluído conteúdos de caráter teórico-prático que, além de tornar o fenômeno esportivo mais transparente, permite aos alunos melhor organizar a sua realidade de esporte, movimentos e jogos de acordo com as suas possibilidades e necessidades.

Mas os professores de Educação Física, conforme pesquisa de Darido (1999, p.74), “não estão habituados a explicar os porquês das atividades, das seqüências, dos gestos e até, da sua finalidade”, quando sugerimos uma atividade para o aluno,

não basta saber fazer, é preciso saber por que se está fazendo determinada atividade, seus riscos e benefícios.

Devemos permitir ao aluno ter visão crítica sobre o esporte no contexto sócio-político-econômico-cultural. Vale destacar que tratar o esporte criticamente não significa negar este conteúdo da cultura corporal.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais sugerem também que sejam trabalhados os seguintes “temas transversais” por todos os componentes curriculares: ética, meio ambiente, trabalho e consumo, orientação sexual, pluralidade cultural e saúde, além dos que surgirem no decorrer das aulas (DARIDO et. al. 2001).

Podemos falar sobre o doping; a violência das torcidas; o culto à forma física perfeita; indústria do consumo; modismo esportivo; o porquê de mudanças de regras de determinados esportes e outras tantas mais que surgirem no decorrer das aulas, mas o professor não precisa esperar o surgimento de um conflito durante a aula para debater a “violência” por exemplo. Esse tema dentre outros, deve ser trabalhado de uma maneira intencional fazendo parte do planejamento de ensino.

Devemos possibilitar aos alunos o ensino do esporte na sua totalidade, e o mesmo deve ser vivenciado por todos alunos como forma de conhecimento. A busca do prazer e a satisfação de jogar deve ser mais importante e para isso, regras, materiais, formas de jogar, improvisações podem e devem ser estabelecidas através de um consenso entre os participantes, havendo também além de conflitos, integração e convivência social.

A concepção de prazer refere-se não só aos sentimentos de alegria ao marcar um score, ganhar uma medalha e troféus, mas pauta-se no sentido mais amplo de divertimento, de cooperação, de solidariedade e na alegria de compartilhar momentos de satisfação com os amigos,

sem necessariamente a ansiedade de superar uns aos outros (DE MARCO e MELO, 2002, p.350).

Pude observar também, através da pesquisa de Betti (1995b), que o castigo físico, como exemplo a corrida em volta da quadra e outros exercícios, continua existindo em algumas escolas.

A autora afirma que os alunos não desejam que todas atividades propostas sejam fáceis, mas isso não significa usar o movimento humano como castigo, quando os alunos não conseguem fazer algo ou estão indisciplinados. As atividades propostas devem ser desafiadoras para os alunos.

Uma atividade poderá se tornar desinteressante para o aluno quando não apresentar mais um problema a ser resolvido, uma possibilidade de prazer funcional pela execução em si ou uma motivação relacionada à interação social (BRASIL, 1998, p. 53).

Este tipo de aula de Educação Física, certamente, não trará boas lembranças no futuro. Devemos respeitar os limites dos alunos e darmos informações suficientes, para que esse aluno respeite seus próprios limites e o de seus companheiros.

Neste sentido, a Educação Física deve incluir todos os alunos nos conteúdos que propõe, adotando para isto estratégias adequadas.

## **2.5 As Dimensões Conceituais, Procedimentais e Atitudinais.**

Darido (2004b), acredita que distinguir os conteúdos nas categorias conceitual, atitudinal ou procedimental, não significa que as atividades devam ser planejadas de uma maneira diferenciada para cada um deles, e sim o contrário, ou

seja, planejar e desenvolver atividades de forma a inter-relacionar os três tipos de conteúdos.

O esporte, como qualquer outro conteúdo da Educação Física (jogos, lutas, ginásticas, atividades rítmicas e expressivas), deve ser trabalhado sob as três categorias: conceituais, procedimentais e atitudinais propostas por (Coll et al., 2000; Antúñez et.al.1999; Brasil, 1998; Zabala, 1998). Nas disciplinas de Educação Física e Artes, podemos observar predomínio das dimensões procedimentais dos conteúdos nas aulas, ao contrário de outras disciplinas que dão enfoque aos conteúdos conceituais.

Respeitando as três categorias dos conteúdos, pretende-se que os alunos “compreendam”, “saibam fazer” e “sejam” participativos e respeitosos. São utilizadas para maior clareza das diferentes dimensões que interferem nas aprendizagens, por isso, deve-se considerar que essas três categorias de conteúdos “sempre estão associadas, mesmo que tratadas de maneira específica” (BRASIL, 1998, p. 73).

A categoria conceitual refere-se à abordagem de conceitos, fatos e princípios, ou seja, adquirir informações, vivenciar situações e compreender princípios que se constituem em generalizações, deduções, informações e sistematizações relativas ao ambiente sócio-cultural (BRASIL, 1998).

Os conceitos são temas abstratos, portanto requerem uma compreensão do significado. São necessárias atividades que considerem os conhecimentos prévios, que provoquem uma atividade mental, que sejam adequadas ao nível de desenvolvimento num processo de elaboração pessoal dos alunos. Compreender os conceitos permite ao aluno entender o que faz, encontrando sentido no que está fazendo (ZABALA, 1998).

Como exemplo podemos citar a aprendizagem do esporte “voleibol” durante a aula de Educação Física. Ficará mais claro e facilitará a aprendizagem se o aluno tiver conhecimento que o “voleibol” surgiu nos Estados Unidos, por volta de 1895 e foi inspirado no tênis. O esporte mais praticado da época era o “basquete”, muito rápido e com muito contato físico para pessoas de mais idade. Foi criado então o “mintonette”, um jogo desenvolvido para atender as necessidades de um grupo de senhores que buscavam um esporte mais lento e pouco movimentado. Aos poucos, as regras desse jogo foram sofrendo modificações, chegando-se ao “voleibol”. Essas informações permitem aos alunos compreender que o voleibol é um esporte de difícil aprendizagem, mas que pode ser iniciado na forma de um jogo pré-desportivo, no qual as regras e técnicas são colocadas aos poucos, de acordo com as necessidades dos mesmos.

A categoria procedimental expressa um “saber fazer”, que envolva tomar decisões e realizar uma série de ações de uma forma ordenada para atingir um objetivo e não de uma forma aleatória (BRASIL, 1998).

Conforme afirmação de Zabala (1998, p.81), “as atividades devem partir de situações significativas e funcionais, a fim de que o conteúdo possa ser aprendido junto com a capacidade de poder utiliza-lo quando seja conveniente”. Por isso o conteúdo precisa ter sentido para o aluno, deve saber para que serve e que função possui. O autor afirma ainda que o ensino de conteúdos procedimentais exige que os alunos tenham a capacidade de realizar atividades independentes, em que possam mostrar suas competências no domínio do conteúdo aprendido. Como exemplo prático podemos citar a aprendizagem do passe no handebol. O aluno deve saber realizar os diferentes tipos de passe e saber também que este fundamento é importante, pois, durante um jogo, o mesmo troca vários passes com os colegas,

quando se vê muito marcado pelo adversário, ou quando percebe que o colega de sua equipe está desmarcado e melhor posicionado para arremessar a bola para o gol. Essa situação pode ser vivenciada em outros esportes coletivos também, e o aluno deve saber que a melhor solução é passar a bola e não tentar um arremesso, ou um gol, com uma baixa possibilidade de acerto.

Brasil (1998), propõe que para a aprendizagem de conceitos e procedimentos no esporte deve haver uma compreensão dos aspectos históricos sociais do esporte; participação em jogos dentro do contexto escolar de forma recreativa e competitiva; desenvolvimento das habilidades físicas e motoras por meio das práticas da cultura corporal; compreensão e vivência dos aspectos relacionados à repetição e à qualidade do movimento na aprendizagem do gesto esportivo; aquisição e aperfeiçoamento de habilidades específicas dos esportes; compreensão e vivência dos aspectos técnicos e táticos dos esportes no contexto escolar; desenvolvimento da capacidade de adaptar espaços e materiais nas aulas; vivências de esportes individuais e coletivos dentro de contextos participativos e competitivos; vivência de variados papéis assumidos no contexto esportivo (diferentes funções dentro de uma partida, além de técnico, torcedor e árbitro), e participação na organização de campeonatos e gincanas no contexto escolar.

Já a categoria atitudinal, inclui valores, normas e atitudes, ou seja, “quais atitudes os alunos devem ter nas e para as atividades corporais” (DARIDO et. al., 2001, p. 21).

Muitos dos valores que se pretendem ensinar se aprendem quando são vividos de maneira natural, e isso só é possível quando o ambiente de aula, as decisões organizativas, as relações interpessoais, as normas de conduta, as regras do jogo e os papéis que se atribuem a uns e a outros correspondem àqueles valores que se quer que sejam aprendidos (ZABALA, 1998, p.84).

Por isso devemos ficar atentos às medidas que são tomadas na escola, pois algumas podem ser contrárias ao que propomos ensinar. Se o professor quer sensibilizar os alunos das normas existentes na escola, com o objetivo de que compreenda sua necessidade, o mesmo deve respeitar essas regras como o horário, os colegas, os alunos e suas opiniões.

Outra questão importante que deve ser levada em conta é a interpretação que é preciso fazer dos diferentes valores, levando em consideração os traços sócio-culturais dos alunos, sua situação familiar e os valores que prevalecem em seu ambiente para que essas interpretações se adaptem às características de cada um dos contextos sociais em que se encontram as escolas (ZABALA, 1998). O significado de “violência” para o professor pode não ter a mesma interpretação para o aluno se ele vivencia a violência em casa o tempo todo, ou grande parte dele.

Brasil (1998), propõe que para a aprendizagem de atitudes no esporte deve haver uma predisposição a cooperação, a solidariedade e ao diálogo, favorecendo uma troca de conhecimentos; valorização da cultura popular e nacional; predisposição para a busca do conhecimento, da diversidade de padrões, da atitude crítica em relação a padrões impostos; respeito a si e ao outro; valorização do desempenho esportivo de um modo geral; predisposição para experimentar situações novas ou que envolvam novas aprendizagens; aceitação da disputa como um elemento de competição e não como uma atitude de rivalidade; disposição em adaptar regras, materiais, e espaço, visando à inclusão do colega; valorização da cultura corporal como parte do patrimônio cultural da comunidade, do grupo social e da nação; valorização do estilo pessoal de cada um; valorização da cultura corporal como possibilidade de obter satisfação, prazer e como forma de comunicação e

interação social, e respeito às diferenças e características relacionadas ao gênero presente nas práticas da cultura corporal.

Além de considerar as três dimensões dos conteúdos, (Antúnez et.al.,1999; Zabala, 1998), sugerem que sejam trabalhados também materiais curriculares e outros recursos didáticos para incentivar a participação e aprendizagem dos alunos.

Os materiais curriculares são meios que ajudam o professor a solucionar os problemas concretos que as diversas e diferentes fases dos processos de planejamento, execução e avaliação apresentam. Para os conteúdos conceituais temos o quadro negro, audiovisuais e livros didáticos; para os conteúdos procedimentais, textos, dados estatísticos, revistas, jornais e para os atitudinais, vídeos e textos que incentivem o debate.

Os professores de Educação Física devem repensar sua prática pedagógica e superar o tratamento isolado da dimensão procedimental que se verifica na escola.

### 3. METODOLOGIA

Foi utilizada para esta pesquisa a metodologia denominada pesquisa-ação, porque nessa perspectiva “procura-se vincular o conhecimento da própria prática com a ação e os sujeitos, que na pesquisa tradicional participam meramente como informantes, aqui atuam também como sujeitos pesquisadores de sua prática” (BRACHT, 2002, p.11).

A pesquisa-ação é uma das metodologias qualitativas disponíveis e para Thiollent (1992, p.14):

[...] é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

O teor das propostas de pesquisa-ação pode variar de acordo com o setor de atuação, no caso deste estudo na área educacional, buscou a formação de um grupo constituído por professores de Educação Física, interessados em repensar sua prática pedagógica e o esporte na escola.

Conforme Bracht (2002, p.19), “a mudança de uma prática pedagógica implica formação continuada, aquisição/desenvolvimento de sempre novos saberes e competências”.

Portanto, com a formação deste grupo, pretendeu-se intervir no processo pedagógico desses professores através de estudos, debates, discussões, reflexões e sugestões de aulas sobre temas relacionados ao esporte na escola, na busca de uma prática transformadora que atendesse aos interesses e necessidades dos alunos.

A pesquisadora teve papel ativo no processo, acompanhando e avaliando as decisões e ações da situação investigada, assumindo também o papel de facilitadora, para auxiliar e capacitar os professores durante todo o processo que seguirá os seguintes momentos: análise inicial; contextualização e reflexão sobre a Educação Física e o esporte na escola; reflexão e relato sistemático da prática; estudo de alternativas pedagógicas para o ensino do esporte na escola; realização dessa nova prática e avaliação de seus avanços e dificuldades.

Através de “carta de apresentação” (APÊNDICE A), foram convidados 11 (onze) professores, em fevereiro de 2005, mas, principalmente por problemas de incompatibilidade de horário, apenas 06 (seis) concordaram em participar do primeiro encontro e, depois, com mais uma desistência, o grupo passou a ter 05 (cinco) componentes.

Foram convidadas professoras de Educação Física da rede de ensino pública municipal de Americana-SP, município onde resido, que já haviam tido um contato inicial, mesmo de uma maneira superficial, com os Parâmetros Curriculares Nacionais e com as três dimensões dos conteúdos (conceituais, procedimentais e atitudinais).

A proposta inicial seria oito encontros que aconteceriam a cada quinze dias, com duas horas de duração. Mas de acordo com o andamento dos encontros, o próprio grupo sugeriu um nono encontro para que o trabalho fosse realizado seguindo um mesmo ritmo desde o início. Caso contrário, teríamos que acelerar no final, e o resultado poderia ser prejudicado.

O primeiro encontro foi realizado dia 15 de fevereiro de 2005 e o último (nono), dia 30 de junho de 2005.

A pesquisa foi formada por três etapas: inicialmente cada professora participante respondeu a um questionário (APÊNDICE B) com o objetivo de detectar o conhecimento prévio sobre o tema, assim como suas dúvidas, opiniões, dificuldades, necessidades e sugestões. Estas respostas serviram de base para a elaboração da próxima etapa, ou seja, dos próximos oito encontros. Estes encontros ocorreram na forma de vivências, debates, exposições e leitura de textos, visando debater e ampliar os olhares sobre a temática proposta. Na última etapa, as participantes responderam um questionário final (APÊNDICE C), apresentando as sugestões e contribuições para uma avaliação final.

Os encontros foram gravados em fitas k-7, com a permissão do grupo e transcritos logo em seguida, com o objetivo de não se perder nenhuma informação.

O resultado, constituído por um processo e analisado com base no referencial bibliográfico estudado, representa o principal foco do trabalho e será apresentado no próximo capítulo.

### **3.1 Sujeitos e contexto.**

O grupo foi formado por cinco professoras concursadas da rede de ensino

pública municipal da cidade de Americana – SP. É importante destacar que o CIEP – Centro Integrado de Educação Pública, é uma escola que funciona em período integral, originalmente criada na década de 80 do século XX, no estado do Rio de Janeiro. Estas escolas foram implantadas nos governos estaduais de Leonel de Moura Brizola (PDT) e orientadas pedagogicamente pelo antropólogo e intelectual Darcy Ribeiro, além de serem projetadas pelo arquiteto Oscar Niemeyer (STOCK, 2004). Uma das propostas dos CIEPs é promover a integração entre os estudos curriculares, atividades artísticas e recreativas.

Na cidade de Americana-SP, o projeto de implantação do CIEP teve início em 1989 e, atualmente, a rede municipal de ensino conta com seis escolas de período integral e três escolas de período parcial. O Ensino Fundamental corresponde à faixa etária dos seis aos quatorze anos, sendo subdividido em três ciclos de três anos cada, ou seja, compõe o 1º ciclo (pré-escola, 1ª e 2ª séries), o 2º ciclo (3ª, 4ª e 5ª séries) e o 3º ciclo é formado pelas 6ª, 7ª e 8ª séries (RIBAS et.al., 2003).

Vou me referir às professoras do grupo como: professora 1, professora 2, professora 3, professora 4 e professora 5.

A primeira parte do questionário foi formada pelos dados pessoais das mesmas. A faixa etária varia de 33 a 45 anos de idade. Duas delas são solteiras, outras duas são casadas, e uma é viúva.

As professoras 1, 3 e 5, terminaram a graduação na década de 1980, em universidade privada e ministram aulas de Educação Física escolar há 19, 14 e 13 anos, respectivamente.

Já as professoras 2 e 4, terminaram a graduação na década de 1990, a primeira em uma universidade privada e a segunda em uma universidade pública. Ministram aulas de Educação Física escolar há 3 e 10 anos, respectivamente.

Quanto a carga horária semanal, a professora 1 possui 32 horas/aula divididas em duas escolas: no CIEP Profa. Philomena Magaly Makluf Rossetti (São Vito), escola pública municipal, 20 horas/aula semanais, divididas em: 1 aula de “oficina de expressão corporal” por semana nas classes da pré-escola, 3ª série A, B e C, 4ª A e B, e 5ª A e B, além de 3 aulas de Educação Física por semana nas classes de 3ª série A e B e 5ª série A e B; no Colégio Antares, escola particular situada também na cidade de Americana – SP, possui 12 horas/aula semanais, divididas em: 2 aulas de Educação Física por semana com as classes de 5ª série (A, B e C) e 1 aula por semana com as classes de 6ª (A e B), 7ª (A e B) e 8ª série A e B. No CIEP, cumpre ainda 2 horas/aula semanais de estudo, mais 4 de reunião pedagógica.

A professora 4 ministra 42 horas/aula semanais, divididas em duas escolas: a EMEF (Escola Municipal de Ensino Fundamental) Darcy Ribeiro, escola pública da rede municipal de ensino de Americana – SP, na qual tem 22 horas/aula, sendo, 3 aulas de Educação Física por semana com as classes de 4ª série A,B, 5ª série A, B, C e D, e 2 aulas por semana com as classes de 2ª série A, 3ª série A e B; já na E.E. Prof. Alcheste de Godoy Andia, escola pública estadual localizada na cidade de Santa Bárbara D'Oeste-SP (cidade vizinha de Americana), possui 20 horas/aula, sendo 2 aulas de Educação Física por semana com as classes de 6ª série A, B, C, D e E do Ensino Fundamental, e 1ª A, B, C, 2º A e B do Ensino Médio, além de 3 horas/aula semanais de HTPC (horário de trabalhos pedagógicos coletivos), 2 de estudo e 4 de reunião pedagógica.

Já as professoras 2, 3 e 5 trabalham 40 horas/aula semanais e são exclusivas das escolas da rede de ensino pública municipal de Americana-SP.

A professora 2 trabalha no CAIC Professor Sylvino Chinelatto e suas 40 horas/aula semanais são divididas em: 3 aulas de Educação Física por semana nas classes de pré-escola A, 1ª série A, B e C, 2ª série A, B e C, e 3ª série A, B e C, além de 2 horas/aula de estudo e 4 de reunião pedagógica.

A professora 3 trabalha no CIEP Prof. Anísio Spínola Teixeira (São Jerônimo) e suas aulas são divididas em: 3 aulas de Educação Física por semana nas classes de 6ª série C e D, 7ª A, B, C e D, e 8ª série A e B, totalizando 24 aulas, mais 6 aulas semanais de treinamento esportivo ( 02 de futsal mirim masculino, 02 de futsal pré-mirim masculino e 02 de voleibol mirim masculino). Além disso, cumpre mais 2 horas/aula de estudo e 4 de reunião pedagógica.

A professora 5 trabalha no CIEP Prof. Octavio César Borghi (Cidade Jardim) e suas 40 horas/aulas são divididas em: 3 aulas por semana com as classes de pré-escola, 2ª , 3ª, 4ª e 5ª séries, além de 2 horas/aula de estudo e 4 de reunião pedagógica.

## **4. RESULTADOS e DISCUSSÃO**

Na interpretação dos resultados foram levantados os pontos mais importantes de cada encontro relacionados ao referencial teórico, que serão apresentados a seguir. Achei de extrema necessidade apontar a maioria dos comentários do grupo, que foi riquíssima.

### **4.1 Conhecendo as propostas e o grupo: formação inicial, formação continuada e história de vida.**

O primeiro encontro foi realizado no dia 15 de fevereiro de 2005, com a participação de 06 (seis) professoras e teve duração de um pouco mais de duas horas. Depois, com mais uma desistência, o grupo passou a ser formado por 05 (cinco) componentes.

Apresentei o tema e a justificativa de se trabalhar o esporte considerando as três dimensões dos conteúdos de uma maneira sintética para que não interferisse nas respostas do questionário que seria aplicado logo a seguir.

Apesar de possuímos um conhecimento prévio, optei por contar sobre meu interesse em ingressar num curso de mestrado e todo o processo de seleção.

Expliquei a proposta de trabalhar com a metodologia da pesquisa-ação na busca de vincular o conhecimento da própria prática com a ação e os sujeitos, diferente do que acontece na pesquisa tradicional, na qual os sujeitos participam meramente como informantes (BRACHT, 2002). Através da pesquisa-ação, temos a proposta de proporcionar encontros coletivos com professores de Educação Física escolar que possuem vivências e experiências, podendo contribuir para o avanço da prática pedagógica docente. Portanto, deixei claro que seria necessária a colaboração de todo o grupo no decorrer da pesquisa.

Logo após, apresentei as três etapas que constituem a pesquisa. Foi aplicado o questionário e durante a elaboração das respostas o grupo ia conversando e relembando acontecimentos referentes a época em que eram alunas do Ensino Fundamental e Médio, passando pela graduação até chegar à prática pedagógica docente. Pedi autorização às mesmas para gravar o encontro e todas concordaram.

No início, o grupo ficou meio inseguro em responder as questões de uma maneira “correta”, mas foi explicado que o importante era conhecer a opinião de cada uma das participantes em relação às questões apresentadas, para que fossem elaborados os próximos encontros.

A primeira parte do questionário era formada pelos dados pessoais das professoras, que foram expostos na metodologia.

Quanto aos cursos de pós-graduação, as professoras 2, 4 e 5 não participaram de nenhum, apenas de congressos e seminários da área. Já as professoras 1 e 3, participaram de um curso de Aperfeiçoamento em Educação

Física Escolar de 1ª a 8ª séries do Ensino Fundamental, realizado na Unesp de Rio Claro-SP, no ano de 1993, com a carga horária 160 horas.

Perguntei, então, o que levou cada uma delas a cursar Educação Física na graduação e contaram um pouco de sua história:

\_ Por gostar de praticar esportes. Sempre gostei muito de esportes e por gostar de praticá-los quis cursar Educação Física, e também porque gostava de estudar o corpo humano [...] (professora 2).

\_ Durante vários anos a dança e a ginástica olímpica fizeram parte da minha vida e isso me agradava muito. Aí vieram as academias com as aulas de aeróbica que eu achava o máximo. E também teve a grande aproximação com minha professora de Educação Física, que eu admirava muito como profissional. Juntando todos esses fatores o curso tinha tudo a ver comigo [...] (professora 3).

\_ Eu gostava demais das aulas de Educação Física, de esporte, e sempre desejei seguir esta área. Quando entrei na faculdade me envolvi e gostei muito das disciplinas e do curso. Não tive dúvidas quanto ao que eu queria e acho esta área linda!!! [...] (professora 4).

\_ Sempre gostei de esporte, e o fato de eu não ter sido atleta me levou de alguma maneira a fazer parte disto [...] (professora 5).

De acordo com Betti e Mizukami (1997), percebemos que a escolha do grupo para o curso da graduação sofreu interferências de motivação, modelo e interesse, pois a motivação para a carreira partiu do prazer em jogar e do modelo dos professores de Educação Física que tiveram no Ensino Fundamental.

Em uma das questões, foi pedido que as professoras relatassem como analisam a Educação Física escolar hoje, e todas afirmaram que a disciplina sofreu mudanças e avanços no âmbito escolar. O avanço acontece principalmente no que

diz respeito aos conteúdos a serem trabalhados, possibilitando um maior número de atividades aos alunos:

\_Tem havido um grande avanço nesta área tanto no que diz respeito ao material disponível (textos, cursos, livros, etc) quanto à importância que a Educação Física alcançou dentro de todo contexto escolar [...] (professora 3).

\_A disciplina está muito mais ampla e rica, possibilitando ao aluno e professor um leque maior de experiências (professora 1).

-Vejo que hoje há uma variedade de atividades muito maior do que há 10 ou 20 anos atrás. Pelo menos na escola que dou aula, a criança, o adolescente é submetido a “n” atividades diferentes e criativas [...] (professora 2).

\_Há algum tempo se dava muita ênfase no rendimento, performance do aluno, e atualmente se pensa no desenvolvimento global do aluno, dando possibilidades de outros conteúdos e também com enfoque diferente, (mesmo do conteúdo esportivo [...]) (professora 4).

Através das afirmações, percebo que as professoras superaram a visão do esporte ser conteúdo de referência nas aulas de Educação Física escolar, pois em suas aulas, desenvolvem a maioria dos conteúdos que fazem parte da “cultura corporal de movimento”, ou seja, os conteúdos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais. São eles: o conhecimento sobre o corpo humano, atividades rítmicas e expressivas, jogos, ginásticas, esportes e lutas. De acordo com Betti (1992), a Educação Física na escola é uma disciplina que trata da cultura corporal de movimento, e tem como finalidade introduzir e integrar o aluno nessa esfera, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la:

\_Trabalho atividades recreativas (brincadeiras); expressão corporal; dança; relaxamento; esportes (atletismo, vôlei, basquete, futsal, handebol, tênis de mesa); jogos cooperativos e alongamento [...] (professora 4).

\_Fazem parte das aulas: conhecimento sobre o corpo através de vivências corporais; atletismo; ginástica geral; voleibol; basquete; ginástica rítmica; jogos cooperativos; brincadeiras e jogos folclóricos [...] (professora 1).

Na relação esporte e Educação Física escolar, todas as professoras afirmam trabalhar o esporte na escola de uma maneira que vai além da aprendizagem de técnicas, habilidades, fundamentos e regras, outra questão que ainda deve ser superada por um número significativo de profissionais da área:

\_Utilizo o esporte para desenvolvê-lo propriamente, suas técnicas, habilidades, regras, etc., mas com objetivos também que vão além disso, como cooperação, socialização, recreação, entre outros [...] (professora 1).

\_Eu vejo que o esporte na Educação Física escolar deve ser um instrumento educativo, de desenvolvimento de habilidades, integração, e não ser aplicado como único conteúdo e principalmente pensando em performance [...] (professora 4).

\_A Educação Física escolar também é um meio para que a criança conheça os esportes e mais tarde venha gostar de algum para ser praticante [...] (professora 5).

A professora 3 admite que o esporte é um conteúdo que tem um peso maior no planejamento das suas aulas, e a professora 2 afirma que existe uma relação tão forte entre o esporte e a Educação Física escolar, que:

\_Quando os outros conteúdos são ministrados, há uma cobrança por parte dos alunos como querer por exemplo “jogar futebol”, não sei se a questão é só cultural [...] (professora 2).

Pesquisa de Betti (1992), comprovou que os alunos gostariam de aprender outros conteúdos, mas isso não significa abolir a aprendizagem dos esportes.

Para Betti (1995a; Bassani et al. 2003), o esporte, sem dúvida alguma, é o conteúdo mais desenvolvido nas escolas e também o preferido dos alunos.

As respostas referentes às possíveis razões do esporte ser conteúdo de referência nas aulas de Educação Física escolar foram justificadas pelas professoras por questões culturais, por influências historicamente construídas e da mídia, além da formação profissional:

\_Razão histórica, para melhorar o rendimento físico. Influência da mídia, relação entre a prática do esporte e a qualidade de vida (não às drogas, não à violência) [...] (professora 3).

\_O esporte é apreciado pela maioria dos alunos, principalmente entre os adolescentes. Faz parte da cultura do país [...] (professora 2).

Sobre a formação profissional, todas as professoras reclamaram do currículo da graduação. As aulas eram divididas em teóricas e práticas, mas foi dada muita ênfase às técnicas, habilidades e exercícios de fundamento, ou seja, ao jogo propriamente dito. Não sentiam prazer em realizar tais atividades e também sentiram falta de jogos pré-desportivos:

\_As aulas onde se tratava dos esportes, eram puramente técnicas, tanto teoria como prática, não me lembro de jogos recreativos ou pré-desportivos [...] (professora 1).

\_O que vi na graduação, que me lembro foi mais na área de treinamento, exercícios práticos para o treinamento e regras oficiais das diversas modalidades de esportes [...] (professora 2).

\_Considero minha graduação bastante tradicional, de maneira repetitiva e ou mecanicista [...] (professora 4).

\_Foi muito militarista, tradicionalista. Só havia fundamentos e o jogo [...] (professora 5).

A forma como o esporte foi tratado na graduação das professoras, interferiu (e às vezes ainda interfere) de alguma maneira, nas suas práticas pedagógicas, tanto que acabam reproduzindo algumas atividades, além de não servir de base para trabalhá-lo na escola de uma maneira pedagógica.

Betti e Betti (1996), caracterizam dois tipos de modelos curriculares considerados responsáveis pelos problemas e limitações que afetam hoje os currículos de formação profissional de Educação Física. O currículo tradicional-esportivo e o currículo de orientação técnico--científica.

O primeiro enfatiza as chamadas disciplinas práticas e faz a separação entre teoria e prática. Este modelo consolidou-se na década de 1970, quando houve um significativo aumento de cursos superiores de Educação Física e a chamada “esportivização”. Já o segundo currículo valoriza a ciência e o conhecimento advindo dela. O movimento denominado “ensino reflexivo”, proposto pelos autores, permite mesclar o conhecimento gerado pelos professores e pelas universidades, através de uma formação baseada na prática da reflexão sobre o ensino. O resultado seria um profissional que refletisse antes, durante e depois da ação de ensinar.

Penso que seria uma nova concepção de prática, que passaria a ser entendida como uma ação profissional num dado contexto organizacional.

De acordo com os autores, no início da formação, o aluno-professor ou técnico deveria vivenciar as práticas de trabalhos em vários lugares, como escolas,

clubes e academias, acompanhando e discutindo com profissionais experientes as dificuldades e sugestões que possam aparecer. Poderiam acompanhar um profissional experiente durante algum tempo, discutindo as possíveis dificuldades e sugestões das práticas de ensinar, até estarem preparados para assumirem partes de aula, e finalmente o controle de uma turma.

Depois já assumiriam responsabilidades maiores, como trabalhar com turmas em programas de atividades físicas para a comunidade, numa situação mais controlada e simplificada, comparada à situação real no mercado de trabalho. Na minha opinião, seria valorizada a aprendizagem dos alunos, e também a experiência dos professores e técnicos. A experiência assumiria então um peso muito grande na formação. O conhecimento do conteúdo caminhando lado a lado com a experiência prática de ensinar.

De acordo com os autores, a “prática de ensino” e o “estágio supervisionado”, não seriam assumidas apenas por um docente, mas por professores do curso, criando um eixo curricular.

Para Ramos (2002), os estágios na graduação são vistos como momentos estanques de aprendizagem, como os únicos responsáveis pela integração entre teoria e prática e como sinônimo de emprego. Assim como, Betti e Betti (1996), o autor defende a perspectiva do ensino reflexivo e encara os estágios e o currículo como indissociáveis, valorizando os saberes da teoria e da prática presentes na aquisição e construção do conhecimento.

Outra questão que vale lembrar é a grande distância entre o que se estuda na Universidade e o que acontece na escola, mas se não acompanhamos o que ocorre de mais atualizado nas pesquisas, torna-se quase impossível a relação teoria-prática, ou melhor, o que é estudado e publicado para facilitar e melhorar o ensino não chega

nas escolas pela falta de conhecimento dos profissionais que nelas atuam. Nogueira (apud DARIDO, 1999, p.38) investigou os níveis de atualização de professores de Educação Física e os resultados mostraram que 70% deles não lêem revistas especializadas, 74% não conhecem as novas publicações referentes à área e 82% não têm conhecimento sobre as pesquisas realizadas nas Universidades.

Outro fator importante que contribui para o distanciamento entre teoria e prática, está no fato de pesquisadores e professores terem objetivos diferentes. O discurso de um aponta para o avanço e o progresso científico, além do desejo de ascensão na carreira e elevação do status dentro da academia. Já o outro, está preocupado em ensinar o conteúdo e garantir sua sobrevivência.

Em pesquisa realizada nos Estados Unidos, Lawson (1993), verificou que 12 dentre 13 professores acreditavam que podiam se tornar ultrapassados, porém apenas 01 professor sugeriu que não ler a literatura específica da área poderia torná-lo ultrapassado.

Certamente, a maioria dos professores tem consciência da importância da formação continuada, mas poucos aceitaram o desafio e se propuseram a mudanças. Provavelmente este fato ocorre pelos motivos citados anteriormente e também por outros dois que são apresentados a seguir: por um lado, as pesquisas não são práticas o suficiente porque não dizem respeito diretamente ao trabalho, e por outro, a linguagem das pesquisas, na maioria das vezes, é muito técnica e não familiar ao professor (DARIDO, 1999).

Quanto às sugestões na busca de alternativas de como trabalhar o esporte na escola, o grupo procura participar de cursos, eventos acadêmicos, ler livros e revistas da área.

É importante destacar também que uma das preocupações das professoras é fazer com que seu aluno sinta prazer em participar das atividades:

\_A minha professora de basquete da graduação só dava a técnica de treinamento, treinar o fundamento, o movimento era só aquilo, ia e voltava, ia e voltava, era uma chatice aquela aula [...] (professora 1).

\_Quando comecei a dar aula me frustrava, eu não sabia como fazer meus alunos jogarem basquete, pois a visão mecanicista de alguns professores da faculdade não me permitiram ter prazer em alguns jogos e eu acabava reproduzindo aquilo [...] hoje, quando eu começo voleibol na 5ª série e ensino eles a sacar, a bola não vai, não passa, então eles falam que não querem mais jogar pois quando você tem a dificuldade da técnica você não vai ter prazer. Daí eu explico que o importante para acertar é melhorar a técnica, então uma coisa tá ligada à outra. Primeiro eu coloco eles mais perto da rede para sacar e aos poucos vão afastando, aí eles passam a ter o prazer por ter mais facilidade [...] (professora 1).

\_Interfere, porque vi muita teoria e regras e ficou uma lacuna na forma de passar esse conteúdo de uma forma mais prazerosa, e com uma gama maior de atividades [...] (professora 2).

\_Mesmo com todos os cursos de reciclagem nos dando uma visão mais ampla de maneiras diferentes para se trabalhar esse conteúdo (já melhorei bastante!), ainda sinto em alguns poucos momentos um resquício dessas aulas da minha graduação [...] (professora 3).

Em pesquisa realizada por Betti (1992), os alunos fizeram uma avaliação das principais interferências que os levam a sentir ou não prazer nas aulas, e foi comprovado pela autora que: a presença dos colegas; o professor; o conteúdo e as condições de infra-estrutura escolar são fatores decisivos no alcance do prazer nas aulas de Educação Física escolar.

É o caso dos exemplos dados pelo grupo sobre a repetição dos movimentos, que não deixa de ser uma condição para que os mesmos sejam aprendidos, só que na maioria das vezes, esses movimentos são realizados da mesma forma, várias vezes consecutivas. Nesse caso, a criatividade pode garantir outras possibilidades

para a realização desses movimentos, com mudanças de direções e utilizações de materiais.

Quando questionadas sobre as dificuldades que encontram em trabalhar o conteúdo esporte nas aulas de Educação Física escolar, duas professoras afirmaram que possuem um pouco de dificuldade em relação à participação de todos, e a compreensão por parte dos mesmos, das diferenças dos objetivos entre a aula e a turma de treinamento esportivo. Foi também comentada a dificuldade em se trabalhar o esporte nas três dimensões (conceituais, procedimentais e atitudinais):

-Minha dificuldade acho que é com os alunos menos habilidosos, pois a tendência é deles se afastarem (fugirem) das aulas, mesmo eu colocando que o mais importante é se permitir experimentar. Outra dificuldade é não ter certeza se estou conseguindo ver o esporte nas três dimensões [...] (professora 1).

Quanto às sugestões de como se tratar o conteúdo esporte na sua totalidade, as professoras disseram que devemos deixar claro para os alunos que os objetivos de se trabalhar o esporte nas aulas de Educação Física escolar e nas turmas de treinamento são diferentes.

Além disso enfatizaram:

- respeitar o conhecimento prévio dos alunos;
- utilização de jogos pré-desportivos;
- trabalhar as três dimensões dos conteúdos (conceituais, procedimentais e atitudinais);
- respeitar o princípio da inclusão;
- respeitar o princípio da diversidade de conteúdos e aprendizagem,
- trabalhar o esporte num contexto geral, que tenha significado para o aluno.

A partir das sugestões acima, admito que fiquei feliz e satisfeita com as respostas do grupo, e tenho certeza que as professoras sabem que o esporte é um conteúdo da Educação Física escolar que deve ser valorizado assim como os outros, e quais princípios devem ser respeitados para que o mesmo seja trabalhado na sua totalidade.

As dificuldades levantadas são referentes à prática pedagógica, ou seja, o grupo está adiantado por reconhecer alguns avanços da área em relação “ao que fazer”, mas o que precisa ser mais desenvolvido é “o como” e o “porquê fazer” determinadas atividades. Vale lembrar que as três dimensões dos conteúdos (conceituais, procedimentais e atitudinais), foram citadas por apenas uma professora no decorrer do encontro e na aplicação do questionário. Sugeri que o grupo lesse o texto de Darido (2004c), para que discutíssemos no próximo encontro.

#### 4.2 PCNs de Educação Física: diminuindo dúvidas.

A partir da análise das respostas dos questionários respondidos pelas participantes, foi elaborada uma programação norteadora para a discussão do segundo e dos próximos encontros, e apresentada ao grupo que não sugeriu nenhuma modificação inicialmente:

<u>ENCONTROS</u>	TEMAS
Primeiro	Apresentação do projeto e aplicação do questionário. Acertos Iniciais.
Segundo	Esporte e Educação Física escolar: influências e tendências.
Terceiro	Esporte na Educação Física escolar: conceito, importância, classificação e caracterização.
Quarto	Possibilidades para o Esporte na Educação Física escolar. Esporte e as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais.
Quinto	Possibilidades para o Esporte na Educação Física escolar. Esporte e as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais.
Sexto	Possibilidades para o Esporte na Educação Física escolar. Esporte e as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais.
Sétimo	Possibilidades de vivências do esporte em sua totalidade.
Oitavo	Esporte e Educação Física escolar: contribuições e considerações finais.

O segundo encontro foi realizado dia 18 de março de 2005 e teve a duração de duas horas. Todas as professoras estavam presentes.

No primeiro encontro, foi sugerido que o grupo levasse para casa o texto “Ensinar/aprender Educação Física na escola: influências, tendências e possibilidades”, de Darido (2004c), para ser lido e discutido no segundo encontro.

As professoras concordaram e levaram o texto para casa, mas no segundo encontro afirmaram que não foi possível a leitura do texto todo por ser meio longo (17 páginas), então resolvemos separar a primeira hora desse encontro para que acabassem de ler o texto.

Após a leitura, apresentei os objetivos do projeto de pesquisa de uma maneira mais clara e ampla, e expliquei que o mesmo não foi feito no primeiro encontro para que não interferisse nas respostas dos questionários. Comentei que fiquei muito satisfeita com as respostas e com a certeza de que a ajuda do grupo fortalecerá o projeto.

Expliquei também os objetivos da leitura do texto proposto, que procura de uma maneira clara e sintética, apresentar a Educação Física, sua história, suas influências, além das novas tendências pedagógicas e algumas possibilidades, para podermos compreender a disciplina no contexto escolar atual.

O grupo achou o texto meio longo, mas de fácil leitura e compreensão. Quando perguntei se havia alguma novidade no que leram, a professora 3 afirmou que não conhecia a proposta da saúde renovada, mas já teve contato com as outras (não na graduação), e sim, através de um grupo de estudos que participa, formado por professores de Educação Física da rede municipal de ensino de Americana – SP:

\_Eu me lembro da visão de quando a gente fala em saúde relacionada à Educação Física e esporte, é uma maneira de segurar um pouco a onda das drogas, da violência, dizendo que se a pessoa é esportista, ele tem que dormir cedo, não beber, para segurar um pouco a juventude, que esporte é saúde [...] (professora 3).

A concepção biologista, assim como a esportivista, influenciou a Educação Física na escola, mas era insuficiente para a alteração ou construção de comportamentos favoráveis à proteção e à promoção da saúde do educando, que é a nova proposta de Brasil (1998). No documento dos PCNs a saúde é tratada dentro dos chamados “temas transversais” que são apontados como temas de urgência para o país como um todo, com a intenção de ampliar o olhar sobre a prática cotidiana.

Após apresentar o objetivo de se trabalhar a saúde como tema transversal na escola, perguntei ao grupo se costumam trabalhar esses temas no decorrer das aulas de Educação Física. As professoras 1, 2 e 3 já trabalham com os temas transversais na escola, mas assumem que precisam estudar mais:

\_Sim, pois os temas transversais estão inseridos nos conteúdos da Educação Física. Trabalhamos com valores como solidariedade, respeito às regras, aos colegas, ética, pluralidade cultural (diferentes práticas corporais como folclore). Meio ambiente, saúde e orientação sexual são desenvolvidos também no transcorrer das aulas em momentos pertinentes [...] (professora 4).

As práticas da cultura corporal de movimento, usualmente são consideradas no senso comum como sinônimo de saúde, e essa relação é explorada e estimulada pela indústria cultural, do lazer e da saúde, como dietas, forma física e corpos perfeitos, através da venda de produtos como sopas emagrecedoras, roupas e calçados, e até equipamentos específicos.

Alguns conceitos e valores sobre as práticas corporais são divulgados dando mais ênfase aos produtos da prática e menos aos processos, sempre aparecendo em relações de causa e efeito, que não são necessariamente verdadeiras. Portanto, perguntei ao grupo o que fariam se um aluno perguntasse se “esporte é saúde”:

\_Coloco sempre que praticar esporte é muito saudável, mas que não é só isso, tenho colocado muito em minhas aulas a questão qualidade de vida, pensando em pratica de atividades, alimentação saudável, saúde mental entre outras coisas que as crianças trazem [...] (professora 1).

\_O esporte contribui muito para adquirirmos um estilo de vida saudável, mas há necessidade de vários outros fatores, como alimentação, não fumar, não beber, etc. Tenho falado pouco com os alunos a respeito disso, preciso melhorar o enfoque [...] (professora 2).

\_Eu diria que somente o esporte não é sinônimo de saúde. Além da prática constante de atividade física tem que ter hábitos saudáveis e boa alimentação. E tudo que é feito em excesso acaba sendo prejudicial como treinos muito “fortes” em busca de alta performance que provocam, por exemplo lesões nas articulações de joelho, ombro, etc. Quando acontece algum fato divulgado pela mídia com atleta profissional que será submetido a uma cirurgia , ou os casos mais recentes de ataque cardíaco durante a prática esportiva, levo reportagens para serem discutidas em aula [...] (professora 3).

\_Acredito que o esporte pode contribuir e muito para as pessoas terem uma vida saudável. Procuo conversar com os alunos sobre a importância da atividade física, seus benefícios e sua prática para melhoria da qualidade de vida [...] (professora 4).

Todas as professoras do grupo comentaram que quando eram alunas, eram pesadas e medidas, mas não servia para nada, os professores não tinham objetivos, e elas não entendiam o porquê:

\_Eu achei interessante, porque eu estou fazendo o IMC (índice de massa corporal) com as crianças, e antes eu pesava e media e não sabia para quê. Usei uma tabela que não dá para atender todos os alunos, pois o resultado de um aluno maior, dá que ele é obeso e ele não é. Ele é grande para a idade dele. Então eu abordei com os alunos que alguns são mais magros, outros não, e um aluno disse que o importante é ter equilíbrio com a alimentação, atividade física, eu fiquei satisfeita, pois eles entenderam o significado da aula,

daí eles começaram a falar quais atividades físicas costumam praticar [...] por isso que por um tempo eu parei de fazer isso, até que conversei com um outro professor que fez, me passou a tabela de índice de massa corporal. Fizemos um trabalho (projeto) com a professora de matemática para uma Feira de Ciência Cultural [...] (professora 1).

\_A partir da 6ª série principalmente, as meninas começam a ficar extremamente preocupadas com o corpo, com o que come, com medo da balança [...] (professora 2).

\_E tem aquelas alunas que não contam o peso e altura para ninguém [...] tem uma que pede para ser pesada numa salinha para ninguém ver [...] (professora 5).

Nesse sentido, é responsabilidade da Educação Física escolar diversificar, desmistificar, contextualizar e, principalmente, relativizar valores e conceitos da cultura corporal de movimento, para o aprendizado das relações entre a prática de atividades corporais e a recuperação, manutenção e promoção da saúde, incluindo o sujeito e sua experiência pessoal ao considerar os benefícios e os riscos dessas diferentes práticas (BRASIL, 1998, p. 37-38).

Todas concordaram também, que muita coisa do texto já tinha sido vista na graduação, mas já não lembravam mais, portanto, o texto foi de grande importância para enriquecer o conhecimento e compreender melhor algumas questões que ainda hoje permeiam a área no âmbito escolar.

Quanto às propostas dos Parâmetros Curriculares Nacionais, as professoras 1, 3 e 4, tiveram o primeiro contato com o documento assim que o mesmo chegou na escola, durante as reuniões pedagógicas e também através do grupo de estudos que participam. É importante lembrar que as reuniões pedagógicas da rede de ensino municipal de Americana – SP acontecem às sextas-feiras à tarde em todas as escolas, ou seja, todos os professores da unidade escolar se encontram nesse horário para tratarem de assuntos do dia-a-dia, planejamento de aulas, dentre outros, como a leitura dos PCNs. E a partir desse ano, a cada quinze dias,

acontecem reuniões de formação realizada por área, com o objetivo de formação continuada, re-planejamento, além de trocas de experiências. É importante destacar que essas reuniões de formação estão em fase inicial e muita coisa deve ser avaliada e repensada para o ano de 2006.

Quando perguntei se o grupo considera a reunião pedagógica como uma maneira de formação continuada, as professoras 2 e 5 afirmam que não, pois essa reunião trata muito mais de outros assuntos do que os relacionados com a Educação Física. Já as professoras 3 e 4, afirmam o contrário, e acreditam que no momento em que estão lendo e discutindo um texto, trocando experiências ou conversando e decidindo algum projeto, estão em formação continuada. Essa diferença de opinião acontece de acordo como cada escola organiza sua reunião.

Além da reunião pedagógica realizada na escola e a reunião de formação por área, cada professor tem direito a partir desse ano de 2005, a uma ou duas “horas de estudo” como são chamadas, dependendo da carga horária semanal de cada um. A professora 4 achou o direito ao horário de estudo um avanço, pois é um momento que podem estar voltadas para leitura de assuntos da área, e as professoras 2 e 5 afirmam que essas duas horas estão contribuindo para um crescimento na vida profissional, principalmente por causa dos bons textos que estão sendo veiculados.

Após o primeiro contato com os PCNs, a professora 1 afirmou que gostou, pois sempre achou que a Educação Física poderia ser muito mais do que só os esportes que apareciam nos planejamentos que teve contato quando começou a dar aulas, e a professora 3 ficou surpresa ao verificar a grande quantidade de conteúdos que o documento abrangia e que seria muito difícil para o professor conseguir contemplar todos eles. A professora 4, achou o conteúdo dos PCNs pertinente e

veio confirmar o que já trabalhava, inovando em alguns aspectos e trazendo esclarecimentos e embasamento teórico sobre a sua prática pedagógica.

Já a professora 2 assume que não leu o PCN todo, apenas concentrou sua leitura nas séries (ciclos) que ministra aulas e complementou o planejamento. Teve pouco contato com o documento, pois entrou para a rede de ensino municipal há três anos, mas afirma que gostou do que leu.

As professoras foram então questionadas se agora, depois da leitura em reuniões e horários de estudos, possuem a mesma opinião sobre os PCNs:

\_Agora sei que é um documento importante e preciso estudá-lo. É uma ferramenta para o trabalho. Não dei importância na época [...] (professora 2).

\_Com o passar do tempo e depois de outras leituras ficou mais claro que o que consta ali é um leque grande de opções e sugestões de conteúdos que podem ser tranquilamente trabalhados para tornar as aulas mais diversificadas e motivantes, além de ser um facilitador para a interdisciplinaridade [...] (professora 3).

\_Penso que são documentos importantes que servem para nos auxiliar, esclarecer e contribuir com embasamento teórico para a melhoria da nossa prática pedagógica, porém, poderia sugerir/propor atividades voltadas para práticas alternativas, sutis, visando um trabalho holístico e o embasamento sobre o assunto [...] (professora 4).

É preciso esclarecer que os PCNs funcionam como um dos referenciais teóricos nesse projeto e também na rede de ensino municipal de Americana –SP, portanto, decidi discutir o conteúdo do documento com o grupo.

Além da apresentação dos PCNs de Educação Física e seus avanços, foram apresentadas também as críticas sofridas pelo documento, que foram tratadas por Darido et. al. (2001), que considera de grande importância os avanços propostos para a Educação Física escolar, constituindo um enorme desafio para os

profissionais da área. Quanto às críticas, afirma que o documento não pode ser utilizado como um currículo mínimo obrigatório a ser seguido nas escolas.

No final, sugeri que o grupo levasse para casa o texto de Betti (1995a), e mais uma vez elas me surpreenderam aceitando a tarefa sem maiores problemas.

### **4.3 O Esporte em aulas de Educação Física escolar: um desafio aos professores.**

O terceiro encontro foi realizado dia 29 de março à noite e teve a duração de duas horas e meia. No último encontro sugeri que lessem um texto em casa, então, começamos este encontro discutindo o mesmo: “Esporte na escola: mas é só isso professor?” (Betti, 1995a).

Iniciei, explicando que o objetivo da leitura do texto foi apresentar a idéia de que, ainda hoje, apesar das mudanças que a área sofreu e das novas propostas, podemos encontrar professores que trabalham o esporte como único conteúdo nas aulas de Educação Física de 5ª a 8ª série do Ensino Fundamental.

Quando pedi que comentassem a leitura, a professora 4 achou que o texto funciona como um puxão de orelha, mas acredita que vem ao encontro com o que os professores do grupo fazem nas suas aulas:

“O texto fala da gente trabalhar o esporte sob uma nova forma didática, os alunos têm que entender o que eles estão fazendo, e vai além disso, tem que ter uma discussão da mídia sobre recorde, olimpíada, trabalhar uma visão um pouco mais crítica no geral [...] (professora 4).

De acordo com a autora, ao ensinar o esporte, o professor deve abordar juntamente com a prática, a teoria cognitiva, social e cultural, ou seja, é preciso aprender a discutir o que acontece no esporte. Outra questão fundamental que é levantada pela autora é o porquê da pouca utilização dos outros conteúdos que fazem parte da cultura corporal de movimento, por parte dos professores. Sendo assim, pedi para que o grupo comentasse a questão e o que leva colegas da área a serem acomodados e resistirem às mudanças:

\_Quando eu li o texto lembrei de quando entrei no Estado, eu peguei um planejamento de Educação Física do ano anterior e os quatro esportes principais (voleibol, handebol, basquetebol e futsal), eram divididos pelos quatro bimestres [...] (professora 1).

\_Em muitos casos são as condições de abandono dos lugares para a prática das aulas e a escassez de materiais, os professores pensam que não vale a pena se esforçar para mudar uma situação caótica. Em outros casos pode ser devido à formação que receberam, não se atualizaram e estão “satisfeitos” com o trabalho que estão fazendo [...] (professora 2).

\_Qualquer mudança requer esforço e muita persistência. Acomodar-se é muito mais tranquilo, principalmente quando não se tem o devido apoio da direção da escola, quando se tem que trabalhar 50 horas semanais, quando tem que haver investimento financeiro para se atualizar, dentre outros [...] (professora 3).

\_Falta de estímulos, de vontade de aplicar um conteúdo diferente. Encontramos dificuldades, principalmente na rede estadual, não posso deixar de citar minha indignação, em relação à falta de cuidados com o espaço da disciplina de Educação Física (até da própria direção), falta de material, baixo salário, clientela difícil. Mas acredito que tenha que estar no profissional uma vontade muito grande para superar todas estas dificuldades e desenvolver melhores aulas [...] (professora 4).

\_Tudo o que é novo dá mais trabalho, é cansativo, estressa [...] (professora 5).

Percebemos que há uma estreita ligação entre os resultados da pesquisa de Betti (1995a), e as respostas do grupo em relação aos motivos que levam alguns professores de Educação Física a resistirem às mudanças, não utilizando os outros conteúdos que fazem parte da área, tais como: falta de motivação; formação profissional; comodismo; falta de materiais e de infra-estrutura, além de péssimas condições de trabalho, como classes super lotadas, baixos salários e desvalorização da disciplina.

As professoras 1 e 4 apontam que o baixo status e a falta de valorização da disciplina é uma questão que deve ser superada, principalmente nas escolas públicas

estaduais. A professora 1 contou que na escola onde trabalhava o espaço físico era mal distribuído, pois tinha uma quadra descoberta e um outro espaço que dava para fazer várias atividades. O problema é que construíram a casa do zelador bem nesse espaço, apesar de outros que a escola possuía e, assim, as aulas foram prejudicadas. Já a professora 2 contou que na escola estadual onde trabalha, (acumula 02 cargos no magistério), possuía uma sala onde aconteciam aulas de damas e xadrez, e que a mesma foi substituída por uma sala de informática, sem o conhecimento dos professores de Educação Física.

Então, perguntei para o grupo o que poderíamos fazer, e a professora 4 acredita que a formação continuada do professor tenha um papel fundamental neste processo de melhoria da sua prática pedagógica, além de estimular e enriquecer a vida pessoal:

\_A experiência que eu tenho de formação continuada com esse grupo de professores é riquíssima e muito importante na minha vida profissional. A leitura de textos em conjunto, seguida de discussão, a troca de informações e até a aproximação pessoal que nos envolve me acrescenta bastante no dia-a-dia de trabalho [...] (professora 3).

Além da formação continuada, em pesquisa de Gaspari et al. (2003), 21 professores entrevistados apresentaram algumas sugestões para a melhoria de sua prática pedagógica, são elas: melhoria das condições de trabalho que inclui adequação de infra-estrutura e material, aumento dos salários, diminuição do número de alunos por turmas, e aumento do número de aulas de Educação Física por semana.

Outra maneira de melhorar a prática pedagógica citada pelo grupo foi respeitar a diversidade de conteúdos. A professora 3, disse que logo no começo do ano quando pegou uma 8ª série do Ensino Fundamental, pensou em não trabalhar o

atletismo, pois a maioria dos alunos já tinham visto esse conteúdo no primeiro bimestre da 5ª, 6ª e 7ª séries:

“Eu acho que eles estão cansados do mesmo assunto e eu também. Agora eu estou trabalhando tênis de campo com eles. Pensei isso antes de ler o texto e depois que li, acho que vou mudar isso na 7ª série também. Por mais que a gente vai mudando o grau de dificuldade, é o mesmo assunto [...]” (professora 3).

Mas, apesar de terem gostado do tênis de campo, alguns alunos pediram o atletismo por causa do JEM (Jogos Escolares Municipais), então a professora decidiu usar o horário da turma de treinamento para convidar os alunos interessados a disputar uma vaga nas corridas, saltos e arremessos.

É importante destacar que em 1995 foram criados os Jogos da União Inter-CIEP, nome proposto pelos próprios alunos dos CIEP (Centros Integrados de Educação Pública), da rede municipal de ensino de Americana-SP. Atualmente são denominados “JEM”, Jogos Escolares Municipais, e consistem em um torneio de jogos e esportes com o objetivo de promover a integração, possibilitando novas vivências da cultura corporal de movimento aos alunos de 9 a 16 anos, contando com a participação de aproximadamente 1500 alunos. Após 12 anos de sucesso, o evento já faz parte do calendário escolar do município e é muito esperado pelos alunos. No 1º bimestre são realizadas as provas de atletismo e no 2º semestre o evento envolve o “vôlei gigante” (vôlei adaptado para crianças nascidas em 1995 e 1996), alguns esportes coletivos como voleibol, futsal, handebol e basquetebol, além de damas, xadrez e tênis de mesa. A perspectiva do grupo é aumentar cada vez mais a quantidade de modalidades e atividades no evento, mas essa questão depende da quantidade de dias disponíveis para a realização do mesmo.

Depois, apresentei que outro objetivo da leitura do texto foi de mostrar o quanto o grupo está avançado em relação ao tema, mas também que, trabalhar o esporte na sua totalidade, ainda é um desafio para os professores. Segundo o grupo, um dos fatores que justifica o avanço, é a disciplina ser oferecida aos alunos por professores especialistas de Educação Física desde os seis anos de idade, além da infra-estrutura e dos materiais, que são diversos. A professora 3 disse que a quantidade e a diversidade de materiais facilita, mas afirma que:

\_O profissional que não quer nada com nada, pode ter o material que tiver, se ele tiver vontade de sentar e não fazer nada, ele vai dar a bola e pronto [...] (professora 3).

Outra questão importante, levantada pela professora 1 é que os alunos precisam saber que as aulas de Educação Física podem acontecer em outros espaços, e não somente na quadra. Quando inicia o atletismo com os alunos, essa professora costuma passar um vídeo para a 5ª série do Ensino Fundamental, com o objetivo de mostrar uma pista de atletismo de “verdade”, pois quando trabalha salto em distância na escola, ela usa colchões e na realidade essa prova de campo é feita numa caixa de areia, assim como as outras provas.

O encontro estava fluindo muito bem, o grupo é muito participativo, contei então uma historinha que aconteceu comigo logo que ingressei na escola após a graduação, para exemplificar a influência de outros colegas na nossa prática pedagógica.

Fui trabalhar em uma escola estadual, e na primeira aula que tive com uma 7ª série do Ensino Fundamental, ensinei o jogo “Base 4”. A aula foi muito dinâmica e

divertida. Só que eu dividia o horário com meu colega da área que já tinha muitos anos de experiência profissional. A minha classe ficou eufórica com o jogo e o professor percebeu que seus alunos também ficaram interessados e pediram se também poderiam jogar. Ele veio até mim, deu um “tapinha” nas minhas costas e disse que eu tinha empolgação de iniciante e logo eu entraria no “esquema” (entregar a bola e marcar o tempo). Na hora não entendi o que aconteceu, mas depois percebi e achei que ele poderia ter me perguntado sobre o jogo, a organização, como jogar, e tentar aplicar com seus alunos e não ter essa atitude negativa. As professoras do grupo afirmaram conhecer colegas de profissão com o mesmo perfil. Algumas já passaram por essa situação constrangedora.

Na primeira metade do encontro discutimos o primeiro texto, conversamos bastante e esclarecemos as possíveis dúvidas. Chegou a hora de discutirmos como surgiu o esporte, e sua importância dentro e fora da escola, além de mostrar alguns conceitos, sua classificação e caracterização quanto ao número de participantes. Li a seguinte frase:

O esporte, na atualidade, vem adquirindo espaço e importância cada vez maiores em nossa sociedade, basta olharmos à nossa volta para que comprovemos isto [...] (GALVÃO; RODRIGUES; MOTA e SILVA, 2005, p.177).

Pedi para que fizessem comentários à respeito e mais uma vez fiquei muito satisfeita, pois o grupo ainda não tinha lido o texto e o que foi comentado veio ao encontro com o que foi tratado pelos autores:

-No último final de semana eu assisti na Tv um jogo de vôlei feminino e no domingo à tarde a seleção de futebol. Na atualidade a mídia fala muito mais do esporte, tá sempre falando, comentando alguma coisa, tem muito mais programa de esporte [...] (professora 3).

\_De domingo à noite principalmente, tem muito programa falando de esporte, tanto na Tv aberta como na Tv a cabo [...] (professora 1).

\_Eu gosto de assistir vários programas de esporte, desde jogos de futebol nacionais e internacionais, até golfe e baseball [...] (professora 5).

\_ risos...[...]

Concluimos que cada vez mais o esporte ganha espaço, tornou-se um fenômeno social de massa, e exerce um papel social importante, pois é alimentado pelos meios de comunicação, principalmente pela Tv que atualmente é uma fonte de formação de valores e atitudes e grande parte das pessoas, principalmente as crianças, permanecem muito tempo diante dela.

De acordo com Porcher (apud BETTI, 1991, p.55), “o esporte é constituído pela atividade física e pelo seu papel social”. Sendo assim, o educador falharia se descuidasse de uma dessas duas dimensões do fenômeno esportivo.

É importante mostrar principalmente às crianças, que o valor do esporte é muito mais rico e complexo do que o espetáculo social divulgado pelos meios de comunicação e do culto ao ídolo. “A escola deve educar seus alunos para a mídia e com a mídia” (BETTI, 1999, p.89), para estabelecerem uma distância crítica e reflexiva em relação às mensagens.

Segundo o autor, foi criado um novo fenômeno da cultura esportiva, chamado de esporte “telespetáculo”, produzidos pelos mais variados meios de comunicação. E o que a Educação Física precisa fazer é contextualizar, articular essas informações com outras, enfim, mediante a reflexão crítica, ressignificá-las. Tendo

como exemplo a televisão, os programas esportivos são editados para mostrar o que é interessante para o iBope e seus patrocinadores. Durante a semana são realizados vários jogos pelo mundo, mas o que se enfatiza nos programas esportivos no Brasil são os jogos de futebol, seguido dos gols mais bonitos, das cenas de violência, da fama e do sucesso de alguns jogadores. As cenas são transmitidas com efeitos especiais, sonoros e visuais, que mexem com o sentimento do telespectador. Sendo assim, as crianças tomam contato muito cedo com o esporte, antes mesmo de experimentá-lo corporalmente. Por isso muitas vezes, a concepção de aula de Educação Física para muitos alunos, é apenas jogar futebol, pois este esporte, que é o mais praticado e transmitido em nosso país, se torna referência para crianças e jovens. Já outras crianças se assustam com a violência mostrada nos jogos transmitidos pela Tv, e não querem nem vivenciar tal prática.

O grupo comentou também a questão da televisão dar preferência ao futebol e chegou a conclusão que a Tv não abre espaço para determinados esportes por causa dos resultados. Como exemplo, temos o caso do handebol, dentre outros:

\_Quando a Paula e a Hortência jogaram juntas na seleção, todo mundo queria jogar basquete. O basquete do Brasil tinha mais prestígio, assim como aconteceu com o Guga (Gustavo Kuerten) e o tênis, no auge de sua carreira [...] (professora 1).

Esses temas polêmicos inseridos no mundo esportivo, também devem ser abordados e discutidos durante as aulas. Nossos alunos precisam saber que “o esporte surgiu de formas rudimentares de jogos e brincadeiras e, que sofreram modificações no decorrer do tempo, por vários motivos, sejam eles políticos, econômicos, sociais e culturais” (RESENDE e SOARES, 1996, p.54).

O “voleibol” por exemplo, teve várias mudanças em suas regras oficiais. Antes, para vencer um set, a equipe precisava marcar 15 pontos e existia “vantagem” na contagem de pontos, o que tornava o jogo muito demorado, e realmente não era interessante para a mídia transmitir uma partida desta modalidade esportiva, pois o espaço na Tv é muito caro. Foram alteradas algumas regras e o jogo se tornou mais rápido e mais atrativo para o “telespectador”. Com essas mudanças alguns jogos de voleibol passaram a ser transmitidos pela Tv aberta e, atualmente, principalmente graças a divulgação da mídia, é o segundo esporte mais praticado no Brasil.

Por isso devemos dar atenção especial no tratamento que a mídia dá ao esporte e às outras práticas corporais, para solucionarmos os possíveis equívocos, e permitirmos que os alunos tenham conhecimento sobre outros aspectos que permeiam o esporte.

A professora 3 comentou que um aluno perguntou a razão pela qual um tênis de mola de uma certa marca famosa custa tão caro, e a mesma respondeu que o consumidor paga a marca e a tecnologia, pois as grandes empresas investem na pesquisa científica.

O esporte na escola “deve tornar-se um compreender, um incorporar, um aprender” atitudes, habilidades, conhecimentos, que levem o indivíduo a dominar os valores e padrões da cultura esportiva” (BETTI, 1991, p.58).

Além da questão da influência da mídia, o esporte é uma atividade que envolve muito dinheiro e movimenta a indústria de lazer, turismo, roupas, equipamentos esportivos, alta tecnologia e pesquisas científicas.

#### 4.4 Esporte-educação.

O quarto encontro aconteceu dia 12 de abril de 2005 (terça-feira), e teve a duração de duas horas. Todas as professoras estavam presentes.

Iniciei perguntando sobre novidades em relação à Educação Física escolar e discutimos uma matéria que vimos num programa de Tv sobre o treinamento esportivo precoce. Depois, passei uma programação para o grupo com eventos da área, com o objetivo de participarmos e elaborarmos um trabalho para ser apresentado em um evento científico no 2º semestre deste ano. Expliquei também a necessidade de mudança no quadro de programação dos encontros como havíamos combinado no 3º encontro. Vale lembrar que a proposta inicial era de oito encontros e que houve uma modificação na programação passando a nove encontros coletivos. O pedido foi do próprio grupo com a intenção de não prejudicar o ritmo do encontro final. A seguir, será apresentado o quadro de programação modificado:

<u>ENCONTROS</u>	TEMAS
Primeiro	<i>Apresentação do projeto e aplicação do questionário.</i> Acertos Iniciais.
Segundo	Esporte e Educação Física escolar: influências e Tendências.
Terceiro	Esporte na Educação Física escolar: conceito, importância, classificação e caracterização.
Quarto	Esporte na Educação Física escolar: conceito, importância, classificação e caracterização.
Quinto	Possibilidades para o Esporte na Educação Física escolar. Esporte e as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais.

Sexto	Possibilidades para o Esporte na Educação Física escolar. Esporte e as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais.
Sétimo	Possibilidades de vivências no esporte na sua totalidade.
Oitavo	Esporte e Educação Física escolar: avaliação dos resultados.
Nono	Esporte e Educação Física escolar: contribuições e considerações finais.

Apresentei os objetivos do 4º encontro e comecei lendo o conceito de esporte conforme Tubino et al. (2000), que consideram o mesmo como uma atividade social que se originou do jogo e se institucionalizou, e sua prática é um direito de todos. Tem como elemento essencial a competição e pode ser apresentado nas perspectivas da educação, do lazer e do rendimento. Depois, pedi para que o grupo comentasse o conceito e a classificação proposta pelo autor e logo surgiu a primeira questão:

\_Como o esporte pode ser visto como lazer? [...] (professora 3).

Em resposta a essa questão, a professora 4, deu exemplo de um jogo de vôlei que acontece na praia durante as férias. E a professora 3 questionou mais uma vez:

\_Mas aí não é esporte, é jogo [...] (professora 3).

Expliquei para o grupo que a maioria dos conceitos relacionados ao esporte apresentam uma estreita relação entre o esporte e o jogo, e que alguns autores possuem opiniões contrárias sobre até que ponto as pessoas estão praticando um jogo ou um esporte.

Prefiro compartilhar a idéia de Tubino et al. (2000), apresentada acima e classificar o esporte como: esporte-educação, esporte-lazer e esporte de rendimento ou performance.

Mais uma vez, destaquei que o objeto de estudo deste trabalho não é o esporte de rendimento, nem o de lazer e, sim, sua relação com a Educação Física escolar (educação), e tem por finalidade democratizar e gerar cultura através do movimento de expressão do individuo em ação como manifestação social e de exercício crítico da cidadania, evitando a exclusão e a competitividade exacerbada. O esporte-participação é referenciado pelo principio do prazer lúdico, e ocorre em espaços não comprometidos com o tempo, e livre de obrigações da vida cotidiana, apresenta como propósito a descontração, a diversão, o desenvolvimento pessoal e a interação social. Já o chamado esporte-performance ou de rendimento, traz propósitos de novos êxitos e a vitória sobre os adversários. As diferentes modalidades esportivas estão ligadas a instituições (ligas, federações, confederações, comitês olímpicos) que organizam as competições locais, nacionais ou internacionais e têm a função de zelar pelo cumprimento das regras e dos códigos éticos.

Nesse momento foi levantada pelo grupo a questão da competição nas aulas de Educação Física escolar. Ficou claro que o grupo não vê problemas em tratar a competição nas aulas, ou seja, sabemos que a competição faz parte da Educação

Física escolar assim como a cooperação que também tem seu espaço no planejamento anual:

\_A gente pode ver pelo nosso trabalho, mesmo no campeonato, a gente não se preocupa só com o rendimento, é uma consequência do que fazemos nas aulas [...] (professora 1).

A professora 1 contou que ficou surpresa com a reação de vibração de um de seus alunos numa aula que estava trabalhando salto em distância no colchão. Ela fez uma marca de 2,50 metros para eles saltarem, ou seja, propôs um desafio, pois sabia que esta marca havia sido alcançada facilmente por outra classe da mesma faixa etária.

A mesma professora comentou que numa outra aula sobre corrida, percebeu que a competição ajuda a melhorar o desempenho dos alunos:

\_Antes eu marcava o tempo no cronômetro de um por um. Resolvi cronometrar a corrida em dupla e percebi a melhora do tempo de todos os alunos, pois um queria superar o outro. As duplas eram formadas por alunos que possuíam tempos semelhantes [...] (professora 1).

\_Comigo foi numa aula de salto em distância nos colchões. Eu não estava marcando o desempenho dos alunos, e apesar de todos estarem vivenciando aquela atividade, achei que não estavam saltando bem. Resolvi marcar com giz cada salto. Um queria superar o outro e cada vez saltavam mais longe. Faço questão de explicar sempre que o importante é vivenciar, participar da atividade, cada um no seu limite e quem tivesse interesse em disputar uma vaga para o JEM -Jogos Escolares Municipais, deveria saltar o mais longe possível. Assim mesmo, os alunos que não saltam muito, ficaram satisfeitos em superar suas próprias marcas [...] (pesquisadora).

Se tratada de maneira coerente, achamos que a competição funciona também como motivação para os alunos em alguns casos.

A seguir, tratamos da caracterização dos esportes, que podem ser classificados de acordo com algum material, por exemplo, os esportes com bola, ou praticados em determinados ambientes, como os esportes aquáticos. Preferimos caracterizar os esportes de acordo com o número de participantes, ou seja, esportes coletivos e esportes individuais.

Perguntei ao grupo se, na escola, os esportes coletivos são mais apreciados pelos alunos do que os esportes individuais. Confesso que não esperava unanimidade quando a resposta foi negativa:

\_Um aluno que vai bem numa modalidade individual, vai bem também na coletiva e vice-versa. Quem gosta, gosta da maioria das atividades [...] (professora 5).

Após o comentário acima, a professora 1, contou que um de seus alunos pratica tênis de campo no período oposto da escola, e que o mesmo se dedica apenas ao esporte individual, possuindo grande dificuldade em praticar esportes coletivos durante as suas aulas. Quais razões poderiam justificar essa afirmação? A professora acredita que os treinos fora da escola refletem na participação desse aluno nas aulas de Educação Física escolar. A partir daí surgiram outros comentários:

\_Quem tem um pouco mais de dificuldade, ou uma pessoa muito tímida, vai se dar melhor no coletivo, porque não vai aparecer tanto [...] (professora 5).

Já a professora 3, acredita que essa questão de preferência pelos esportes coletivos ou individuais depende do grupo que este aluno está inserido no contexto escolar. Alguns grupos não aceitam que algum aluno cometa erros durante um jogo,

criando uma situação constrangedora que deve ser discutida com o grupo todo e deixar claro quais objetivos que queremos alcançar.

Na vida pessoal, chegamos à conclusão que a preferência entre esportes coletivos e individuais também depende de cada um e de seus objetivos:

\_Às quartas-feiras, eu encontro um grupo de colegas para jogar basquete e adoro. Às vezes rola um estresse, tem gente que leva o jogo a ferro e fogo, mas sempre acaba bem. Eu vou para correr, cansar [...] (professora 2).

Sendo assim, encerramos a discussão entre esportes coletivos e individuais e apresentei ao grupo uma nova caracterização que vem sendo considerada como possibilidade de discussão na escola que são os esportes de aventura, que podem ser interpretados como uma busca ou reencontro do homem consigo mesmo, ou ainda, como mais um produto a ser devorado pelo mercado de bens e consumo.

Essas atividades estão cada vez mais presentes na nossa vida, principalmente por causa da mídia. Perguntei, o que acham sobre os esportes de aventura, qual o seu significado e por que despertam interesse em tantas pessoas. O grupo deu alguns exemplos como *a caminhada orientada, o rapel, o rafting e o surfe*, e fizeram os seguintes comentários:

\_As lojas especializadas em esporte têm muito material desenvolvido para os esportes de aventura, não tem mais volta, não é só coisa de momento [...] (professora 3).

\_Acho que é adrenalina mesmo [...] (professora 5).

\_São pessoas que gostam de superar desafios [...] (professora 1).

A professora 3 comentou que já participou de provas de enduro e que o objetivo da prática é de superação pessoal. As “mamães” do grupo (professoras 1, 3 e 5) incentivam seus filhos à práticas de algumas dessas atividades, como o *arborismo* e afirmam que as crianças adoram.

Pedi que dessem sugestões de como realizar essas atividades na escola. Percebi num primeiro momento que as professoras só pensaram nessas práticas em lugares abertos como bosques e cachoeiras, totalmente fora da realidade da estrutura escolar:

\_O esporte de aventura é tão ligado à natureza, como a gente vai fazer isso na escola? [...] (professora 3).

Perguntei novamente como poderíamos trabalhar os esportes de aventura nas aulas de Educação Física escolar (não necessariamente utilizando somente os espaços físicos da escola). A professora 3 afirmou que não teria problema em fazer esse trabalho numa escola particular, por causa dos custos de transporte, de guia e aluguel dos equipamentos de segurança. Mais uma vez pedi que dessem sugestões de vivenciar essas práticas na escola, mesmo que de forma adaptada, e a professora 1 contou que na sua escola, uma colega amarra umas cordas nas árvores e grades, e faz atividades que lembram o arborismo.

O grupo lembrou que os alunos adoram correr, saltar, trepar e sentem falta de espaços que oportunizem esses tipos de atividades:

\_Alguns sobem na tabela de basquete para se pendurar [...] (professora 5).

\_Eu tinha um aluno, quando eu dava uma corda a primeira coisa que ele fazia era jogar a corda por cima da trave de futebol e se pendurar. A estrutura física da escola dificulta este trabalho [...] (professora 1).

Apesar do problema do espaço físico da escola, o grupo acredita que seria interessante fazer adaptações para que os alunos possam vivenciar algumas atividades dos esportes de aventura e as professoras mostraram estar dispostas a discutir e elaborar sugestões num outro momento para tratar desses esportes e de temas emergentes na educação como: meio-ambiente, valores de beleza, auto-realização, liberdade, cooperação, solidariedade , ética e estética.

Assumimos não compreender o objetivo por parte dos participantes de algumas dessas atividades, e do “prazer” em arriscar a própria vida, como alguns alpinistas que tentam escalar o Monte Everest sem cilindro de oxigênio.

É preciso, também, deixar claro para os alunos que o simples contato com a natureza não é condição suficiente para considerar o indivíduo como defensor do meio-ambiente.

A seguir, apresentei ao grupo o quadro de Pigeaussou (apud GALVÃO; RODRIGUES; MOTA E SILVA, 2005, p. 184), que compara o sistema de pensamento tradicional, com o sistema de pensamento ambientalista:

	Pensamento Tradicional	Pensamento Ambientalista
Objetivo	Maximo	Melhor
Pretensões	Performance e eficiência	Prazer e Beleza
Modelo de relacionamento	Competição	Convivência e harmonia

Depois de analisar o quadro o grupo acha importante destacar que o prazer pode estar inserido no pensamento tradicional, assim como a competição pode estar inserida no pensamento ambientalista:

\_Eu acho que depende do objetivo de cada um. Eu participava de um grupo de enduro e o nosso objetivo não era vencer, pois sabíamos que ainda não tínhamos condições para isso, mas queríamos terminar a prova [...] (professora 3).

\_Acho importante a pessoa praticar esporte e participar. Não ficar só preocupada em ganhar e comparar seu rendimento com o do outro, e sim melhorar seu próprio rendimento [...] (professora 5).

A professora 1 afirma que passamos muito tempo comparando rendimentos dentro da escola, era valorizado o mais habilidoso, mas acredita que essa questão vem sendo superada aos poucos e deu exemplo do que acontece em provas de maratona, na qual o objetivo de muita gente é concluir a prova e não vencer.

A professora 5 contou que assistiu uma reportagem sobre os Jogos Olímpicos num canal fechado de Tv e na Grécia Antiga, numa competição de corrida por exemplo, o perdedor pagava sua derrota com a própria vida. Nesse programa também foi mostrada a superação dessa visão que valoriza os outros participantes através de algumas cenas olímpicas inesquecíveis como a chegada de uma atleta de maratona toda torta e de um nadador de um país da África que não possuía técnica alguma de natação e foi aplaudido por haver conseguido terminar a prova.

Portanto, precisamos conversar mais com nossos alunos, mostrar aos mesmos que essa visão de valorizar apenas o primeiro colocado deve ser superada, que a competição é importante faz parte das nossas vidas, mas que a participação, a vivência, é fundamental. Como sugestão, o grupo apresentou a possibilidade de

premiação de todos os alunos participantes de campeonatos ou gincanas realizados na escola, com medalhas ou certificados de participação.

Para finalizar nosso encontro, falei mais uma vez sobre a esportivização na Educação Física escolar, e que, apesar desse tema ter sido muito discutido, o mesmo não está esgotado, pois ainda permaneceram algumas questões mal resolvidas a serem discutidas. Para tanto, usei como referência bibliográfica os textos de Bracht (2000/1), e os quatro equívocos citados pelo autor para que o grupo analisasse e fizesse comentários:

- 1º equívoco – Quem critica o esporte é contra o esporte?

Ficou claro para o grupo que o esporte não pode (nem deve) ser negado na escola, mas assuntos do contexto esportivo que achamos importantes ou que discordamos, deve ser levado para as aulas de Educação Física, para informação e discussão com os alunos.

Pedi que o grupo apresentasse uma sugestão de como tratar criticamente o esporte na escola, e vários exemplos atuais foram lembrados. Em abril de 2005 uma árbitra de futebol sofreu uma dura crítica feita por um dos técnicos do jogo em que estava apitando. Infelizmente, a árbitra estava meio longe do lance e marcou uma jogada errada. O técnico falou à imprensa que a mesma era incompetente, e que uma mulher não deveria apitar um jogo de futebol. A partir daí sugestões foram dadas de como tratar criticamente essa questão na escola. Poderiam ser abordados temas como “a mulher e o esporte”; “a mulher e o futebol”; “a cultura do futebol”.

Perguntei ao grupo se haviam assistido ao filme nacional “O casamento de Romeu e Julieta” que apresenta de uma maneira divertida, uma história de amor

entre uma palmeirense e um corintiano, além do fanatismo pelo futebol, da mulher no esporte, e da influência que o futebol tem nas nossas vidas. Apenas a professora 4 havia assistido o filme, e a professora 1 afirmou não compreender o que acontece com os torcedores e seu envolvimento com a cultura do futebol (emoções, fanatismo):

\_Não torço para nenhum time de futebol, não vivenciei esse envolvimento, nunca fui a um estádio de futebol [...] (professora 1).

Contei então, como o futebol fez e faz parte da minha vida. Desde cedo, meu querido pai, torcedor do São Paulo Futebol Clube, me levava aos estádios de futebol para assistirmos jogos do tricolor paulista. Minha mãe também nos acompanhava. Todas as viagens que ele planejava tinham segundas intenções, e em meu álbum de fotos sempre apareço vestida com a camisa do time, de boné e bandeira na mão. Apesar da paixão pelo futebol, nunca vi meu pai discutir por causa do seu time. Aprendi a cantar o hino, aliás, temos um disco de vinil com os hinos dos principais times de futebol do Brasil, e eu sabia quase todos. Até hoje sei cantar um pedacinho de cada um. (risos...). Infelizmente, em 1988 meu pai faleceu, e voltei poucas vezes aos estádios de futebol. Sinto falta, e adoro assistir os jogos pela Tv, e quando é o São Paulo que joga, tenho boas recordações. E, assim, contei ao grupo mais um pedacinho da minha história, e fiquei muito emocionada. Percebi que o grupo se emocionou também, e combinamos de assistir um jogo ao vivo, de preferência no Morumbi.

A professora 3 perguntou se esse fato interferiu na minha escolha em cursar Educação Física na graduação e respondi afirmativamente, além de outras

influências como os bons professores da área que tive e o gosto pelas atividades físicas desde cedo.

- 2º Equívoco – Tratar criticamente o esporte nas aulas de Educação Física é ser contra a técnica esportiva?

O autor coloca que a técnica deve ser considerada um meio para atingir fins, por isso deve ficar claro o objetivo de se trabalhar a técnica esportiva na escola:

\_Quando a criança melhora o movimento, ela tem mais prazer, eles mesmos percebem que fica mais gostoso [...] (professora 1).

\_Acho importante também, porque depois que a gente passa uma técnica e eles assistem um jogo, eles comparam o movimento e vêm contar que aprenderam igual àquele determinado jogador [...] (professora 3).

Não podemos esquecer que o esporte está o tempo todo à nossa volta, principalmente na Tv (influência da mídia na vida das crianças), pois a grande maioria passa muito tempo diante dela. A professora 1, contou que trabalhou o conteúdo de uma aula e no final sobrou um tempinho. Os alunos pediram uma bola, e como ela estava guardando os outros materiais, pediu para que um deles fosse buscar a bola. Percebeu que aquela classe de 5ª série estava tentando jogar handebol (não tinham aprendido esta modalidade ainda), e misturavam algumas regras. A partir de um jogo que assistiram na Tv, os alunos viram a dinâmica do jogo, mas precisavam da interferência da professora para solucionar algumas situações. A professora conversou com os alunos sobre o novo jogo, e começou a iniciação do handebol.

O grupo não vê problemas nem dificuldades em trabalhar as técnicas esportivas nas aulas de Educação Física, pois o que realmente importa é a finalidade desta aprendizagem. Os alunos precisam compreender a finalidade da técnica para vivenciar através da prática, ou assistindo um jogo (pela Tv ou ao vivo), entender o que acontece na quadra, os objetivos daquele jogo, seu desenvolvimento e regras.

- 3º Equívoco – Os valores de rendimento se opõem ao lúdico?

Segundo o autor, é um equívoco considerar que do lado do rendimento estejam todos os defeitos (mecanização do homem, orientação pela razão instrumental, sacrifício, dor, manipulação), e do lado lúdico, todas as virtudes (prazer, espontaneidade, liberdade, verdadeira humanização). Acredita que “o comportamento lúdico não existe na sua forma pura, ele está mais ou menos presente em uma série de práticas humanas, portanto moldado culturalmente” (BRACHT, 2000/1, p. 17).

Por outro lado, não podemos reduzir o sentido dos esportes ao rendimento nas aulas de Educação Física escolar.

- 4º Equívoco – Tratar criticamente o esporte na escola é abandonar o movimento em favor da reflexão?

Expliquei para o grupo que alguns críticos do esporte de rendimento enquanto conteúdo das aulas de Educação Física escolar, queriam substituir o ensino das

destrezas esportivas pelo discurso sociológico ou filosófico sobre o esporte, transformando todas as aulas em teóricas, de preferência em sala de aula.

Resgatei uma fala da professora 1, que aconteceu no 3º encontro e pedi para que o grupo comentasse a respeito:

\_Os alunos precisam saber que as aulas de Educação Física podem acontecer em outros espaços, e não somente na quadra [...] (professora 1).

O grupo comentou que as aulas teóricas fazem parte de seu planejamento, e apenas a professora 2 não costuma conversar com seus alunos quando inicia uma modalidade esportiva, mas assume que fala pouco e gostaria de conversar mais com os mesmos. Perguntei de que maneira costumam trabalhar a teoria nas aulas de Educação Física escolar:

\_Costumo trabalhar aulas teóricas na classe para que os alunos possam dar significado ao conteúdo antes da prática [...] (professora 1).

\_Sinto falta de quando começo uma modalidade esportiva, saber a origem desse esporte. Quando trabalho teoria, o objetivo é a informação, não ficamos numa sala de aula. Os alunos prestam atenção, mas não fica nada documentado no caderno [...] (professora 3).

\_Quando a gente fica na sala, depois de um tempo, tem sempre um aluno que pergunta se não vai ter “física”, mas aí, outro aluno já interfere e diz que é “Educação Física” e que a aula já começou assim que a professora entrou na sala [...] (professora 5).

\_A minoria dos alunos acham que todas as aulas são práticas [...] (professora 4).

Todas as professoras do grupo afirmam ter passado por essa situação, mas, atualmente, a visão de que as aulas só começam quando acontece a prática já foi

superada pela maioria dos alunos, depois de muita conversa. A professora 1 acredita, também, ser importante levar para os alunos alguns textos informativos sobre os conteúdos abordados nas aulas.

Outra questão que o grupo apontou foi uma falta de organização da disciplina em relação à sistematização dos conteúdos. A professora 1 acredita que o livro didático ajudaria nessa questão, desde que não fosse considerado como “receita de bolo”. O restante do grupo resolveu não opinar ainda.

Para encerrar o encontro, lemos um trecho de Kunz (1994, p.34):

[...] compreender o esporte nos seus múltiplos sentidos e significados para nele poder agir com liberdade e autonomia, exige, além da capacidade da interação social e comunicativa. O que implica em dizer que o esporte na escola, não deve ser algo apenas para ser praticado, mas sim estudado [...]

As meninas perguntaram se não teriam nenhum texto para levar, e quando respondi negativamente, elas mostraram decepção, pois estão gostando das novas leituras. Fiquei satisfeita com a reação delas e resolvi sempre preparar um texto relacionado ao encontro para leitura em casa.

#### **4.5 Novas possibilidades para o ensino do Esporte na Educação Física escolar.**

O 5º encontro aconteceu dia 26 de abril de 2005, teve a duração de quase duas horas e meia, e duas professoras não estavam presentes. As professoras 2 e 5 se enganaram com a data.

Num primeiro momento conversamos sobre novidades e passei ao grupo alguns títulos de livros da nossa área, para a biblioteca da escola. Depois, perguntei sobre o andamento dos encontros, se está muito corrido, se estão dando conta. Todas estão de acordo com a organização e desenvolvimento dos encontros, afirmei que meus objetivos e os do projeto estão sendo cumpridos.

O tema desse encontro conforme a programação foi “Possibilidades para o Esporte na Educação Física escolar. Esporte e as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais”.

Alguns estudiosos da área entendem que qualquer modificação na estrutura (regras e espaço físico) pode ser considerada uma descaracterização da prática esportiva.

O que acontece na escola? A professora 4 discorda dessa visão, pois acredita estar desrespeitando o princípio da inclusão:

\_Não deixo um aluno de fora de um coletivo por causa do número correto de participantes. Eu explico que no futsal são quatro na linha e um no gol, mas nas aulas de Educação Física não vou deixar ninguém de fora [...] (professora 4).

\_É o que aconteceu com o regulamento do JEM (jogos escolares municipais) de atletismo. O grupo de professores de Educação Física da rede municipal acharam por bem fazer algumas modificações e o evento vai acontecer, e não deixou de ser importante por conta das modificações. [...] (professora 1).

\_Se a gente for muito radical, não daremos atletismo, pois na escola não existe pista nem caixa de areia [...] (professora 4).

Sendo assim, para oportunizar a vivência das provas de atletismo, o grupo faz adaptações de materiais, espaços e regras. Para o salto em distância, por exemplo, são utilizados colchões; para o salto em altura, dois postes, corda e colchões, e para o arremesso de peso, nas categorias menores, são utilizadas bolinhas de tênis (lançamento de pelota):

\_É para o próprio bem do aluno. Se a gente for esperar uma caixa de areia para trabalhar o salto em distância, ou uma quadra com as dimensões corretas, o objetivo da Educação Física será reduzido [...] (pesquisadora).

\_Começa por aí. Qual quadra tem as dimensões exatas? [...] (professora 1).

\_A quadra oficial de handebol tem 20 x 40, nenhuma escola possui uma quadra com essas dimensões. Então, tenho que explicar para os alunos que os passes são muito importantes nessa modalidade por causa da grande distância de uma trave na outra. Se eles costumam jogar handebol na escola e depois têm a oportunidade de jogar numa quadra oficial, cansam muito. Melhor do que não terem oportunidade de vivenciar esse esporte [...] (pesquisadora).

Acreditamos que essas adaptações de acordo com a clientela contribuem muito mais do que atrapalham na compreensão do que venha a ser esporte, pois contemplam os princípios da inclusão e da diversidade de conteúdos. Galvão; Rodrigues; Mota e Silva, (2005), acreditam que o esporte pode ser compreendido como um campo de ação aberto, buscando valorizar a diversificação das práticas, estimulando a criação de novas vivências, privilegiando as diferentes experiências, concepções e interesses dos envolvidos.

Depois que o aluno compreendeu a dinâmica de funcionamento das modalidades institucionalizadas é possível construir adaptações e transformações que visam atender as necessidades e ambições do grupo.

Uma maneira, dentre outras, para compreender a dinâmica de um esporte é discutir com os alunos a origem dos mesmos. As professoras, 1, 3 e 4, assumiram que atualmente não conversam com os alunos sobre a origem e história dos esportes, mas já fizeram esse trabalho anteriormente. Estão dispostas a resgatar isso e sugeriram que cada uma do grupo pesquisasse e trouxesse para o próximo encontro a história de dois esportes para uma troca. Fizemos a separação e ficou da seguinte maneira: pesquisadora (voleibol e basquetebol); professora 1 ( ginástica rítmica desportiva e ginástica artística); professora 3 (tênis e handebol), e professora 4 (atletismo e futebol).

Conversamos sobre o futebol de salão que sofreu modificações nas regras e passou a ser chamado de futsal. Será que os alunos sabem o por quê? A partir daí podemos discutir a cultura do futebol, a mulher no futebol e o que podemos fazer para conciliar o interesse dos meninos e meninas nas aulas de Educação Física escolar:

\_Eu acho que a gente tem que conversar muito com os alunos [...] (professora 4).

\_Acho que isso tem que começar lá no pré. Eu tenho uma classe de 8ª série que são nossos alunos há vários anos. Eles jogaram handebol juntos mas durante o jogo se a professora não está lá para interferir um pouco, tem muita reclamação [...] (professora 3).

\_E quando entra aquela menina que parece um “dois de paus”, eu fico nervosa pro lado de fora, imagina os outros que querem jogar [...] (professora 1).

\_As meninas reclamam, e eu busco formar equipes equilibradas [...] (professora 3).

Todas as professoras do grupo dão aulas para turmas mistas, mas assumem que em determinados momentos da aula separam meninas e meninos, e acreditam que o sucesso de trabalhar com a turma mista depende da classe, pois algumas se integram melhor do que as outras:

\_Eu acho que depende da classe, por dois motivos. Na minha opinião os meninos são mais flexíveis, aceitam os erros delas e por outro lado tem algumas meninas que são interessadas, se integram no jogo, aí funciona bem. Então o grupo determina bastante se dá para fazer uma aula mista ou não [...] (professora 3).

\_Percebo que no voleibol você consegue jogar mais tranqüila com equipe mista porque não existe confronto direto. Hoje a 5ª série jogou futsal misto e só as meninas reclamaram que os meninos não passam a bola para elas [...] (professora 1).

\_Não é só no esporte. Na queimada por exemplo tem sempre aquele grupinho de meninas que ficam só se escondendo e reclamam que não pegam na bola [...] (professora 3).

Nesse momento as professoras criticaram a maneira que algumas meninas se comportam nas suas aulas, principalmente as de 8ª série do Ensino Fundamental. A professora 3 contou que uma de suas colegas da área, num momento de desabafo, afirmou que prefere dar aulas só para meninos. Perguntei, o que elas acham sobre essa idéia e o que poderíamos fazer para amenizar essa questão da reclamação das meninas. Elas confessaram que é muito mais fácil alcançar os objetivos da aula só com os meninos. Eles são mais interessados:

\_Procuro separar a turma na hora do coletivo. Separo time só de meninas e só de meninos, todos jogam contra todos [...] (professora 1).

\_Às vezes eu dou um jogo misto de handebol e altero algumas regras. Peço para que a bola passe por todos os jogadores, aí, se mesmo assim houver reclamação, eu mudo outra coisa com o objetivo de adequação do jogo ao grupo [...] (professora 4).

\_Outro dia eu dei basquete e as meninas queriam jogar e não tinham número suficiente, daí eu coloquei três meninas e dois meninos em cada time, e os meninos naquele jogo não poderiam fazer cesta, só armar jogada e passar a bola. A gente pode fazer isso com o handebol e o futsal [...] (professora 3).

\_Eu vejo assim, até a 6ª série não tem muita diferença de habilidades, agora na 7ª e 8ª séries, nenhuma menina vai querer jogar no gol. Alguns meninos chutam muito forte[...] (professora 1).

As vantagens e desvantagens de se trabalhar turmas mistas pensando no esporte foram abordadas pelo grupo. Todas as professoras acreditam que as meninas são mais organizadas e a maioria dos meninos mais habilidosos. Mas afirmam também que os meninos são mais agressivos e algumas meninas são desinteressadas:

\_A maioria dos meninos tem um senso de competição mais aguçado. Eles não entram para perder, e isso dá mais motivação para eles [...] (professora 1).

A questão da competição aparece novamente, se tratada de maneira coerente nas aulas, achamos que funciona também como motivação para os alunos.

Como vantagem, a professora 3 percebe que, quando as meninas estão jogando com os meninos, elas se esforçam mais, procuram errar menos para não receber críticas:

\_Quando os meninos estão jogando com as meninas, eles “seguram a onda” do respeito, uma falta mais grave não acontece e acaba sendo uma troca positiva [...] (professora 3).

Como sugestões de atividades foram citados: o “jogo dos dez passes” e o “futebol de casais”. O primeiro tem como objetivo trabalhar passes, cooperação e organização. Os alunos são divididos em dois grupos e devem passar uma bola de borracha 10 vezes entre os jogadores da mesma equipe para ganhar um ponto. No “futebol de casais”, o grupo é dividido em duplas (um menino e uma menina), que não podem tocar na bola se soltarem as mãos. Durante um certo tempo do jogo, pode-se propor que só as meninas façam gols. Essa idéia das meninas finalizarem a jogada, pode ser utilizada também no basquete, vôlei, handebol, dentre outros.

O grupo achou importante destacar que a maioria dos alunos que reclamam muito em jogar com as meninas são alunos novos dos CIEPs, pois essa questão é tratada na escola desde os seis anos, e mesmo assim, às vezes, acontece. Já os alunos que vêm de fora reclamam muito mais e todo esse trabalho tem que ser desenvolvido novamente.

Chegou o momento do encontro de pensar em tratar o esporte nas aulas de Educação Física escolar dentro de uma proposta pedagógica considerando as três dimensões dos conteúdos: conceituais, procedimentais e atitudinais, sugeridas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

“Na Educação Física escolar, por conta de sua trajetória histórica e da sua tradição, a preocupação do docente centraliza-se no desenvolvimento de conteúdos de ordem procedimental” (DARIDO et. al., 2001, p. 21).

Ao praticar uma atividade física, o aluno deve saber porque está praticando tal atividade, sua origem e também seus riscos e benefícios. O objetivo deste estudo

é considerar as três dimensões dos conteúdos e ter consciência que é um avanço para a Educação Física escolar, em busca de um maior equilíbrio entre as mesmas.

O grupo comentou que, depois do primeiro contato com os PCNs, não repararam os avanços que o documento apresentava, as professoras 1, 3 e 4, confirmaram que ainda não trabalham as três dimensões dos conteúdos de uma maneira intencional.:

\_No começo ficou muito confuso. No início do ano, antes das aulas, tivemos alguns dias de planejamento e a partir daí a Secretaria de Educação sugeriu que o planejamento anual fosse elaborado considerando as três dimensões dos conteúdos. Mas não sabíamos direito a diferença. O interessante mesmo seria ler e estudar os PCNs como a gente faz aqui, discutir para entender melhor [...] (professora 1).

A dimensão atitudinal é tratada no decorrer das aulas quando há uma necessidade, resolução de algum problema, e não de uma maneira intencional, como deveria. As professoras pediram e dei o exemplo de conversarmos com os alunos sobre a importância de todas as posições dos jogadores numa quadra, pois cada um tem sua função durante o jogo. No voleibol, por exemplo, existem os passadores, e se o passe não sai legal, o levantador terá dificuldades e o ataque será comprometido, assim como o saque, o bloqueio e a defesa. Por isso, existe a cooperação e o respeito dentro de quadra, cada jogador toma conta da sua posição, ninguém deve ser “fominha” e querer jogar sozinho. O grupo afirmou que os exemplos facilitam a compreensão, e a professora 3 abordou um acontecimento que ocorreu durante sua aula:

\_A gente até fala sobre atitudes antes de começar a aula, mas quando algum fato acontece, temos que dar uma reforçada. Eu já expliquei para a 8ª série sobre a corrida, o jeito certo de correr, a respiração. Hoje fizemos o alongamento, fomos correr e eles conversaram o tempo todo. Eu deixei, a hora que terminou o tempo da corrida, disse que

estava decepcionada, porque eles não lembraram tudo o que foi falado sobre economia de energia e respiração. Daí eu pensei, e a dimensão atitudinal onde ficou registrada neles? [...] (professora 3).

De acordo com o exemplo, perguntei quais dimensões foram tratadas. A dimensão conceitual aparece quando a professora fala da respiração e da economia de energia na hora da corrida. A dimensão procedimental ocorre no momento da realização dos alongamentos e da corrida, e a dimensão atitudinal vai depender do comportamento que o aluno teve durante a corrida.

A professora 3 perguntou onde está a falha, se não aconteceu a mudança esperada (silêncio ao correr). Concluimos que a falha ocorreu na dimensão atitudinal, pois o objetivo da professora era atingir a mudança de comportamento dos alunos. Discutimos qual seria o momento correto de “sentarmos” com os alunos para conversar sobre alguma questão que surge na aula:

\_Acho que muda a atitude do aluno quando ele vê o significado do que foi dito [...] (professora 1).

\_Eles perceberam que ficaram com aquela “dor de lado” e com a boca seca [...] (professora 3).

Concluimos que o correto seria sugerir uma segunda proposta, pedindo aos alunos que levem realmente a sério, com o objetivo de observar alguma diferença no resultado, para que percebam se foi melhor correr concentrado e de boca fechada.

Através dos comentários e exemplos, verifiquei que as maiores dúvidas do grupo surgiram em torno da questão da dimensão atitudinal, para finalizar, perguntei se as dificuldades sobre as três dimensões foi amenizada durante esse 5º encontro:

\_Acho que a questão das três dimensões dos conteúdos clareou muito, mas ainda esse assunto não está tranquilo, a palavra dificuldade é forte demais [...] (professora 3).

Para casa, levaram o texto de Darido et al. (2002), resenha do livro “A prática educativa” de Antoni Zabala. Expliquei que o livro é uma das referências sobre as três dimensões dos conteúdos, mas é voltado para a Educação no geral. É o leitor que vai fazer a ponte com sua área específica.

#### **4.6 Confirmando as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais.**

O sexto encontro foi realizado dia 11 de maio de 2005, teve a duração de duas horas e a professora 4 não estava presente.

O grupo ficou de trazer para este encontro a origem e história de alguns esportes para haver uma troca. Além disso, a professora 5 trouxe uma coleção de fitas de vídeo de atletismo e um livro que fala de curiosidades dos esportes. Combinamos de mexer nesses materiais assim que finalizássemos o encontro.

Começamos este encontro discutindo o texto de Darido et al. (2002), resenha do livro “A prática educativa: como ensinar” de Antoni Zabala (1998), que trata das relações interativas na classe, do papel dos professores e alunos, além da distribuição de tempo e da organização dos conteúdos. Pedi às professoras que lessem o texto em casa e anotassem os pontos mais importantes para discutirmos. A professora 1 achou interessante os comentários do texto relacionados à Educação Física, pois o mesmo trata a Educação num contexto geral.

Nessa parte do encontro, fiz a proposta de ler alguns trechos da resenha e pedir para o grupo comentar, como o trecho que vem a seguir:

[...] sobre os conteúdos da aprendizagem, seus significados são ampliados para além da questão do que ensinar, encontrando sentido na indagação sobre por que ensinar [...] (DARIDO et al., 2002, p. 197).

A professora 1 afirmou que nem tudo que a gente acha necessário ensinar, tem sentido, significado para uma determinada turma. A professora 3, acredita que a

instituição escola, tem que refletir como é a sociedade que o aluno vive, fora da escola, para podermos elaborar o que ensinar para esse aluno:

\_o conteúdo a ser trabalhado deve ser completamente relacionado ao que o aluno vivencia fora da escola também [...] (professora 3).

Zabala (1998), afirma que não é possível ensinar sem nos determos nas referências de como os alunos aprendem, e chama a atenção para as particularidades dos processos de aprendizagem de cada aluno, ou seja, para a diversidade. Comentei com o grupo, que no último encontro, percebi que elas reclamaram mais das meninas, quando tratamos de aulas mistas. E também que a professora 1 deu um exemplo que me chamou a atenção principalmente quando estava transcrevendo o encontro:

\_E quando entra aquela menina que parece um “dois de paus”, eu fico nervosa pro lado de fora, imagina os outros que querem jogar [...] (professora 1).

Será que essa menina (“dois de paus”) é realmente desinteressada, ou tem um ritmo de aprendizagem diferente dos outros alunos? Numa aula que convivem meninos e meninas, o professor deve atuar de modo a favorecer a adoção de atitudes que conduzam ao reconhecimento e ao respeito às diferenças (SOUZA JUNIOR, 2004).

De acordo com Daólio (1995a), os meninos são mais hábeis e ousados nas atividades físicas e práticas esportivas, devido à construção cultural diferenciada dos corpos masculinos e femininos. Essa diferença não acontece de maneira natural e nem é determinada exclusivamente pelos componentes biológicos.

Souza Junior (2004, p.73), afirma que, “as crianças são educadas pelos adultos de forma que as diferenças entre meninos e meninas fiquem evidentes”. Desde cedo, são oferecidos aos meninos carrinhos e bola, e para as meninas, bonecas, roupinhas e brinquedos de casinha. Nas aulas de Educação Física escolar o professor não deve reproduzir essa cultura sexista.

Cabe à disciplina:

proporcionar oportunidades a todos os alunos de praticarem atividades físicas de acordo com seus interesses e compreendendo seu significado, neste sentido, poderíamos pensar em igualdade entre meninos e meninas, não igualdade de desempenho, mas sim igualdade de oportunidades (SOUZA JUNIOR, 2004, p. 82).

A professora 1 abordou outra questão importante que é a perda de interesse por parte das alunas no decorrer dos anos, principalmente de 5<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental. Esse fato é comprovado por pesquisa de Darido (2004a), na qual os resultados mostraram que há um progressivo afastamento dos alunos das aulas de Educação Física na escola, principalmente por causa do insucesso de experiências anteriores vivenciadas nas aulas. Vale lembrar que apenas a professora 4 ministra aulas para o Ensino Médio.

Portanto, devemos ficar atentos ao comportamento dos alunos que não praticam as atividades na aula, talvez, seja por não gostarem da disciplina ou ainda por não acompanharem o ritmo de aprendizagem do grupo. Muitas vezes, o ritmo de aprendizagem dos procedimentos em aula, é nivelado pelos alunos que apresentam maior domínio sobre as atividades, por isso a interferência do professor deve promover a inclusão do máximo de participantes (GALVÃO; RODRIGUES; MOTA e SILVA, 2005). De acordo com Brasil (1998, p.15):

Para boa parte das pessoas que freqüentam a escola, a lembrança das aulas de Educação Física é marcante: para alguns, uma experiência prazerosa, de sucesso, de muitas vitórias; para outros, uma memória amarga, de sensações de incompetência, de falta de jeito, de medo de errar[...]

Acreditamos que o esporte na escola necessita de um tratamento diferenciado se comparado ao esporte de rendimento. Entendemos que a utilização do jogo seja um caminho para a apresentação do esporte escolar, pois Tubino et.al. (2000), identificam no jogo a origem das diversas manifestações do esporte.

Expliquei que na proposta inicial, tínhamos que escolher um esporte individual e um coletivo para elaborarmos algumas aulas considerando as três dimensões dos conteúdos. Essas atividades seriam aplicadas nas aulas de Educação Física, e depois faríamos uma reflexão sobre a proposta. Mas, por consequência do tempo, trabalhamos apenas um esporte coletivo escolhido pelo grupo, que no caso, foi o “basquetebol”.

Todas as professoras disseram trabalhar com jogos na iniciação dos esportes:

\_Primeiro, os alunos devem compreender a dinâmica do jogo [...] (pesquisadora).

As professoras 2 e 5 comentaram que costumam utilizar o jogo “bola ao capitão” para iniciar o basquete com os alunos de 4ª e 5ª séries do Ensino Fundamental. Nesse jogo, através de passes, a bola de basquete (ou qualquer outra), terá que chegar ao capitão da sua equipe que está em cima de uma cadeira na direção da cesta de basquete.

De acordo com Darido et. al. (2002), a principal contribuição em relação às dimensões dos conteúdos, pode ser uma tentativa de superação da exclusividade procedimental nas aulas de Educação Física. A professora 1 concorda com os autores e acredita que os profissionais da área devem dar mais atenção às outras dimensões (conceituais e atitudinais).

Percebemos que, diferente das outras disciplinas, a Educação Física dá mais ênfase à dimensão procedimental, apesar de trabalhar as outras duas dimensões também. O que precisamos é trabalhá-las de maneira intencional no decorrer das aulas:

[...] nos conteúdos atitudinais é preciso articular ações formativas, não bastando propor debates e reflexões sobre o comportamento cooperativo, tolerância, justiça, respeito mútuo etc.; é preciso viver o clima de solidariedade, tolerância [...] (DARIDO et al. 2002, p.199).

Sendo assim, não adianta o professor falar sobre tolerância e cooperação, e por qualquer motivo, ficar irritado, perder a cabeça e ter atitudes diferentes das quais ele pediu aos alunos:

“É o que acontece com a vida da gente, em casa e na escola. É a mesma coisa que o pai fumar e pedir para o filho não fumar. Não adianta você discursar e não fazer [...] (professora 3).

A mesma professora comentou que discutiu com os alunos sobre os acontecimentos do último final de semana no futebol, da briga entre torcidas. Durante a conversa, os alunos criticaram as atitudes dos torcedores que brigaram, mas nem sempre evitam as discussões durante os jogos. Temos que discutir os

assuntos polêmicos, mas também temos que nos esforçar para mudar nosso comportamento.

Coll et.al. (2000), acreditam que devemos considerar as três dimensões dos conteúdos, e faz uma classificação que corresponde às seguintes questões “o que se deve saber?”(dimensão conceitual), “o que se deve saber fazer?” (dimensão procedimental), e “como se deve ser?” (dimensão atitudinal).

Darido (2004b, p.60), apresentou alguns exemplos de conteúdos da Educação Física, e achei importante socializar com o grupo:

- Dimensão Conceitual:
  - Conhecer as transformações porque passou a sociedade em relação aos hábitos de vida (diminuição do trabalho corporal em função das novas tecnologias) e relaciona-las com as necessidades atuais de atividade física.
  - Conhecer as mudanças pelas quais passaram os esportes. Por exemplo, que o futebol era jogado apenas na elite no seu início no país, que o voleibol mudou as suas regras em função da Televisão etc.
  - Conhecer os modos corretos da execução de vários exercícios e práticas corporais cotidianas, tais como; levantar um objeto do chão, como se sentar a frente do computador, como realizar um exercício abdominal adequadamente, etc.
- Dimensão Procedimental:
  - Vivenciar e adquirir alguns fundamentos básicos dos esportes, danças, ginásticas, lutas, capoeira. Por exemplo, praticar a ginga e a roda da capoeira.

- Vivenciar diferentes ritmos e movimentos relacionados às danças, como as danças de salão, regional e outras.
- Vivenciar situações de brincadeiras e jogos.
  
- Dimensão Atitudinal:
  - Valorizar o patrimônio de jogos e brincadeiras do seu contexto.
  - Respeitar os adversários, os colegas e resolver os problemas com atitudes de diálogo e não violência.
  - Predispor a participar de atividades em grupos, cooperando e interagindo.
  - Reconhecer e valorizar atitudes não preconceituosas quanto aos níveis de habilidade, sexo, religião e outras.

Depois de apresentar os exemplos acima, li uma frase da autora, na qual afirma que na prática docente, não há como dividir os conteúdos em conceituais, procedimentais e atitudinais, embora possam haver ênfases em determinadas dimensões. A autora deu exemplo de uma aula na qual o professor solicita aos alunos que realizem o aquecimento no início e explica sua importância, seu objetivo e quais grupos musculares estão sendo exigidos. Nesse caso, tanto a dimensão conceitual quanto a procedimental estão sendo envolvidas. Se ainda o professor discutir com os alunos durante o aquecimento a importância e o respeito do próprio limite e ao do colega, será abordada também a dimensão atitudinal. Essa explicação da autora, seguida de exemplos, contribuiu para maior clareza do significado das três dimensões, pois a dúvida do grupo era de que maneira dividir as aulas:

\_Para mim ficou mais claro, eu tava pensando numa aula que tivesse que ser dividida uma parte na classe, depois lá fora [...] (professora 5).

\_Se agente começar a analisar as nossas aulas, é o que a gente já faz. Eu vejo muito a questão da atitude, quando começou pesar a questão da indisciplina na escola, eu comecei a trabalhar muito as atitudes [...] (professora 1).

A professora 1 contou que no ano de 2004, tinha uma classe de segunda série muito problemática, os alunos brigavam o tempo todo. Então resolveu trabalhar o futsal com o objetivo de mudança de postura, sem pensar nas dimensões dos conteúdos na época. Distribuiu coletes para todos, contava o número de alunos e dividia as equipes, fazia tabela para organizar os jogos, e quando acabava cada jogo, pedia para os alunos cumprimentar os colegas do time adversário:

\_Eles foram melhorando, e este ano estou com a mesma classe só que na terceira série [...] (professora 1).

Nesse caso, a professora aproveitou a paixão pelo futebol existente no nosso país por conta da cultura, e melhorou o comportamento dos alunos para poder tratar também dos outros conteúdos da Educação Física em aula.

A professora 3 achou importante ler o parágrafo abaixo, extraído do texto discutido no início deste mesmo encontro para situar o problema, e abordou a questão: o que é violência para os alunos , se eles vivenciam isso desde a hora em que saem da escola, com brigas na rua, brigas em casa, com os vizinhos? Acredita que, brigar e discutir na escola faz parte do dia-a-dia dos mesmos:

[...] a finalidade da escola é promover a formação integral dos alunos.  
[...] a partir desta posição acerca da finalidade da educação escolarizada, é conclamada a necessidade de uma reflexão profunda e permanente da condição de cidadania dos alunos e da sociedade em que vivem [...] ( DARIDO et al., 2002, p. 197).

Portanto, devemos conhecer a realidade dos nossos alunos na elaboração do plano de aula, e retomar a dimensão atitudinal não só na resolução de conflitos, mas no início das aulas também, além de discutir a importância e o respeito do próprio limite e ao do colega.

Comentei que naquele dia conversei com os alunos sobre respeitar o limite do próprio corpo, pois durante uma sessão de alongamentos, um dos alunos reclamou que seu braço doía muito. Perguntei para o mesmo quem estava segurando o braço, e expliquei que ele próprio devia forçar mais o movimento ou não. Ninguém disse que era para doer:

\_Falo para os alunos que quem cuida do corpo são eles, eu não tenho controle remoto para regular, a gente orienta, ensina [...] (professora 3).

\_Quando eu trabalhei lançamento de pelota, alguns alunos vieram reclamar que sentiam dor no braço. Daí eu perguntei se eles aqueceram, só aí eles perceberam a importância [...] (professora 1).

De acordo com Brasil (1998), alguns conceitos e valores sobre as práticas corporais são divulgados dando mais ênfase aos produtos da prática e menos aos processos. As práticas da cultura corporal aparecem em relações de causa e efeito que nem sempre são verdadeiras como o exemplo de que durante o exercício, temos que sentir dor para que o mesmo possa fazer efeito. Nesse sentido, além de informações de caráter científico e cultural, é responsabilidade da Educação Física escolar diversificar, desmistificar, contextualizar e, principalmente, relativizar valores e conceitos da cultura corporal de movimento.

A partir daí, seguiríamos para a segunda parte do encontro que seria a elaboração de algumas aulas do esporte Basquete (escolhido pelo grupo)

considerando as três dimensões dos conteúdos (conceituais, procedimentais e atitudinais). Mas, devido ao tempo ter se esgotado, resolvemos elaborar essas aulas no sétimo encontro, que aconteceria na próxima semana. Depois disso, combinamos de deixar um intervalo de duas ou três semanas até o oitavo encontro para a aplicação das aulas.

#### **4.7 Elaboração das atividades.**

O sétimo encontro foi realizado dia 17 de maio de 2005, teve a duração de duas horas, e todas as professoras estavam presentes.

O objetivo deste encontro foi a elaboração de algumas aulas da modalidade esportiva “Basquetebol” (escolhida pelo grupo) considerando as três dimensões dos conteúdos (conceituais, procedimentais e atitudinais).

Foram colocadas num pequeno cartaz, as definições das três dimensões, de acordo com Coll et al. (2000), juntamente com alguns verbos usados na elaboração de atividades referentes a cada dimensão como mostrarei a seguir:

- Dimensão Conceitual (o que é preciso saber) – os objetivos referentes a fatos, conceitos e princípios frequentemente são formulados mediante os seguintes verbos: identificar, reconhecer, classificar, descrever, comparar, conhecer, explicar, relacionar, lembrar, analisar, inferir, generalizar, comentar, interpretar, tirar conclusões, indicar, enumerar, assinalar, resumir, distinguir, aplicar, dentre outros.
  
- Dimensão Procedimental (o que se deve saber fazer) – os objetivos referentes a procedimentos frequentemente são formulados mediante os seguintes verbos: manejar, confeccionar, utilizar, construir, aplicar, coletar, representar, observar, experimentar, testar, elaborar, demonstrar, reconstruir, planejar, executar, dentre outros.

- Dimensão Atitudinal (como se deve ser) - os objetivos referentes a valores, normas e atitudes frequentemente são formulados mediante os seguintes verbos: comportar-se, respeitar, tolerar, apreciar, aceitar, praticar, ser consciente de, reagir a, conformar-se com, agir, perceber, estar sensibilizado, sentir, prestar atenção à, obedecer, permitir, preocupar-se com, ter autonomia, dentre outros.

A partir dessas indicações, o próximo passo foi a elaboração das atividades de basquetebol. Discutimos também como é ampla a esfera de conteúdos que fazem parte da cultura corporal de movimento, e a importância de se tratar esses conteúdos de uma maneira aprofundada, como sugere Darido (2004b, p.64):

Para garantir um ensino de qualidade, além de diversificar os conteúdos na escola, é preciso aprofundar os conhecimentos, tratando-os nas três dimensões e abordando os diferentes aspectos que compõem suas significações.

Outra preocupação apontada, teve relação com a sistematização dessas aulas, pois na Educação Física Escolar praticamente não temos livros didáticos que nos auxiliem quanto a essa questão. Percebemos a necessidade e importância desse material para nos apoiar na elaboração do planejamento das aulas, e não funcionar como “receita de bolo”. Abordamos também a questão da repetição de alguns conteúdos no decorrer dos anos (de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental) e da necessidade de aumentar o grau de complexidade dessas atividades.

Fizemos então uma lista de atividades e dividimos as mesmas nas três dimensões dos conteúdos, sem a preocupação inicial de separação por séries. Combinamos que o próximo encontro seria dia 07/06/2005, e até esta data todas as

atividades planejadas deveriam ser trabalhadas na escola. A seguir, apresento as atividades elaboradas pelo grupo:

### **Dimensão Conceitual**

Na dimensão conceitual, o que o nosso aluno “deve saber” para aprender o basquete na sua totalidade?

- Atividades:

- 1- Investigação:

Objetivo: considerar o conhecimento prévio dos alunos. Perguntar se eles conhecem ou já praticaram o basquetebol, e se já assistiram a uma partida desta modalidade ao vivo ou pela televisão. Perguntar o que acharam do jogo, qual a primeira impressão que tiveram.

- 2- Pesquisa: sobre o basquetebol de Americana – SP, e sobre o basquetebol do Brasil.

Objetivo: conhecer a origem do basquetebol no Brasil e na cidade de Americana – SP.

- 3- Vídeo: filme: Space Jam – o jogo do século (1996).

Direção: Joe Pytka.

Elenco: Michael Jordan, Thereza Randlon, Bugs Bunny.

Objetivo: compreensão da dinâmica do jogo de basquetebol antes de vivenciá-la; conhecer alguns ídolos do basquetebol mundial; noções da NBA.

Sinopse: Um parque de diversões intergalático precisa de novas atrações. Um poderoso vilão espacial decide que Pernalonga e sua turma são os personagens mais divertidos do mundo e envia um grupo de cinco pequeninos alienígenas, os Nerdlucks, para capturá-los. Pernalonga convence os baixinhos a jogar uma partida de basquete em troca de sua liberdade. Mas os Nerdlucks tem uma arma secreta: eles roubaram as habilidades dos melhores jogadores da NBA e formaram um time da pesada, os "Monstars". Agora, só existe uma chance de Pernalonga e seus amigos ganharem essa partida. Eles precisam de ajuda do maior, melhor e mais famoso jogador de basquete de todos os tempos: Michael Jordan.

- 4- Origem e história do basquetebol :

Objetivo: conhecer a história e origem do basquetebol (ANEXO 1).

- 5- Vídeo: Fundamentos do Basquetebol I e II (Tv escola).

Objetivo: conhecer os principais fundamentos do basquetebol (dominar o corpo, a bola, passar, driblar, arremessar, pegar o rebote), além de finalizações e sistemas.

- 6- Vídeo: NBA e Basquete Nacional

Objetivo: conhecer a liga profissional americana de basquetebol; assistir uma partida (ou um período) de um jogo de basquetebol da NBA e de um time nacional para identificar as principais diferenças entre ambos; conhecer a história da NBA; pesquisar quais brasileiros atuam na NBA. (ANEXO 2).

▪ 7- Curiosidades:

Objetivo: conhecer algumas curiosidades do basquetebol mundial, de acordo com Duarte (1996):

- ❖ Nos Estados Unidos o basquetebol é o esporte favorito, já no Brasil, o favorito é o futebol;
- ❖ As cestinhas com redes, presas em aros de ferro foram adotadas em 1896. Elas eram fechadas no fundo porque o ponto só valia quando a bola permanecia lá dentro. Ao lado da cesta sempre havia uma escada ou um bastão para sua retirada;
- ❖ O Brasil foi o primeiro país da América do Sul a receber o basquetebol em 1896;
- ❖ Os maiores astros do basquete mundial são: Karrem Abdul-Jabbar – entrou na NBA na temporada de 1969-70 e atuou por quase vinte anos; Michael Jordan – jogou na NBA por nove anos e fazia uma média de 32,3 pontos por partida; Earvin Magic Johnson – estreou na NBA em 1979 e ganhou o apelido de Magic (mágico) depois de uma partida ainda na universidade em que marcou 36 pontos, conseguiu dezoito rebotes e fez dezesseis assistências; além de Charles Barkley, Larry Bird, Patrick Ewing, dentre outros;
- ❖ No Brasil, os melhores jogadores de todos os tempos são: Oscar “mão-santa”, Marcel, Guerrinha, Paula, Hortencia e Janeth, dentre outros;
- ❖ Janeth Arcain, aos 35 anos defendeu o Brasil em quatro olimpíadas, além de ser a primeira brasileira a participar da WNBA (liga feminina de basquete americano);

- ❖ Na quadra, as principais características de Paula são determinação, força e um assombroso talento que fez com que os americanos, certa vez, a chamassem de Magic Paula, referência ao ídolo Magic Johnson;
- ❖ Paula assistia a um telejornal quando apareceu na telinha seu maior ídolo, Magic Johnson (NBA), manifestando o desejo de conhecê-la pessoalmente. O encontro aconteceu no intervalo do jogo exibição de Johnson;
- ❖ No ano de 2005 a jogadora de basquetebol Hortência, foi a primeira brasileira que ingressou no hall da fama do basquetebol em Springfield (Massachusetts –EUA);
  
- ❖ Alguns termos do basquetebol:
  - air ball: quando a bola arremessada não entra na cesta, não toca no aro ou na tabela;
  - assistência: passar a bola para um companheiro que está em melhor posição para o arremesso;
  - basqueteiro: jogador de basquetebol;
  - cesta de chuá: quando a bola arremessada entra na cesta sem tocar na tabela e no aro;
  - bico: quando a bola arremessada bate na parte anterior do aro e não entra na cesta;
  - enterrada: colocar a bola com as mãos, enterrando-a na cesta;
  - ligar: na jogada de contra-ataque, jogar a bola da defesa para o ataque;
  - ponte aérea: na assistência, lançar a bola alta para o jogador completar a jogada com uma enterrada;

- queimar ou chutar: fazer o arremesso à cesta;
- toco: quando, no ato de arremessar, o atacante é bloqueado legalmente pelo defensor;
- zona morta: zona lateral da quadra, onde o jogador que arremessa não conta com a ajuda da tabela.

### **Dimensão Procedimental**

Na dimensão procedimental, o que o nosso aluno “deve saber fazer” para aprender o basquete na sua totalidade?

- 1- Bola ao capitão

Objetivo: iniciação de passes do basquetebol.

Materiais: 1 bola de preferência de basquete e 2 cadeiras.

Desenvolvimento: através de passes, a bola de basquete (ou qualquer outra) terá que chegar ao capitão da sua equipe que está em cima de uma cadeira na direção da cesta de basquete. A equipe poderá ter 5 ou mais jogadores e trocará passes até a bola chegar ao capitão de sua equipe sem que o mesmo caia da cadeira ou deixe a bola cair. Os jogadores da linha não poderão “andar” com a bola. No início utilizar somente passes simples, mais tarde poderá haver modificações, tais como: quicar a bola e utilizar outros passes como o picado e o passe de peito. Depois, poderemos também desenhar um quadrado no chão perto das cadeiras ou utilizar o próprio garrafão e pedir para que os jogadores de ataque não penetrem no mesmo.

- 2- Jogo dos 10 passes

Objetivo: passes, cooperação, organização.

Materiais: uma ou mais bolas (borracha ou basquete).

Desenvolvimento: os alunos são divididos em 2 grupos e devem passar uma bola 10 vezes entre os jogadores da mesma equipe para ganhar um ponto.

- 3- Corrida dos números

Objetivo: atenção, drible e arremesso.

Materiais: 2 bolas de basquete.

Desenvolvimento: Os alunos devem ser divididos em dois grupos, duas fileiras, cada uma em cima da linha lateral da quadra de voleibol (sentados). Numerar os alunos das duas fileiras, sendo que todos terão seu correspondente no outro grupo. Colocar as 2 bolas no centro da quadra. O professor chama um número e os alunos correspondentes (um de cada grupo) se deslocam até o centro da quadra o mais rápido que puder, pegam uma bola, e, andando, devem acertar a mesma em qualquer lugar da tabela de basquete do seu grupo. Marca ponto quem acertar primeiro. Depois o professor chama os outros números de forma aleatória. De acordo com a aprendizagem dos alunos, podem ocorrer algumas mudanças nas regras. Não será mais permitido “andar” com a bola, o aluno deve quicar a mesma. Podemos colocar cones e antes de arremessar, os alunos podem ultrapassar os cones usando os dribles. Primeiro devem arremessar na tabela e depois tentar acertar a cesta.

- 4- Basquetão

Objetivo: drible e arremesso, noção de espaço, lateralidade e agilidade.

Materiais: arcos e bolas de borracha.

Desenvolvimento: Os alunos são divididos em dois grupos, A e B. Cada aluno do grupo A segura um arco (serão as cestas), e o grupo B recebe uma bola, e através de passes, tentam acertar as cestas que se movimentam pelo espaço determinado pela professora.

- 5- Jogo do arremesso

Objetivo: atenção e arremesso.

Materiais: 1 bola de basquete.

Desenvolvimento: Os alunos são divididos em dois grupos, duas colunas. Enquanto um grupo participa da atividade, o outro ajuda a contar o número de pontos. A coluna deve permanecer de frente para a cesta de basquete num local delimitado pelo professor. O primeiro aluno recebe a bola e ao sinal do professor, cada aluno tem direito a um arremesso. O aluno que arremessar a bola deve buscar a mesma, entregar para o próximo colega e ir para o fim da coluna. Cada cesta vale um ponto e cada grupo tem dois minutos para arremessar. Vence quem fizer mais pontos em dois minutos.

- 6- Jogo do mata-mata

Objetivo: arremessos.

Materiais: 2 bolas de basquete.

Desenvolvimento: os alunos devem formar uma coluna, os dois primeiros com a posse de uma bola de basquete. Ao sinal do professor, as bolas serão arremessadas. Se o segundo aluno acertar a cesta antes do primeiro, este “morre” e sai da brincadeira por um tempo. Quando o aluno que está na primeira posição acerta a cesta, está salvo e deve passar a bola para o próximo da coluna e ir para o final da mesma e esperar sua vez de arremessar novamente.

- 7- Nunca 3 com bola

Objetivo: manejo de bola e drible.

Materiais: 2 bolas de basquete.

Desenvolvimento: os alunos devem formar duplas (um atrás do outro) e sentar em círculo. Dois alunos serão o pegador e o fugitivo. Tanto o pegador quanto o fugitivo devem correr em volta do círculo “quicando” uma bola. Para o fugitivo se salvar, ele entrega a bola para um aluno sentado, e senta no seu lugar. O aluno que recebeu a bola passa a ser o pegador. Para conseguir pegar, o aluno precisa controlar a bola e encostar a mesma no fugitivo (não vale arremessar).

- 8-Pega-pega com bola

Objetivo: passes.

Materiais: coletes e 1 ou mais bolas de basquetebol.

Desenvolvimento: é um pega-pega com bola, no qual alguns participantes iniciam o jogo como pegadores (com coletes), e através de passes, tentam pegar os demais participantes. Não é permitido “andar” com a bola, e quem for pego junta-se ao grupo de pegadores (com coletes). Devemos delimitar um espaço para os

fugitivos poderem se deslocar (quadra de basquetebol). O pegador só poderá pegar alguém quando estiver com a bola. No início utilizar apenas uma bola, aos poucos introduzir duas ou mais bolas.

- 9- Corrida das bolas

Objetivo: domínio de bola.

Materiais: 4 ou mais bolas de basquete.

Desenvolvimento: Os alunos devem ser divididos em colunas de números iguais, formando uma estrela no centro da quadra. O primeiro de cada coluna deve receber uma bola. Ao sinal do professor, os alunos com bola devem contornar a estrela conduzindo a mesma até chegar novamente na sua coluna, passar a bola para o próximo e ir para o final da sua coluna. O grupo que terminar primeiro o revezamento marca ponto. O professor deve propor que o deslocamento seja para o lado direito e/ou esquerdo.

- 10- Exercícios de domínio do corpo;
- 11- Exercícios de domínio de bola;
- 12- Exercícios de passe;
- 13- Exercícios de drible;
- 14- Exercícios de arremesso;
- 15- Exercícios de rebote;
- 16- Coletivo.

## **Dimensão Atitudinal**

Na dimensão atitudinal, como o nosso aluno “deve ser” para aprender o basquete na sua totalidade?

- Troca de passes: cooperação com os colegas; todos têm o direito de jogar, cada um na sua posição; espírito de equipe.
- Faltas: respeito aos colegas adversários.
- Diferenças de gênero: respeitar as diferenças entre meninos e meninas.
- Diferenças de habilidades: respeitar as diferenças de habilidades.
- Ética: obedecer e respeitar as regras e o árbitro.

#### **4.8 - Avaliação dos resultados.**

O oitavo encontro foi realizado dia 07/06/2005 e todas as professoras estavam presentes. O objetivo deste encontro foi a avaliação das atividades aplicadas, considerando as três dimensões dos conteúdos: conceituais, procedimentais e atitudinais.

No sétimo encontro elaboramos uma lista de atividades de basquetebol, e as professoras escolheram quais atividades iriam aplicar nas suas aulas, de acordo com a faixa etária dos alunos. Vale lembrar que todas as atividades citadas a seguir estão descritas no encontro anterior.

Além do oitavo encontro ser gravado em fita k-7, pedi para que as professoras colocassem as observações das aulas aplicadas no papel, em forma de relatório, e todas me entregaram no decorrer do mês de julho de 2005. As professoras 1, 3 e 5 especificaram as datas que trabalharam as atividades na escola. Já as professoras 2 e 4, só informaram que as atividades foram trabalhadas entre os meses de maio e junho de 2005, sem especificar as datas.

Na dimensão conceitual, a professora 1 decidiu passar o vídeo “Space Jam” para os alunos de duas classes de 5ª série do Ensino Fundamental, totalizando 58 alunos, com o objetivo de conhecerem a dinâmica do jogo e levantarem questões pertinentes à modalidade basquetebol. Na dimensão procedimental, trabalhou os jogos: “bola ao capitão”, “jogo dos 10 passes”, “basquetão”, “jogo do arremesso”, além de exercícios de fundamentos (drible, passe e arremesso). Já na dimensão atitudinal, conversaram sobre o respeito às diferenças de gênero e habilidades, além das resoluções de conflitos.

Ao passar o filme na aula de 24/05/05, pediu para que os alunos anotassem os pontos que consideravam mais importantes. Os alunos mostraram muito interesse na aula, mesmo os que já haviam assistido ao filme. Todos prestaram muita atenção e fizeram anotações. A professora ficou satisfeita com os resultados.

Na aula de 06/06/05 aconteceu a discussão sobre o filme visto na aula anterior. A classe foi disposta em círculo e os alunos da 5ª B foram colocando suas observações, e perceberam que:

- um time de basquete é formado por cinco jogadores;
- para se jogar basquete precisamos ter agilidade e habilidade;
- o basquete é um jogo coletivo, de equipe;
- é necessário e importante sabermos as técnicas do jogo;
- cada cesta vale dois pontos;
- o jogador não pode tocar no adversário;
- o jogador não pode andar segurando a bola,
- a maioria dos jogadores de basquete são altos.

Já na classe da 5ª A, perceberam:

- a correta movimentação do pulso para dar mais força e direção à bola no arremesso;
- como é feita uma bandeja;
- que num jogo coletivo devemos trabalhar em equipe;
- que no filme, como era ficção, podiam existir algumas regras diferentes;

- que homens e mulheres jogaram juntos, e que devemos respeitar a diferença de habilidades dos colegas.

Na aula de 21/06/05 da 5ª A, contemplando a dimensão procedimental, a professora 1 utilizou o “jogo do arremesso”. Houve interesse e participação de todos. No final desta aula discutiram sobre o jogo e os resultados que foram muito distantes (8 a 1, e 21 a 2). Na dimensão atitudinal, concluíram que:

- o grupo vencedor tinha mais crianças que já conheciam a modalidade, pois participaram das aulas de treinamento no ano anterior;
- faltou cooperação no grupo que perdeu, pois as bolas não eram entregues na mão do aluno seguinte,
- que o grupo vencedor trabalhou mais em equipe, aproveitando o tempo para fazer as cestas.

Com a mesma classe, dia 28/06/05, a professora utilizou o jogo “bola ao capitão” e houve grande interesse por parte da classe. Todos os alunos participaram. Observou que o jogo, suas regras e fundamentos foram assimilados pelos alunos de uma forma bem natural e tranqüila, e que houve aprendizado.

Na aula de 04/07/05 da 5ª série B, a professora utilizou o jogo “bola ao capitão” e houve uma participação bastante ativa por parte de toda a classe. No final da aula conversou com os alunos sobre o jogo e todos disseram que gostaram, mas alguns reclamaram que não jogaram muito, pois não recebiam a bola. Concluíram que o time vencedor foi aquele que passou mais a bola e se organizou melhor na quadra, por isso ninguém reclamou. As meninas também reclamaram que os meninos não

costumam passar a bola para elas. A professora aproveitou para discutir o conteúdo atitudinal sobre diferenças de gênero, e percebeu que essa discussão foi muito rica, pois levou os alunos a mudarem um pouco suas atitudes em quadra. Na próxima aula com esta mesma classe, que aconteceu dia 28/07/05, propôs aos alunos o “jogo do arremesso”. Afirmou que houve interesse de todos e, durante a aula um dos alunos perguntou sobre o “rebote” no basquete. Aproveitou e conversou com os alunos sobre este fundamento.

A professora 1 concluiu que acha importante trabalhar os jogos pré-desportivos em aula:

\_Nas primeiras aulas do 2º bimestre apliquei nas duas salas exercícios de fundamentos do basquete, como drible, passe e arremesso. Também houve participação e interesse dos alunos, mas com menos empolgação do que nos jogos que utilizei nas últimas aulas [...] (professora 1).

Além disso, ficou muito satisfeita com os resultados das aulas e afirmou que alcançou o objetivo de tratar o basquete nas aulas de Educação Física na sua totalidade, respeitando as três dimensões dos conteúdos.

A professora 2 assumiu que no início, estava meio insegura em utilizar um vídeo para trabalhar a dimensão conceitual na 8ª série do Ensino Fundamental, pois nunca manteve os alunos dentro da sala de aula. Mesmo assim, conversou com os mesmos, explicando a proposta da aula e passou o vídeo. Os alunos assistiram um período de um jogo de basquete nacional (FIBA -Federação Internacional de Basquetebol) e um período de um jogo de basquete da NBA – National Basketball Association.

O objetivo foi de conhecer melhor o fenômeno basquete, e perceber as principais diferenças entre a equipe nacional e a americana. A professora pediu para

que os alunos prestassem atenção nos dois jogos, tanto na maneira de jogar, quanto na quadra, nas regras e detalhes.

Ficou satisfeita com a atenção durante o vídeo. No final, perguntou para os mesmos se conheciam a NBA, e se já tinham assistido alguns jogos da liga americana. Muitos conheciam, mas no início não perceberam diferenças entre as regras da NBA e da FIBA. A professora insistiu um pouco, e começaram a fazer comentários sobre a diferença do garrafão, número de árbitros e o tempo de jogo.

A professora 2 completou a aula distribuindo um texto informativo sobre uma breve história da NBA, as equipes, os brasileiros atuantes e as outras diferenças de regras que não chegaram a perceber, (ANEXO 2).

Na dimensão procedimental, a professora 2 utilizou o jogo do “mata-mata” com o objetivo de treinar arremessos e organização. Comentou que os alunos adoraram a atividade por ser divertida, e realizaram a mesma com facilidade. Em seguida, dividiu a turma em equipes de cinco jogadores e fez um “coletivo” a pedido dos próprios alunos que ficaram motivados a jogar, principalmente depois do vídeo.

Além das resoluções de conflitos que ocorrem no decorrer das aulas, no final, conversaram sobre o respeito às regras, ao árbitro e aos colegas, contemplando a dimensão atitudinal.

A professora 3 resolveu aplicar as atividades para seus alunos de 6<sup>a</sup> e 7<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental.

Com a classe de 6<sup>a</sup> série, na dimensão conceitual, fez uma aula expositiva dia 30/05/05, sobre a história do basquete e comentou a ênfase que se dá ao futebol em relação aos outros esportes no Brasil. Um de seus alunos levantou também a questão da importância que a mídia dá ao basquete em comparação ao futebol, e

contou que no jornal local, quando tem campeonato de basquete a notícia sai bem pequena.

Depois, pediu para que os alunos formassem grupos e pesquisassem sobre o basquete na cidade de Americana – SP. Ficou satisfeita com o retorno dos trabalhos dia 05 de junho, pois apenas dois grupos não entregaram, mas conversando com os professores de outras disciplinas, percebeu que isso é comum. Além disso, no mesmo dia, passou um vídeo da TV Escola (basquete I), para mostrar os fundamentos do basquete (manejo de bola, drible, passe, arremesso, defesa, finta e rebote). Cerca de 50% da classe mostrou interesse no vídeo. É importante destacar que a professora achou que o vídeo mostra muitos fundamentos seguidos sem aprofundamento em nenhum. Afirmou que vai procurar outros vídeos de fundamentos ou utilizar trechos de jogos numa próxima vez.

Na aula de 08/06/05, na dimensão procedimental, realizou a “corrida dos números” (quicar a bola e arremessar na cesta), e o “jogo do arremesso”. Todos os alunos realizaram as duas atividades, e com entusiasmo. No “jogo do arremesso” a equipe que esperava a outra arremessar recebeu tarefas como: fiscalizar a ordem da fila, cronometrar o tempo e marcar os pontos.

Numa outra aula, dia 27/06/05, a professora 3 decidiu trabalhar o drible através de exercícios e não de jogos como havia feito na aula anterior. Organizou os alunos em colunas em pequenos grupos e deu uma bola para cada grupo:

Exercício 1- o primeiro aluno de cada coluna devia andar, executando o drible de maneira correta, e entregar a bola para o próximo da coluna. Pediu para que aumentassem a velocidade gradativamente sem perder a qualidade do movimento.

Exercício 2- o primeiro aluno de cada coluna devia quicar a bola “trotando”, parar na linha central da quadra e continuar quicando a bola sem olhar para a

mesma. Depois variou este exercício, pedindo que, ao parar na linha central da quadra, os alunos deviam olhar para o lado direito, depois para o lado esquerdo e voltar para a coluna.

A professora comentou que apesar de todos alunos participarem desta aula, o entusiasmo foi bem menor em relação à aula anterior.

No dia 30/05/05, propôs um coletivo de basquete com poucas regras.

Em várias atividades, afirmou que algumas normas e atitudes não foram previamente tratadas, com o objetivo de que os próprios alunos percebessem a necessidade de alterações nas atividades. Portanto, a dimensão atitudinal foi tratada no decorrer das aulas nas resoluções de conflitos, e no final, conversaram sobre a importância da cooperação durante as atividades.

Com a classe de 7ª série, dia 30/05/05, fez uma aula expositiva com um breve relato sobre a história do basquete e como esta modalidade esportiva chegou no Brasil. Foi levantada a questão cultural de que cada país tem seu esporte favorito (no caso do Brasil existem campinhos de futebol em todo lugar, assim como nos Estados Unidos, a maioria das casas possui uma cesta de basquete no quintal).

Depois, pediu para que os alunos formassem grupos e pesquisassem sobre o basquete no Brasil. Após um pouco mais de uma semana (08/junho), os alunos entregaram e apresentaram seus trabalhos. É importante destacar que um dos grupos trouxe uma curiosidade sobre basquete com cadeirantes.

Dia 06/06/05, utilizou também um vídeo da TV escola como estratégia de aula para a 7ª série, só que nesse caso, a classe mostrou bastante interesse. O vídeo basquete II não era muito diferente do vídeo basquete I e apresentava os movimentos de manejo de bola, drible, passe, arremesso, defesa, finta e rebote.

Na dimensão procedimental (15/06/05), utilizou a “corrida dos números”, só que desta vez além de quicar a bola e arremessar na cesta, os alunos deviam antes, driblar os cones. Primeiro explicou esta atividade na classe utilizando a lousa, depois todos alunos realizaram a mesma na quadra. A professora comentou que os alunos não queriam parar.

A segunda e a terceira atividade foram realizadas dia 20/6/05. A primeira foi “nunca 3 com com bola”, e alguns alunos demoraram um pouco para entender que a bola não podia ser arremessada para “pegar”, só precisavam “encostar” a mesma no colega. Todos participaram.

A segunda atividade deste dia foi o “jogo do arremesso” e a equipe que esperava a outra arremessar recebeu tarefas como: fiscalizar a ordem da fila, cronometrar o tempo e marcar os pontos. A participação foi total com bastante motivação, e não queriam parar a atividade.

Dia 22/06/05, a professora 3 propôs a atividade do “mata-mata” e comentou que na primeira rodada os alunos ficaram um pouco confusos e teve que interferir para que os mesmos conseguissem realizar a atividade corretamente. Depois que os alunos entenderam a dinâmica do jogo, e a importância da organização da fila, não queriam mais parar, de tanto que gostaram.

Na próxima aula (27/06/05), explicou a atividade “pega-pega com bola” na sala de aula. Na quadra, vários alunos queriam iniciar a atividade como “pegadores” e começaram com dois, usando os coletes para identificação. Após o sexto aluno ser pego, ficaram praticamente os mesmos pegadores (meninos), porque eles queriam e se deixavam pegar. Por isso houve interferência da professora, e sugeriu que mudassem algumas regras. Aproveitou o momento e discutiu com os alunos questões de gênero, contemplando a dimensão atitudinal. A partir daquele momento

os dois pegadores que iniciavam a atividade tinham como objetivo pegar primeiro as meninas e assim formar a equipe de pegadores com elas. Todos alunos participaram e conseguiram compreender bem a dinâmica do jogo e o motivo pelo qual foram alteradas algumas regras, ou seja, garantir a participação efetiva de todos.

A dimensão atitudinal foi tratada no decorrer das atividades, na resolução de conflitos, com o objetivo de que os próprios alunos percebessem a necessidade de alterações e organização.

A professora 4 também aplicou as atividades de basquete com seus alunos de 5ª série do Ensino Fundamental.

Para contemplar a dimensão conceitual, começou com um diálogo sobre a história do basquete, sua origem, o destaque desse esporte no Brasil e no seu país de origem (Estados Unidos), além de algumas regras básicas. Perguntou se os alunos já conheciam a modalidade, vivenciaram o jogo de basquete, e se já assistiram partidas pela Tv ou ao vivo.

A primeira atividade procedimental que desenvolveu foi a “corrida dos números”. Os objetivos principais foram o drible e o arremesso, mas trabalhou também com deslocamentos, mudanças de direção, lateralidade, agilidade e velocidade. Em seguida, realizou a atividade denominada “basquetão”. Desenvolveu noções de espaço, lateralidade e agilidade. De acordo com a professora, as atividades foram executadas por todos os alunos, e percebeu o prazer na prática, mas também uma competitividade acirrada. Após as práticas conversaram sobre a competição, o respeito às diferenças de habilidades e a importância da cooperação durante as atividades, como forma de considerar a dimensão atitudinal.

Assim como as professoras 1 e 4, a professora 5 também aplicou as atividades de basquete com seus alunos de 5ª série do Ensino Fundamental.

Na dimensão conceitual, a professora decidiu passar o vídeo “Space Jam” para os alunos da 5ª série A (24/05/05) e 5ª série B (28/05/05), com o objetivo de conhecerem a dinâmica do jogo. Na 5ª série A, percebeu que nem todos os alunos se interessaram pelo filme. Já na 5ª série B, todos alunos prestaram atenção, e no final fizeram comentários sobre o vídeo, tais como:

- os jogadores acreditaram neles mesmos;
- houve companheirismo e confiança.

Perceberam também que o ator principal, o ex-jogador da NBA Michael Jordan “quebra a munheca” com a maior facilidade, sem preconceito.

Com o objetivo de aproveitar o conteúdo do vídeo, a professora resolveu tratar da dimensão atitudinal perguntando para os alunos o que daria para ser feito na aula depois que assistiram o filme. Nas duas classes, os alunos sugeriram mais companheirismo nas próximas aulas, não pensar só nele mesmo (não ser “fominha”), além do envolvimento de todos os alunos em todas as atividades.

Na dimensão procedimental, dia 30/05/05, a professora 5 utilizou a atividade “bola ao capitão” e comentou que os alunos das duas classes adoraram, participaram e se divertiram muito. Desenvolveu a atividade utilizando somente os passes e alguns alunos tiveram um pouco de dificuldade, pois saíam correndo com a bola. Os mesmos foram corrigidos pela professora.

O “jogo do arremesso” foi desenvolvido no mesmo dia, e repetido pelas duas salas várias vezes até bater o sinal. Os alunos acharam ainda mais interessante que a primeira atividade. A função da professora era marcar o tempo (dois minutos) enquanto uma equipe arremessava, a outra, fiscalizava e ajudava a contar os pontos. Enquanto arremessavam, comentavam entre eles que deveriam “quebrar a munheca” como no filme. A professora achou o desafio muito interessante.

Além de aplicar os fundamentos por meio de atividades diversificadas, a professora 5 trabalhou os passes de peito e picado através de exercícios de repetição. Com a 5ª série A dia 15/06/05 e com a 5ª série B dia 07/06/05. Percebeu a diferença na participação dos alunos. Mesmo conversando e mostrando a importância da aprendizagem da técnica do movimento, alguns alunos se recusaram a fazer e só observaram a aula.

No momento de trabalhar exercícios de arremesso, (5ª A dia 20/06/05, e 5ª B dia 27/06/05), houve mais aceitação por parte dos alunos, pois a professora desafiou os mesmos a acertar mais bolas na cesta.

#### 4.9 Considerações finais do grupo

O nono e último encontro foi realizado dia 30 de junho de 2005, na casa da professora 3 e todos estavam presentes. A duração foi de aproximadamente duas horas.

A estratégia utilizada nessa etapa final do trabalho teve como instrumento um questionário (APÊNDICE C) de quatro perguntas, no qual, foram apresentadas as sugestões e contribuições para uma avaliação final.

- Na primeira questão, perguntei às professoras, se os encontros trouxeram contribuições para a sua prática pedagógica e por que. Em caso afirmativo, deveriam citar algum exemplo de contribuição.

Todas as professoras responderam esta questão afirmativamente, e a professora 1 confirmou que, a partir dos encontros começou a pensar como trabalhar as dimensões dos conteúdos, e a se preocupar em selecionar atividades que se encaixem em cada uma delas, integrando-as.

A professora 2 acredita que os encontros foram um tempo de aprendizagem, principalmente sobre o esporte nas três dimensões dos conteúdos. Afirmou que as trocas de experiências e atividades foram riquíssimas:

...aplicar em sala, os temas sugeridos foi um desafio que valeu a pena ver os resultados positivos [...] (professora 2).

A professora 3 respondeu que, no decorrer dos nossos encontros fizemos leituras de textos e discussões que colaboraram muito para melhorar o seu

entendimento dos conteúdos nas três dimensões, principalmente dos esportes. Começou a pensar nas atividades que iria propor para a classe com um olhar diferente, tentando trabalhar com mais atenção principalmente às dimensões conceitual e atitudinal.

A professora 4, afirmou que a partir das leituras e discussões feitas no grupo, passou a compreender melhor as três dimensões: conceitual, procedimental e atitudinal e relacioná-las com a prática. Apesar de já trabalhar o conteúdo jogo e o esporte nas suas aulas, agora, acredita que seja de uma maneira mais consciente e intencional que desenvolve atividades nestas dimensões.

Já a professora 5 possuía muita dificuldade em entender as três dimensões dos conteúdos. Após estas reuniões, acredita que ficou bem mais claro e agora fica mais preocupada em planejar as aulas considerando essas três dimensões.

No questionário inicial aplicado no primeiro encontro, apenas uma das participantes apontou as dimensões dos conteúdos como possibilidade de se trabalhar o esporte nas aulas de Educação Física escolar, diferentemente do que nos mostraram os resultados dos questionários finais, nos quais, todas as professoras afirmaram, depois de um processo de esclarecimento, ser capazes de planejar tendo em vista às dimensões e ministram aulas de grande interesse para os alunos.

- Na segunda questão, “com a experiência na atuação profissional, e depois desses encontros refletindo sobre o esporte nas três dimensões do conteúdo, na Educação Física escolar, que recomendações faria para um professor iniciante?”, as considerações foram as seguintes:

A professora 1 recomendaria estudo para que ficasse bem claro o que são as três dimensões, e que as colocasse em prática. Acredita que planejar desta forma, o conteúdo enriquece-se muito o planejamento, possibilitando ao aluno um entendimento melhor do assunto.

A professora 2 sugeriu que o professor iniciante aplique em sala de aula de forma consciente, as três dimensões, porque geralmente, acha que os iniciantes dão aulas sem ter noção desse conhecimento.

A professora 3 recomendou que o professor iniciante continue sempre em busca de leituras, informações novas que surgem, e discussões em grupos de estudo, como aconteceu com ela própria. Foi nesta somatória que entendeu melhor as possibilidades de trabalhar o esporte dentro das três dimensões e de todo contexto escolar para proporcionar aos alunos um aprendizado mais significativo.

A professora 4 sugeriu que o professor iniciante reflita sua prática, e pense que a Educação Física não se resume na prática pela prática, através dos conteúdos podemos enriquecer muito as nossas aulas, considerando as dimensões conceitual, procedimental e atitudinal, levando o aluno a obter mais informações e consciência sobre este conteúdo. Chamou atenção também para a possibilidade de trabalhar os diversos conteúdos da cultura corporal de movimento ao invés de restringi-los, tornando as aulas mais ricas e interessantes.

A professora 5 acredita que o professor iniciante deve estudar sobre as dimensões dos conteúdos, se já não o fez, e que fizesse parte de um grupo de estudos, pois na sua opinião, a troca é muito rica.

- Na terceira questão, perguntei, se tivessem que modificar alguma coisa nesses encontros, o que fariam?

Todas professoras responderam que não mudariam nada, apenas sugeriram mais encontros. Obtive os seguintes comentários:

\_Dos encontros que foram feitos não modificaria nada. Minha sugestão é que eles se tornem permanentes [...] (professora 3).

\_nossos encontros foram ótimos, contribuiu muito para refletir sobre a nossa prática e me senti estimulada para enriquecer minhas aulas [...] (professora 4).

\_Eu não mudaria nada. Os encontros foram ótimos. Todas as vezes saí renovada e com esperança de que dá para fazer algo a mais nas aulas [...] (professora 5).

- Na quarta e última questão, perguntei se gostariam de fazer mais algum comentário.

A professora 1 acredita que o grupo de estudos com orientação facilita e estimula o nosso trabalho no dia-a-dia, além de outros comentários:

\_Foi ótimo o tempo que passamos estudando [...] (professora 2).

\_Quero agradecer pela oportunidade de crescimento profissional que me foi proporcionada [...] (professora 3).

\_Gostei muito das discussões e troca de experiências [...] (professora 4).

\_Adorei fazer parte desse grupo. Você é ótima, sabe dirigir a reunião, não nos deixa constrangida, mas à vontade, sabe ouvir, opinar. Foi ótimo!!! [...] (professora 5).

Para finalizar, perguntei se realmente as professoras estão dispostas a considerar as três dimensões dos conteúdos em suas aulas, ou seja, tratar de maneira intencional a dimensão conceitual, procedimental e atitudinal em toda esfera de atividades da cultura corporal de movimento. Todas responderam positivamente, e acreditam que, depois dos encontros, considerar as três dimensões dos conteúdos ficou muito mais claro:

\_Para mim percebi que na grande maioria das aulas a gente já usava as três dimensões. Mas agora sou capaz de enxergar em qual momento é abordada tal dimensão, e poder trabalhar de maneira intencional cada uma delas [...] (professora 3).

Não deixei de agradecer mais uma vez às professoras, e falei o quanto são especiais por aceitarem participar de uma fase tão importante na minha vida.

## 5. CONCLUSÃO

Para Coll et al. (2000), conteúdo é uma seleção de formas ou saberes culturais, explicações, raciocínios, conceitos, habilidades, linguagens, valores, crenças, sentimentos, atitudes, modelos de conduta, interesses, dentre outros, cuja assimilação é considerada primordial para que se produzam desenvolvimento e socialização adequados nos alunos.

Ao longo da história da educação, alguns tipos de conteúdos tiveram uma presença desproporcional nas propostas curriculares (COLL, 2000; ZABALA, 1998). De acordo com Darido (2004b, p.59), o termo conteúdo vem sendo utilizado “para expressar o que se deve aprender, numa relação quase exclusiva aos conhecimentos das disciplinas referentes a nomes ou denominações, conceitos e princípio”. Sendo assim, a proposta de Zabala (1998,) amplia o conceito, considerando conteúdo tudo quanto se tem que aprender, abrangendo todas as capacidades, não só as cognitivas.

Portanto, este trabalho sugere a classificação dos conteúdos baseada em Coll et al. (2000), que correspondem às seguintes questões “o que se deve saber?”, “o que se deve saber fazer?”, e “como se deve ser?”, ou seja, considerar as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais, respectivamente.

A primeira parte desta pesquisa foi composta por um período de leitura e estudos sobre as possibilidades para o esporte nas aulas de Educação Física escolar, principalmente considerando as três dimensões dos conteúdos, além dos encontros desenvolvidos com as professoras, realizadas no procedimento metodológico. A seguir apresento as conclusões deste trabalho.

Os questionários iniciais respondidos pelas professoras no primeiro encontro indicaram algumas sugestões e dificuldades de se trabalhar o conteúdo esporte na sua totalidade. As sugestões foram: deixar claro para os alunos que os objetivos do esporte nas aulas de Educação Física escolar e nas turmas de treinamento são diferentes; respeitar o conhecimento prévio dos mesmos; respeitar o princípio da inclusão, e trabalhar o esporte num contexto geral, tendo um significado para o aluno.

Embora as dimensões dos conteúdos sejam parte integrante dos PCNs, compreender essas dimensões foram apontadas como principais dificuldades pelo grupo.

Mesmo assim, as primeiras reuniões mostraram que o grupo tinha um grande interesse em estudar, melhorar sua prática pedagógica e compreender o significado da dimensão conceitual, procedimental e atitudinal. Mas a principal dúvida, era de que maneira trabalhar essas três dimensões.

No decorrer dos encontros estudamos e conversamos muito sobre os PCNs e seus avanços. A partir daí, surgiram outras sugestões de como se tratar o esporte na sua totalidade. Foram elas: respeitar o princípio da diversidade de conteúdos e aprendizagem; trabalhar os temas transversais; respeitar as diferenças dos alunos (co-educação), além de dar atenção especial à mídia e sua relação com o fenômeno esportivo.

O próximo passo foi a etapa final. A estratégia utilizada teve como instrumento um questionário de quatro perguntas, no qual, foram apresentadas as sugestões e contribuições para uma avaliação final, mostradas no capítulo anterior.

Enquanto pesquisadora deste estudo, admito minha satisfação com os resultados trazidos pelas professoras participantes, e proponho que todos os conteúdos da Educação Física escolar sejam vistos desta forma, tendo em vista a riqueza que foi trabalhar com esse grupo.

Elas afirmaram que, sem dúvida, alcançaram o objetivo de tratar o esporte na sua totalidade nas aulas de Educação Física escolar, considerando as dimensões conceituais, procedimentais e atitudinais, principalmente depois da elaboração, aplicação e avaliação das atividades de basquetebol.

Sendo assim, meu objetivo também foi alcançado, podendo contribuir com o grupo, no sentido de apontar alguns avanços para melhorar a prática pedagógica e valorizar a nossa área.

## 6. REFERÊNCIAS

ANTÚNEZ, S., IMBERNÓN, L. M. del C., PARCERISA, A.; ZABALA, A. *Del proyecto educativo a la programación de aula*. Barcelona: Editorial Graó, 1999.

BASSANI, J.J., TORRI, D., & FERNANDEZ VAZ, A. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambigüidades. *Movimento*, Porto Alegre, v.9, n.2, p. 89-112, mai./ago. 2003.

BETTI, I.C.R. Reflexões a respeito da utilização do esporte como meio educativo na Educação Física escolar. *Kinesis*, Santa Maria, n. 15, p.37-43, 1997.

BETTI, I.C.R. Esporte na escola: mas é só isso professor? *Motriz*, Rio Claro, v.1, n.1, p.25-31, 1995a.

BETTI, I.C.R. Educação Física Escolar: a percepção discente. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.16, n.3, p.158-167, mai/1995b.

BETTI, I.C.R. *O prazer nas aulas de Educação Física: a perspectiva discente*. Campinas, Universidade de Campinas, 1992 (Dissertação de Mestrado).

BETTI, I.C.R.; BETTI, M. Novas perspectivas na formação profissional em Educação Física. *Motriz*, Rio Claro, v.2, n.1, p.10-15, junho/1996.

BETTI, I.C.R.; MIZUKAMI, M.G.N. História de vida: trajetória de uma professora de Educação Física. *Motriz*, Rio Claro, vol. 3, n. 2, p.108-115, dez./1997.

BETTI, M. Educação Física, Esporte e Cidadania. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 20, n.2/3, p.84-92, abr./set., 1999.

BETTI, M. *Educação Física e Sociedade*. São Paulo: Movimento, 1991.

BRACHT, V. A prática pedagógica em Educação Física: a mudança a partir da pesquisa-ação. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 23, n. 2, p.9-29, jan. 2002

BRACHT, V. Esporte na escola e esporte de rendimento. *Movimento*, Porto Alegre, v.6, n. 12, p.14-24, 2000/1.

BRACHT, V. *Educação Física e aprendizagem social*. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRACHT, V. Esporte-estado-sociedade. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.10, n.2, p.69-73, jan.1989.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Educação Física. Brasília: MEC, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Educação Física. Brasília: MEC, 1997.

CASTELLANI FILHO, L. *Política educacional e Educação Física*. Campinas: Autores Associados, 2002.

COLL, C.; POZO, J.I.; SARABIA, B.; VALLS, E. *Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

DAÓLIO, J. A construção cultural do corpo feminino ou o risco de se transformar meninas em antas. In: ROMERO, E. (Org.) *Corpo, mulher e sociedade*. Campinas: Papirus, 1995 a, p. 99-108.

DAÓLIO, J. *Da Cultura do Corpo*. Campinas: Papirus, 1995b.

DARIDO, S.C. A educação física na escola e o processo de formação dos não praticantes de atividade física. *Revista Brasileira de Educação Física e Esportes*, São Paulo, v.18, n.1, p.61-80, jan./mar. 2004a.

DARIDO, S.C. Educação Física Escolar: o conteúdo e suas dimensões. In: DARIDO, S.C.; MAITINO, E.M. *Pedagogia Cidadã: Cadernos de formação: Educação Física*. São Paulo: Unesp, Pró-reitoria de Graduação, 2004b, p.59-70.

DARIDO, S.C. Ensinar/aprender Educação Física na escola: influências, tendências e possibilidades. In: DARIDO, S.C. & MAITINO, E.M. *Pedagogia Cidadã: Cadernos de formação: Educação Física*. São Paulo: Unesp, Pró-reitoria de Graduação, p. 5-22, 2004c.

DARIDO, S.C. et al. Resenha do livro A Prática Educativa de Antoni Zabala. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v.23, n.2, p.195-205, jan. 2002.

DARIDO, S.C. et al. A Educação Física, a formação do cidadão e os Parâmetros Curriculares Nacionais. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, v.15, n.1, p.7-32, jan/jun. 2001.

DARIDO, S.C. *Educação Física na Escola: questões e reflexões*. Araras: Topázio, 1999.

DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DARIDO, S.C.; SANCHEZ NETO, L. O contexto da Educação Física na escola. In: DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, p.1-24.

DE MARCO, A.; MELO, J.P. de. Desenvolvimento humano, educação e esporte. In: MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R. *Esporte como fator de qualidade de vida*. Piracicaba: Editora Unimep, 2002, p. 337-352.

DUARTE, M. *O guia dos curiosos: esportes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GALVÃO, Z.; RODRIGUES, L.H.; MOTA E SILVA, E.V. Esporte. In: DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, p.176-198.

GASPARI, T.C. et al. Possibilidades da Educação Física na escola: ouvindo os professores. In: Anais do VII EnFEFE, 2003, Niterói: Universidade Federal Fluminense, p. 233-237, 2003.

KUNZ, Elenor. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Unijuí, 1994.

KUNZ, Elenor. O esporte enquanto fator determinante da Educação Física. *Contexto & Educação*, v.15, p.63-73, 1989.

LAWSON, H.A. Teachers uses of research in practice: a literature review. *Journal of Teaching in Physical Education*, v. 12, p.366-374, 1993.

LOVISOLO, Hugo. *Educação Física: Arte da Mediação*. Rio de Janeiro: Sprint, 1995, 152p.

PIGEAUSSOU, C. The various forms of environmentalist thinking within the field of sports activities: From the utopic to the realistic. In: DA COSTA, L. P.

*Environment and Sport: an international overview*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física Universidade do Porto, 1997.

RAMOS, G.N.S. *Preparação profissional em Educação Física: a questão dos estágios*. Campinas, Universidade de Campinas, 2002 (Tese de Doutorado).

RESENDE, H.G.; SOARES, A,J,G, Conhecimento e especificidade da Educação Física, na perspectiva da cultura corporal. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, supl. 2, p. 49-59, 1996.

RIBAS, J.F.M. et al. A cultura corporal de movimento em escolas de período integral: caminhos para a interdisciplinaridade. In: Anais do VII EnFEFE, Niterói: Universidade Federal Fluminense, p. 5-9, 2003.

RIBAS, J.F.M. *Contribuições da praxiologia motriz para a Educação Física escolar: ensino fundamental*. Campinas, Universidade de Campinas, 2002 (Tese de Doutorado).

SILVA, E.V.M.; VENANCIO, L. Aspectos legais da Educação Física e integração à proposta pedagógica na escola. In: DARIDO, S.C.; RANGEL, I.C.A. *Educação Física na escola: implicações para a prática pedagógica*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005, p.50-63.

SOARES, C.L. Educação Física Escolar: conhecimento e especificidade. *Revista Paulista de Educação Física*, São Paulo, supl. n.2, p. 6-12, 1996.

SOARES, C.L. et al. *Metodologia do ensino da Educação Física*. São Paulo: Cortez, 1992.

SOUZA JUNIOR, O.M. Educação Física Escolar, co-educação e questões de gênero. In: DARIDO, S.C.; MAITINO, E.M. *Pedagogia Cidadã: Cadernos de formação: Educação Física*. São Paulo: Unesp, Pró-reitoria de Graduação, 2004. p. 71-86.

STOCK, S. de C. V. *Entre a paixão e a rejeição: um quadro histórico-social dos CIEP's*. Americana: Adonis, 2004.

THIOLLENT, M. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez, 1992.

TUBINO, M.J.G. et all. *Telecurso 2000: Educação para o Esporte*. São Paulo: Globo, 2000.

ZABALA, A. *A prática educativa: como ensinar*. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

## **APÊNDICE A – Carta de apresentação às professoras.**

Rio Claro, 02 de fevereiro de 2005.

Caro(a) Professor (a):

Como estudante do Programa de Pós-Graduação em “Ciências da Motricidade Humana” da Universidade Estadual Paulista – campus de Rio Claro, na área de concentração “Pedagogia da Motricidade Humana” e linha de pesquisa em Educação Física escolar, venho me dedicando ao estudo do Esporte enquanto conteúdo conceitual, procedimental e atitudinal nas aulas de Educação Física escolar, no sentido de vislumbrar a aprendizagem deste conteúdo na sua totalidade.

Esta pesquisa se constituirá em 3 (três) etapas. Inicialmente o (a) professor (a) participante responderá a um questionário com o objetivo de detectar o conhecimento prévio sobre o tema, assim como suas dúvidas, opiniões, dificuldades e necessidades. Estas respostas serão base para a elaboração da próxima etapa, que se constituirá em 8 (oito) encontros coletivos, em local ainda não determinado, com duração de duas horas. Estes encontros poderão ocorrer na forma de vivências, debates, exposições e leitura de textos, visando debater e ampliar os olhares sobre a temática em questão. Em seguida, passaremos à última etapa, marcada para uma entrevista individual com o (a) professor (a) e a possibilidade de estarmos juntos no local de sua prática pedagógica.

Para tanto, venho por meio deste, convidá-lo (a) a participar desta pesquisa, que será desenvolvida a partir do conhecimento dos professores participantes e do conhecimento que a universidade vem nos proporcionando em relação ao Esporte

trabalhado nas três dimensões. Sendo assim, espero que possamos juntos, contribuir tanto para o nosso próprio crescimento e desenvolvimento profissional, quanto para o de nossa área.

Agradecemos desde já a sua atenção,

Profª Valéria Maciel Battistuzzi

Profª Irene C. Andrade Rangel

Instituto de Biociências

Departamento de Educação Física

UNESP – Rio Claro/SP

**APÊNDICE B – Questionário aplicado às participantes do projeto: O Esporte enquanto conteúdo conceitual, procedimental e atitudinal nas aulas de Educação Física escolar.**

1-Dados pessoais:

-Sexo: feminino ( ) masculino ( )

-idade: \_\_\_\_\_anos

-ano do término da graduação: \_\_\_\_\_

-graduação em instituição pública ( ) ou privada ( )

-há quanto tempo ministra aulas de Educação Física na escola?

\_\_\_\_\_anos

2-Como você analisa a Educação Física escolar hoje?

3-Quais conteúdos da Educação Física fazem parte das aulas que ministra?

4-Como você vê a relação entre Esporte e Educação Física escolar?

5-Por quais razões você acha que o Esporte é conteúdo de referência nas aulas de Educação Física escolar?

6-Como foi sua formação inicial (graduação) em relação ao Esporte?

7 – Este conteúdo interfere na sua prática pedagógica? Em caso positivo, de que forma?

8- Você encontra dificuldades para trabalhar o Esporte na Educação Física escolar? Em caso positivo, quais?

9 - Dê sugestões de como este conteúdo pode ser trabalhado na sua totalidade?

### **APÊNDICE C – Questionário final.**

1- Você acredita que esses encontros trouxeram contribuições para a sua prática pedagógica? Por que?

Em caso afirmativo, cite algum exemplo de contribuição.

2- Com sua experiência na atuação profissional, e depois desses encontros refletindo sobre o Esporte nas três dimensões do conteúdo, na Educação Física escolar, que recomendações faria para um professor iniciante?

3- Se você tivesse que modificar alguma coisa nesses encontros, o que faria?

4- Gostaria de fazer mais algum comentário?



## **ANEXO 1 – Origem e História do Basquetebol.**

Conforme [www.cbb.com.br](http://www.cbb.com.br), em 1891, o longo e rigoroso inverno de Massachussets tornava impossível a prática de esportes ao ar livre. As poucas opções de atividades físicas em locais fechados se restringiam a entediadas aulas de ginástica, que pouco estimulavam aos alunos. Foi então que Luther Halsey Gullick, diretor do Springfield College, colégio internacional da Associação Cristã de Moços (ACM), convocou o professor canadense James Naismith, de 30 anos, e confiou-lhe uma missão: pensar em algum tipo de jogo sem violência que estimulasse seus alunos durante o inverno, mas que pudesse também ser praticado no verão em áreas abertas.

Depois de algumas reuniões com outros professores de educação física da região, James Naismith chegou a pensar em desistir da missão. Mas seu espírito empreendedor o impedia. Refletindo bastante, chegou à conclusão de que o jogo deveria ter um alvo fixo, com algum grau de dificuldade. Sem dúvida, deveria ser jogado com uma bola, maior que a de futebol, que quicasse com regularidade. Mas o jogo não poderia ser tão agressivo quanto o futebol americano, para evitar conflitos entre os alunos, e deveria ter um sentido coletivo. Havia um outro problema: se a bola fosse jogada com os pés, a possibilidade de choque ainda existiria. Naismith decidiu então que o jogo deveria ser jogado com as mãos, mas a bola não poderia ficar retida por muito tempo e nem ser batida com o punho fechado, para evitar socos acidentais nas disputas de lances. A preocupação seguinte do professor era quanto ao alvo que deveria ser atingido pela bola. Imaginou primeiramente colocá-lo no chão, mas já havia outros esportes assim, como o hóquei e o futebol. A solução surgiu como um relâmpago: o alvo deveria ficar a 3,5m de altura, onde

imaginava que nenhum jogador da defesa seria capaz de parar a bola que fosse arremessada para o alvo. Tamanha altura também dava um certo grau de dificuldade ao jogo, como Naismith desejava desde o início.

Mas qual seria o melhor local para fixar o alvo? Como ele seria? Encontrando o zelador do colégio, Naismith perguntou se ele não dispunha de duas caixas com abertura de cerca de 8 polegadas quadradas (45,72 cm). O zelador foi ao depósito e voltou trazendo dois velhos cestos de pêssego. Com um martelo e alguns pregos, Naismith prendeu os cestos na parte superior de duas pilastras, que ele pensava ter mais de 3,0m, uma em cada lado do ginásio. Mediu a altura. Exatos 3,05m, altura esta que permanece até hoje. Nascia a cesta de basquete.

James Naismith escreveu rapidamente as primeiras regras do esporte, contendo 13 itens. Elas estavam tão claras em sua cabeça que foram colocadas no papel em menos de uma hora. O criativo professor levou as regras para a aula, afixando-as num dos quadros de aviso do ginásio. Comunicou a seus alunos que tinha um novo jogo e se pôs a explicar as instruções e organizar as equipes.

Havia 18 alunos na aula. Naismith selecionou dois capitães (Eugene Libby e Duncan Patton) e pediu-lhes que escolhesse os lados da quadra e seus companheiros de equipe. Escolheu dois dos jogadores mais altos e jogou a bola para o alto. Era o início do primeiro jogo de basquete. Curioso, no entanto, é que nem Naismith nem seus alunos tomaram o cuidado de registrar esta data, de modo que não se pode afirmar com precisão em que dia o primeiro jogo de basquete foi realizado. Sabe-se apenas que foi em dezembro de 1891, pouco antes do Natal.

Como esperado, o primeiro jogo foi marcado por muitas faltas, que eram punidas colocando-se seu autor na linha lateral da quadra até que a próxima cesta fosse feita. Outra limitação dizia respeito à própria cesta: a cada vez que um

arremesso era convertido, um jogador tinha que subir até a cesta para apanhar a bola. A solução encontrada, alguns meses depois, foi cortar a base do cesto, o que permitiria a rápida continuação do jogo.

Após a aprovação da diretoria do Springfield College, a primeira partida oficial do esporte recém-criado foi realizada no ginásio Armory Hill, no dia 11 de março de 1892, em que os alunos venceram os professores pelo placar de 5 a 1, na presença de cerca de 200 pessoas.

As primeiras cestas sem fundo foram desenhadas por Lew Allen, de Connecticut, em 1892, e consistiam em cilindros de madeira com borda de metal. No ano seguinte, a Narraganset Machine & Co. teve a idéia de fazer um anel metálico com uma rede nele pendurada, que tinha o fundo amarrado com uma corda mas poderia ser aberta simplesmente puxando esta última. Logo depois, tal corda foi abolida e a bola passou a cair livremente após a conversão dos arremessos. Em 1895, as tabelas foram oficialmente introduzidas.

Naismith não poderia imaginar a extensão do sucesso alcançado pelo esporte que inventara. Seu momento de glória veio quando o basquete foi incluído nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936, e ele lançou ao alto a bola que iniciou o primeiro jogo de basquete nas Olimpíadas. Atualmente, o esporte é praticado por mais de 300 milhões de pessoas no mundo inteiro, nos mais de 170 países filiados à FIBA (federação internacional de basquetebol).

## **ANEXO 2 – A História da NBA.**

De acordo com pesquisa na internet através do endereço [www.nba.com/brasil](http://www.nba.com/brasil), a poderosa NBA (National Basketball Association), foi fundada em 1946, reunindo 17 equipes profissionais. Nasceu da necessidade de se dar uma estrutura unificada às inúmeras ligas então já existentes no basquetebol profissional norte-americano, esporte que se tornava cada vez mais praticado entre todas as camadas populares. Atualmente são 30 equipes divididas em duas conferências, e cada conferência tem 15 equipes com três divisões de cinco equipes. A Conferência do Leste consiste na Divisão Atlântica (Boston, New Jersey, New York, Philadelphia, Toronto); Divisão Central (Chicago, Cleveland, Detroit, Indiana, Milwaukee); e Divisão Sudeste (Atlanta, Charlotte, Miami, Orlando, Washington). A Conferência do Oeste consiste na Divisão Noroeste (Denver, Minnesota, Portland, Seattle, Utah); Divisão Pacífica (Golden State, Los Angeles Clippers, Los Angeles Lakers, Phoenix, Sacramento); e Divisão Sudoeste (Dallas, Houston, Memphis, New Orleans, San Antonio). Como a NBA tem objetivos diferentes da Federação Internacional de Basquetebol (FIBA), suas regras apresentam algumas diferenças:

NBA	FIBA
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ 3 árbitros;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ 2 árbitros;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ 5 faltas coletivas;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ 4 faltas coletivas;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ 6 faltas individuais;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ 5 faltas individuais;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ 6,75 metros para a linha da cesta de 3 pontos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ 6,25 metros para a linha da cesta de 3 pontos;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ 24 segundos de posse de bola;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ 24 segundos de posse de bola;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ tempo de jogo decidido em 4 quartos de 12 minutos;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ tempo de jogo decidido em 4 quartos de 10 minutos;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ linha do garrafão reta;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ linha do garrafão em forma de trapézio;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Permite substituição entre lançamentos livres;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Não permite substituição entre lançamentos livres;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ 10 segundos para arremessar um lance livre;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ 5 segundos para arremessar um lance livre;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Duração do tempo é de 1:40;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Duração do tempo é de 1 minuto;</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Tempos podem ser solicitados pelo treinador ou pelos jogadores.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Tempos só podem ser solicitados pelo treinador.</li> </ul>